

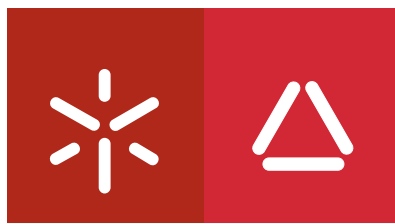
Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Fernando Manuel Pereira de Jesus

**Por detrás das câmaras: “o directo” e o
“gravado”**

Outubro de 2010



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Fernando Manuel Pereira de Jesus

Por detrás das câmaras: “o directo” e o “gravado”

Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Audiovisual e Multimédia

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professor Nelson Zagalo

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Doutor Nelson Zagalo, pela sua disponibilidade e pelo empenho demonstrado na orientação deste projecto.

Queria ainda agradecer à Direcção do Departamento de Ciências da Comunicação, à Direcção do Mestrado em Ciências da Comunicação e à Presidência do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, nas pessoas dos Prof. Doutores Joaquim Fidalgo, Rosa Cabecinhas e Miguel Bandeira, pela possibilidade que me concederam em frequentar este Curso e dele retirar ensinamentos para a minha formação profissional e académica.

Enquanto anteriores responsáveis pelo Departamento de Ciências da Comunicação, pela Direcção do Curso de Mestrado e pela Presidência do Instituto de Ciências Sociais, gostaria também de agradecer aos Prof. Doutores Helena Sousa, Manuel Pinto e Moisés Martins, a abertura, incentivo e disponibilidade que sempre me dispensaram, sobretudo em momentos de maiores incertezas.

À Rádio e Televisão de Portugal, ao Subdirector do Departamento de Meios de Produção e responsável por este estágio, Rui Neves e ao Dr. Branco da Cunha pela oportunidade que me concederam em o poder frequentar, acompanhando diversas equipas em diferentes momentos, espaços e programas. Cabe aqui um agradecimento muito particular aos vários profissionais com quem me cruzei durante o estágio, pelo excepcional voluntarismo, simpatia e receptividade demonstrados.

Ao Ângelo Peres, pela partilha de ideias, pelo interesse e abertura que sempre demonstrou e, sobretudo, pela sua grande amizade e disponibilidade.

Ao António Magalhães, grande amigo e “companheiro de viagem”, agradeço a forma esclarecida como sempre me acompanhou e encorajou, partilhando comigo os seus amplos conhecimentos, evidenciando desta forma, uma amizade de excelência.

À Francisca Fidalgo, pela sua pronta generosidade.

Ao Francisco Mendes, um admirável professor e um extraordinário amigo na ajuda, no estímulo, e na disponibilidade, auxiliando sempre com diferentes ideias e com novos caminhos.

Ao meu amigo João Paulo Teixeira, pela forma como foi acompanhando este meu percurso formativo, ajudando sempre com os seus valiosos conselhos.

Aos meus colegas do curso de Mestrado, particularmente ao grupo restrito que mais de perto me acompanhou e melhor sentiu o pulsar do nosso dia-a-dia.

Finalmente, à minha família: à Cláudia, pelo lugar de relevo que desempenha na minha vida e pelo papel importante que teve no desenvolvimento deste trabalho. Sem o seu auxílio, a sua presença, a sua força, a sua paciência, o seu amor e carinho, tudo teria sido muito mais difícil. Aos meus irmãos e às experiências que em conjunto vivemos. Pelo caminho que percorremos, apesar de em alguns casos, separados pela incontornável distância. Finalmente, aos meus pais, grande suporte da minha instrução. Pelo seu carinho e pela forma como sempre souberam transpor situações adversas, fazendo uso de formas competentes e sábias de educação e de orientação espelhadas nos valores morais e de cidadania que sempre me transmitiram.

À Cláudia, à minha família e aos meus amigos.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Fernando Pessoa, *in* “Mensagem”

RESUMO

Este estágio, inserido no Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Audiovisual e Multimédia do Departamento de Ciências da Comunicação, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, permitiu ao longo de três meses, perceber a orgânica da produção diária da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), nos estúdios do Porto. Durante este período foi-nos possível acompanhar diferentes equipas em contextos igualmente distintos. O nosso propósito inicial sempre foi o de poder compreender todo o trabalho de produção televisiva, não confinando o nosso acompanhamento a somente um ou outro aspecto dessa mesma produção. Para isso, foi-nos dada a oportunidade de seguir diversas equipas de trabalho em diferentes áreas e programas. Acompanhámos programas em estúdio e no exterior, em directo, em diferido (“live-on-tape”) e também programas gravados. Enquadrados neste propósito, seguimos de perto o trabalho de produção e da equipa de realização.

Fruto deste acompanhamento verificámos que um programa tem as suas próprias dinâmicas e as suas especificidades, dependendo do tempo e do local de emissão, ou seja, se é em directo ou gravado, realizado em estúdio ou no exterior. Daí que, o nosso principal objectivo com este estágio tenha sido o de tentar compreender aquilo que distancia dois programas transmitidos a partir do exterior, um directo, outro gravado.

Depois de termos acompanhado diferentes situações de directos e de gravações, decidimo-nos por fazer um paralelismo entre o programa de entretenimento “Praça da Alegria”, realizado em directo, a partir de Viana do Castelo e o programa sobre gastronomia “Gostos e Sabores”, gravado na Quinta do Seixo, no concelho de Tabuaço. Quisemos, com este estudo, efectuar uma comparação entre os dois programas, mesmo sabendo à partida, que as suas essências eram distintas. Centrámos assim a nossa análise em diferentes aspectos, nomeadamente ao nível dos meios técnicos e humanos, da produção, da iluminação, do som, da imagem e dos cenários. Foi ainda nosso objectivo, perceber as diferentes etapas de produção por que cada um passa. O que concluímos é que fará todo o sentido optar pela emissão em directo de determinado tipo de programas, em detrimento de outros, cuja gravação nos parece o caminho mais adequado.

ABSTRACT

This internship, enclosed in the Master Course of Communication Sciences, specialization area of Audiovisual and Multimedia, of “Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho”, allowed along three months, to understand the organic of the daily production of “Rádio e Televisão de Portugal” (RTP), in the studios of Porto. Over that period of time it was possible to follow different teams, in different contexts. The original purpose was to understand all the work involving television production, and not only to follow one of the aspects of such production. It was possible to accompany different work teams in specific areas and programmes. Live, live-on-tape and recorded television programmes were attended, both in studio and on location. In this way, the production and direction work was closely observed.

As a result of this monitoring work, it was confirmed that a television programme has its own dynamic and specificities, depending on the time and setting, this is, if it is live or recorded, in studio or on location. For that reason, our main goal was the comprehension of what separates two programmes broadcasted on location, one live and the other recorded.

After following different live and recorded programmes, we decided to make a comparison study between the entertainment program “Praça da Alegria”, broadcasted live from Viana do Castelo, and the gastronomy program “Gostos e Sabores”, recorded in Quinta do Seixo, Tabuaço. It was our purpose with this study to make a detailed comparison between the two programmes, knowing from the start their distinct essences. Thus, our analysis was focused on different aspects, including technical and human resources, production, lighting, sound, images and scenarios. It was also our goal to understand the different production stages of each one. We this study we concluded that it is more appropriated to do a live transmission for certain types of programmes, while for others recording seems to be the most suitable path.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE	XI
LISTA DE IMAGENS	XIII
LISTA DE ANEXOS	XV
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – A INSTITUIÇÃO “RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL” - RTP	21
1.1 Contexto social para o aparecimento da Televisão em Portugal	21
1.2 A criação e o processo evolutivo	23
1.3 Os momentos marcantes	32
1.4 A RTP hoje. Como ela se organiza	40
1.4.1 Os diferentes canais de televisão	40
1.4.2 As Delegações Internacionais	43
1.4.3 As Delegações Regionais	44
CAPÍTULO II – ESPAÇOS E PROJECTOS ACOMPANHADOS DURANTE O ESTÁGIO	45
2.1 “Eucaristia Dominical” - Igreja de Ramalde - Porto	45
2.2 “Trio de Ataque” - estúdio A - RTP	47
2.3 “Praça da Alegria” – estúdio C - RTP	49
2.4 “Danças na Praça” - Convento de São Bento da Vitória - Porto	53
2.5 “Programa das Festas” - Braga	55
2.6 Acompanhamentos pontuais - RTP	59
2.7 Programas de informação diária da RTP1 e da RTPN – régie do estúdio D - RTP	62
2.8 “5ª Meia Maratona - Douro Vinhateiro” - Régua	66
2.9 A pós-produção - RTP	68
2.9.1 A pós-produção vídeo linear	68
2.9.2 A pós-produção áudio	69
2.9.3 A pós-produção vídeo não linear	70
2.10 Acompanhamento de uma equipa de reportagem - Braga	71

	Nota final	73
	CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASO	75
3.1	Objectivos e metodologia utilizada	75
3.2	Etapas de uma produção televisiva	77
3.3	A tipologia dos programas de televisão	78
3.4	Programa directo	79
3.5	Programa gravado	81
3.6	Comparação: análise de dados	83
3.6.1	Semelhanças	93
3.6.2	Diferenças e vantagens	93
3.6.3	Conclusões do estudo	99
	CONCLUSÃO	101
	ANEXOS	105
	BIBLIOGRAFIA	129
	GLOSSÁRIO	131

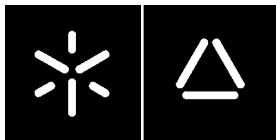
LISTA DE IMAGENS

	CAPÍTULO I – A INSTITUIÇÃO “RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL” - RTP	21
Imagem 1.1	As “Conversas em Família”, protagonizadas por Marcello Caetano.	30
Imagem 1.2	O projecto educativo escolar “Telescola”.	30
Imagem 1.3	Uma actuação musical em estúdio.	32
Imagem 1.4	A recepção à rainha de Inglaterra.	33
Imagem 1.5	O primeiro “carro de exteriores” da RTP utilizado nos directos.	34
Imagem 1.6	Fialho Gouveia faz a apresentação dos elementos da Junta de Salvação Nacional, responsável pelo golpe militar ocorrido no dia 25 de Abril de 1974.	36
Imagem 1.7	Um dos primeiros programas televisivos infantis: a “Heidi e o Marco”.	37
Imagem 1.8	Os “Jogos Sem Fronteiras”, programa de grande animação.	38
Imagem 1.9	A assinatura do tratado de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.	39
Imagem 1.10	A RTP vista além fronteiras com o aparecimento da RTP Internacional.	40
	CAPÍTULO II – ESPAÇOS E PROJECTOS ACOMPANHADOS DURANTE O ESTÁGIO	45
Imagem 2.1	O estúdio C e a posição das câmaras no programa “Praça da Alegria” – Porto.	50
Imagem 2.2	A montagem dos equipamentos para o programa “Danças na Praça” – Porto.	54
Imagem 2.3	Os ensaios e a definição dos espaços no programa “Danças na Praça” – Porto.	55
Imagem 2.4	O “Programa das Festas” e as condições climatéricas adversas – Braga.	57
Imagem 2.5	A operação na régie de imagem do “Programa das Festas” - Braga.	58
Imagem 2.6	A Central Técnica e os sinais que ali se partilham - RTP.	59
Imagem 2.7	A régie de áudio que serve o estúdio D da RTP.	62
Imagem 2.8	A régie de imagem que serve o estúdio D da RTP.	64
Imagem 2.9	A régie de imagem e as diferentes perspectivas que um “carro de exteriores” nos permitiu observar no programa “5ª Meia Maratona - Douro Vinhateiro” - Régua.	67
Imagem 2.10	O trabalho do operador de imagem na transmissão do programa “5ª Meia Maratona - Douro Vinhateiro” - Régua.	67
Imagem 2.11	A pós-produção áudio não linear - RTP – Porto.	70

	CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASO	75
Imagem 3.1	Montagem do “carro de exteriores” para o programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	83
Imagem 3.2	Os recursos e a equipa de produção do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo – Tabuaço.	84
Imagem 3.3	Montagem da iluminação para o programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	87
Imagem 3.4	A minúcia do trabalho de iluminação na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	87
Imagem 3.5	A consola da régie de áudio do “carro de exteriores” do programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	88
Imagem 3.6	As câmaras usadas no programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	90
Imagem 3.7	As câmaras usadas na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	90
Imagem 3.8	A assistência como cenário no programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	91
Imagem 3.9	A paisagem envolvente como cenário nas gravações do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	92
Imagem 3.10	A claquete e as informações que fornece na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	94
Imagem 3.11	A gravação das diferentes cenas do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	95
Imagem 3.12	Os ensaios prévios feitos antes do programa “Praça da Alegria” entrar em directo – Viana do Castelo.	97
Imagem 3.13	O realizador e a sua equipa definem posições e tarefas para a gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço.	97

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Alinhamento do programa “Praça da Alegria” – estúdio C – Porto.	105
Anexo 2	Alinhamento do programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo.	109
Anexo 3	Alinhamento do “Programa das Festas” – Braga.	114
Anexo 4	Alinhamento do programa “Danças na Praça” – Convento de São Bento da Vitória - Porto.	120



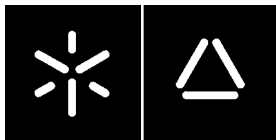
INTRODUÇÃO

Quando em 1957 a televisão surgiu em Portugal, era um bem escasso e não se encontrava ao alcance da carteira de muitos portugueses. Hoje, com a “democratização” deste poderoso meio de comunicação, diariamente milhões de pessoas acompanham nas suas casas, nos locais de trabalho, nos espaços de lazer e entretenimento, em locais públicos, ou mesmo pela internet, as várias emissões televisivas. São conteúdos muito diversificados, aqueles que preenchem e animam o dia-a-dia dos telespectadores, com transmissões diárias ininterruptas. A companhia da televisão acaba assim por «explicar, partilhar, fazer sonhar, sensibilizar, chocar, suscitar a reflexão, a adesão ou a rejeição, anestesiar ou excitar, mostrando-nos imagens e fazendo ouvir os sons» (Jespers, 1998: 68). Ela exerce hoje um poder muito forte no dia-a-dia das sociedades. Marca-nos diariamente com as histórias que nos conta e, sobretudo, com a companhia que nos faz.

Tudo isto é possível porque, diariamente, homens e máquinas trabalham activamente, por detrás das câmaras, para trazerem até nós aquele programa que tanto gostamos, a informação diária de que não prescindimos, as últimas novidades que vão surgindo nas mais variadas latitudes, fazendo com que a televisão seja um veículo privilegiado de produção de ficções e de realidades que acompanham o quotidiano da nossa sociedade.

Mas, afinal, para que esta poderosa “caixa mágica” e os seus conteúdos cheguem até nós, como tudo é possível? Como se consegue essa diversidade de programas e como são produzidos? Tudo isto é o resultado de um árduo trabalho de profissionais, dispostos por diversos sectores e especializados nas diferentes áreas. É sobre todo este trabalho de produção que nos propusemos reflectir neste projecto: quem leva até nós tanta e tão diversificada programação, como ela se faz, e com que meios ela é possível?

Foi com o intuito de encontrar respostas para algumas destas questões que iniciámos este projecto de estágio, revestido de particularismos muito próprios e que julgamos de grande interesse. Não foi nosso propósito abordar especificamente o trabalho realizado neste ou naquele sector, as singularidades de um programa. Antes sim, quisemos estudar uma produção

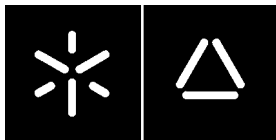


televisiva como um todo envolvente. Daí que, logo à partida, nos tenhamos proposto a percorrer, no decurso do estágio na RTP, os espaços fundamentais para uma emissão televisiva diária. Acompanhámos os diferentes sectores e em diferentes programas. Privilegiámos também a produção e realização informativas, acompanhando diariamente diversos blocos noticiosos. Todavia, achámos indispensável assistir a programas realizados no exterior, dadas as características únicas a eles associados. E foi nestes diferentes acompanhamentos externos que acabou por se centrar o nosso estudo, resultando num paralelismo feito entre um programa emitido em directo e um programa gravado. A tarefa não se apresentou fácil. Logo à partida, o factor tempo e a impossibilidade de uma presença diária, manifestou-se desde logo impeditiva para esboçar um estudo mais consistente. Depois, como na área onde se centrou o nosso interesse de estudo havia programas muito semelhantes, as nossas hipóteses de análise não se afiguravam muito diversificadas.

O nosso propósito com este estudo é, assim, proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre aquilo que distingue um programa de televisão emitido em directo e um outro gravado. Pretendemos também dar a conhecer as diferentes etapas de produção por que cada um passa, com toda a envolvimento que a cada um assiste, nomeadamente ao nível dos recursos técnicos e humanos.

Para melhor compreendermos todo este pulsar, acompanhámos o trabalho de produção e realização, em estúdio e no exterior, compreendendo programas emitidos em directo, para emissão em diferido (“live-on-tape”) e gravados, com posterior pós-produção e emissão. Toda esta diversidade de projectos que acompanhámos permitiu-nos reunir um manancial de conhecimentos capaz de poder traçar paralelismos entre um tipo e o outro.

Depois de assistirmos a alguns projectos decidimo-nos por estudar particularmente o caso do programa “Praça da Alegria”, transmitido em directo desde a cidade de Viana do Castelo e o programa “Gostos e Sabores”, gravado na Quinta do Seixo, concelho de Tabuaço. É certo que são programas diferentes e, logo à partida, as diferenças, por si só já eram muitas. Todavia, o nosso trabalho não se centrava no estudo da essência dos dois, antes sim, na diferença entre um programa transmitido em directo e outro gravado, tomando aqueles dois



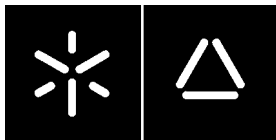
como nossos exemplos. A nosso ver julgamos ter conseguido retirar desse estudo ilações importantes que podem dar a conhecer alguma da envolvimento que a cada um assiste.

Como o estágio foi realizado na empresa Rádio e Televisão de Portugal, no Departamento de Meios de Produção, no Porto, achámos por bem iniciar o primeiro capítulo deste projecto com uma breve abordagem sobre a situação social vivida em Portugal na época e o contexto em que a televisão portuguesa dá os seus primeiros passos. Num ponto posterior, traçámos um historial da evolução que a televisão pública sofreu até à sua consolidação estrutural e também os momentos marcantes que acompanharam o seu crescimento. Em simultâneo, fizemos referência à forma como a RTP se organiza, com o aparecimento de novos canais a nível nacional, regional e internacional.

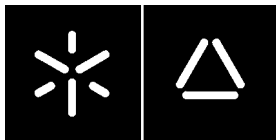
Num segundo capítulo, abordámos os diferentes locais que percorremos durante o estágio, tentando descrever a forma e a importância das tarefas que a cada profissional são pedidas. Esta experiência foi importante sobretudo para perceber melhor as tarefas que a cada um compete. Convém não esquecer que “fazer televisão” é um trabalho de equipa que requer uma total sintonia entre os seus diferentes membros e um sentido de responsabilidade elevado, sobretudo quando se trabalha em “directo”.

Num terceiro capítulo, traçámos as linhas mestras do nosso estudo, onde descrevemos os objectivos e a metodologia usada. Tentámos dar uma explicação sucinta sobre as diferentes etapas de uma produção televisiva e a tipologia que caracteriza os vários programas existentes. Partindo para o nosso “estudo de caso”, fizemos uma abordagem a um programa em directo e a um outro gravado, fazendo um paralelismo entre ambos através da análise das diferentes etapas e práticas que os caracterizam. Finalmente, tentámos mostrar aquilo que os distingue e as vantagens que cada um nos pode oferecer.

Em termos gráficos, socorremo-nos de fotografias que conseguimos reunir através de bibliografia consultada, assim como de fotografias obtidas no decorrer dos diferentes programas acompanhados. Juntámos também, como anexos, diferentes alinhamentos de programas de forma a melhor poder mostrar o seu fio condutor.



Dada a grande quantidade de termos usados em televisão e de carácter mais técnico, decidimo-nos por adicionar igualmente um glossário que tenta dar resposta a uma ou outra dúvida que surja com o decorrer da leitura deste trabalho.



CAPÍTULO I – A INSTITUIÇÃO “RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL” - RTP

1.1 Contexto social para o aparecimento da Televisão em Portugal

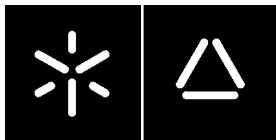
Portugal era, na segunda metade do século XX, sobretudo até aos anos oitenta, um país rural, fechado e pouco instruído. Estes são, por assim dizer, os adjectivos mais comuns que a História encontrou para qualificar a sociedade portuguesa daquela época. A maioria da população do interior do país era analfabeta; «a informação escassa; a cultura inexistente e as novidades velhas» (Barreto, 2007: 12).

O país apresentava-se a dois tempos. Por um lado, as grandes cidades, como Lisboa e Porto, normalmente tidas como centros de decisão, onde a informação, a cultura, o entretenimento e o acesso a alguns bens e serviços se fazia dentro de uma contida normalidade. Por outro, ao invés, o campo vivia envolto em atraso, pobreza, distante e num clima de pura subsistência! Rareava tudo, inclusive, bens de primeira necessidade. Para além da escassez descrita, estruturas essenciais à vida humana como uma rede eléctrica generalizada, eram inexistentes. Estudar à luz da vela ou da candeia a petróleo eram obstáculos e práticas habituais para quem queria alcançar um nível de instrução mais condizente com os seus próprios anseios.

As fracas vias de comunicação, associadas ao mau estado das mesmas, faziam com que se “alongassem” distâncias, contribuindo para que as deslocações se tornassem morosas e, muitas vezes, impossíveis. Tomando como exemplo, para fazer uma ligação rodoviária entre as cidades de Vila Real e do Porto, apesar dos escassos cem quilómetros que as separa, eram necessárias cerca de cinco horas de viagem. As “voltinhas do Marão”¹ eram inevitáveis! As notícias “frescas” do dia apenas se conseguiam ao início da tarde, altura em que os primeiros jornais diários chegavam na primeira “carreira”²! Estas dificuldades faziam com que a informação chegasse tardiamente. Assim, desta forma, quando o destino final era alguma das aldeias circundantes dos concelhos, os jornais diários acabavam por chegar, muitas vezes, nos

¹ Referência para o traçado irregular, com inúmeras curvas e contracurvas que a estrada que atravessava aquela serra apresentava.

² Designação habitual nas localidades de província quando se referiam ao serviço regular de transportes colectivos.



dias seguintes. Com este exemplo, através deste pequeno retrato, se vê a dificuldade que estas populações sentiam no acesso à informação.

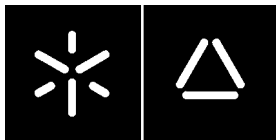
A Televisão começou a emitir em finais dos anos 50. Estas emissões começaram por cobrir regiões muito específicas, sobretudo nas grandes cidades, não se democratizando, em simultâneo, pelos diferentes lugares do país. As emissões eram de muito má qualidade e as imagens surgiam frequentemente com “areia”³ e com interferências várias. O sinal não chegava a certos locais interiores. Para além disso, com a posterior emissão de um segundo canal (1968), este não cobre grande parte do país, só o conseguindo, fruto de um grande esforço de engenharia, através da construção ou renovação de alguns centros emissores.

Apesar destes pequenos avanços, faltava o essencial: uma rede eléctrica que, entre outras utilidades, permitisse alimentar os aparelhos de televisão. No país inteiro, sobretudo nas aldeias, «quase dois terços dos agregados familiares não tinham electricidade em casa» (Barreto, 2007: 13). Esta carência privou as populações do acesso à informação diária, provocando-lhes, durante muitos anos, um excessivo isolamento, impossibilitando-as de assistir aos vários conteúdos que a televisão veiculava.

O mundo de pobreza em que aqueles habitantes viviam contrastava com os elevados valores que os aparelhos de televisão custavam. Sem electricidade e sem dinheiro que proporcionasse a aquisição daquele pequeno “ecrã mágico”, poucas pessoas se atreviam a comprar geradores de corrente eléctrica para o conseguir. Para além disso, o complexo trabalho de manuseamento dos aparelhos não correspondia com os parcos conhecimentos que a maioria dessas pessoas possuía.

Em comunidades pouco numerosas, os habitantes mais curiosos aproveitavam para ver televisão no café “da terra”. Foi assim, desta forma simples, que se deram muitos dos primeiros contactos com o “pequeno ecrã”.

³ Designação habitualmente usada para classificar a fraca qualidade na recepção do sinal de televisão.



1.2 A criação e o processo evolutivo

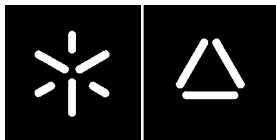
Corria já a segunda metade da década de 50 do século passado quando se iniciaram as primeiras emissões da televisão em Portugal, num processo relativamente tardio no contexto europeu⁴ (Coelho, 2005: 65). A exemplo do que se verificava noutras vertentes da produção cultural, a natureza particular do regime político da época não privilegiava a abertura à modernidade, procurando obstar através de mecanismos de controlo, a divulgação de novos meios de comunicação que pudessem incrementar a difusão de ideias potencialmente agitadoras da placidez reinante na sociedade portuguesa de então⁵ (Rosas, 1998: 451).

Todavia, mesmo dentro do regime, esta política de manutenção do *status quo* não era consensual, havendo quem tivesse percebido, desde muito cedo, a extrema importância da televisão enquanto veículo privilegiado para a consolidação do modelo de sociedade defendido pelo Estado Novo (Cádima, 1996: 37). Esse foi o caso de Marcello Caetano, um dos mais destacados membros da classe política da época e, frequentemente apontado como um dos eventuais sucessores do Presidente do Conselho, António Salazar (Rosas, 1998: 485). Em 1955 era ministro da Presidência, um cargo que o colocava muito próximo do decisor máximo do regime, permitindo-lhe, de alguma forma, abrandar a extrema desconfiança com que era encarada a novidade. Nesse ano é nomeada uma comissão de estudo de execução do projecto. Em Setembro do ano seguinte, iniciam-se as emissões experimentais no recinto da Feira Popular, em Lisboa. Importa, todavia, ter sempre presente a natureza particular de um regime pouco propenso para se abrir às novas ideias e, conseqüentemente, à sua ampla divulgação junto de um povo adormecido por um discurso que exaltava as suas qualidades únicas no contexto europeu e mundial⁶ (Castrim, 1997: 13). Permitir a entrada de um instrumento que

⁴ Em 1947, havia na Grã-Bretanha 100.000 televisores registados.

⁵ O historiador Fernando Rosas classifica esse período da década de 50, como sendo os «anos de chumbo», no sentido em que se assistia a um recuo da oposição ao regime depois de verem desfeitas as esperanças resultantes do triunfo das forças aliadas na II Guerra Mundial.

⁶ Num país que no início dos anos 70 do século passado ainda tinha vastas zonas do território sem luz eléctrica, mas onde a força da televisão era tal que se alimentava o aparelho com o recurso a meios alternativos, como se dava conta numa reportagem realizada numa aldeia do interior do país: «Este é o único televisor da aldeia de Pielas. Um televisor em forma de miniatura, alimentado por bateria de carro». Repórter da RTP citado por Mário Castrim.



poderia abalar essas convicções, era algo olhado com bastante suspeição por um número significativo de dirigentes máximos do regime⁷ (Cádima, 1996: 335). Porém, havia mecanismos de controlo que permitiriam amolecer essas potenciais ameaças. A existência de um regime de censura prévia exercida na imprensa escrita, na rádio, no cinema e noutras formas de expressão do pensamento, iria vigiar muito de perto o novo fenómeno de comunicação e de entretenimento.

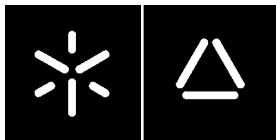
A par da censura, os decisores políticos procuraram, desde logo, prever que os principais responsáveis pela gestão da empresa concessionária comungavam dos mesmos ideais do regime. É neste entendimento que não surpreende a nomeação do primeiro presidente do conselho de administração da RTP, uma personalidade que reunia qualidades de gestor, mas, tanto ou mais importante, inquestionável currículo de ligação ao regime político. Camilo de Mendonça⁸ é amigo de Marcello Caetano e detém responsabilidades na hierarquia da União Nacional, a estrutura política que suportava o regime. A este, juntava-se na direcção de programas uma figura que muito agradava ao Estado Novo, o integralista Domingos de Mascarenhas, o que desde logo denunciava a especial intenção do regime em manter sob observação e controlo, o único canal público existente em Portugal.

Note-se que, apesar de toda a desconfiança com que Salazar via o novo meio de comunicação, não enjeitou a oportunidade de aparecer em directo com o discurso que marcou a abertura da campanha eleitoral de 1958 para a eleição do Presidente da República (Cádima, 1996: 144). Tal privilégio foi negado aos opositores, o que é desde logo inequívoco sobre a designação “portuguesa” exibida no nome da estação.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a ideia de introduzir em Portugal a “novidade” chamada televisão, ia sendo gradualmente aceite entre as principais figuras do regime, na

⁷ Salazar considerava a Televisão como «uma janela aberta por onde entra o cosmopolitismo, capaz de corromper o povo com outras ideias e apagar a identidade nacional», naquilo que o investigador Francisco Rui Cádima considera como sendo, no início, «uma posição defensiva e expectante face ao desenvolvimento de um novo e poderoso meio de comunicação como a televisão».

⁸ Licenciado em Agronomia, ingressou na vida política integrando a União Nacional. Primeiro presidente do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa, SARL, foi igualmente deputado eleito pelo círculo eleitoral de Bragança à Assembleia Nacional entre 1953 e 1973.



segunda metade da década de 50 do século XX. Por essa ocasião começaram os estudos preparatórios e a produção de legislação que enquadrasse a actividade.

O documento instalador da RTP foi o DL n.º 40 341 de 18 de Outubro de 1955, promulgado pelo Presidente da República, Francisco Higino de Craveiro Lopes e subscrito pelo Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, Ministro da Presidência, Marcello Caetano, e demais ministros (Costa, 1997: 9-10). Nos termos desse diploma, era prevista a constituição de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com a qual o Estado iria proceder à contratação da «concessão do serviço público de televisão em território português», tal como se definia no artigo 1.º do citado diploma. Para o efeito, determinava-se no artigo seguinte que o capital social da sociedade a constituir, não poderia ser inferior a 60 milhões de escudos, valor muito significativo para a época⁹, reservando-se desde logo 1/3 do capital à subscrição estatal e o restante às empresas de radiodifusão existentes, bem como aos subscritores particulares.

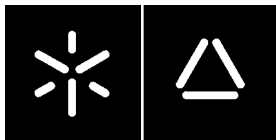
Poder-se-ia desde logo questionar esta aparente alienação do controlo societário por parte do Estado, o que poderia ser considerado como uma abertura à intervenção livre daquilo que, em linguagem actual, se pode considerar como a “sociedade civil”. Não obstante, convém ter presente que se estava em tempo de um cerrado controlo sobre a comunicação social e de outras formas de expressão, através da intervenção permanente da Censura. Por outro lado, ao privilegiar as estações de radiodifusão existentes, garantia-se a manutenção de uma linha de continuidade.

Ficava igualmente garantida a sobrevivência da empresa, através da concessão das receitas resultantes de uma taxa denominada “Taxa de Televisão”, a incidir sobre todos os aparelhos de televisão, independentemente da sua posse ou utilização¹⁰.

Anexo ao diploma a que nos vimos reportando, eram igualmente publicadas as “bases da concessão”, detalhando os moldes em que se deveria materializar a concessão então aprovada, sendo apenas subscrito pelo Ministro da Presidência. Trata-se de um documento fundamental para perceber a importância que o regime atribuía ao novo órgão que entretanto

⁹ Ao câmbio actual corresponde a mais ou menos 300 mil euros.

¹⁰ Cf. Art.º 4.º do referido diploma.



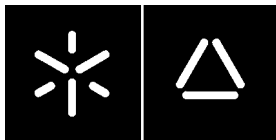
nascia, sendo possível perceber o cuidado e a minúcia com que todos os detalhes eram regulamentados. Obviamente que a análise exaustiva de todo o articulado não cabe no âmbito do nosso estudo pelo que, consequentemente, nos cingiremos às marcas fundamentais desse processo de nascimento.

Importa ter presente que numa primeira fase se procurava privilegiar “as regiões de maior densidade populacional, abrangendo, pelo menos, as regiões de Lisboa, Porto e Coimbra”, tal como se definia no nº 2, da Base I (Costa, 1997: 11). Curiosamente, no número seguinte acometia-se à entidade concessionária a elaboração de planos de desenvolvimento da cobertura, mas impondo-lhe que tivesse em atenção o interesse manifestado pelo público e, numa interessante atenção às diferentes realidades económicas do país, «as possibilidades dos centros populacionais». Ora, isto significa que ao legislador não era indiferente a existência de um suporte económico da população local que lhe permitisse arcar com as despesas resultantes da entrada em cena de um novo objecto de consumo.

Esta preocupação em não criar eventuais desequilíbrios internos, ressalta igualmente na Base V, ao determinar-se que, apenas em casos excepcionais e devidamente justificados, se poderia admitir pessoal estrangeiro (Costa, 1997: 12).

Com a publicação destes dois documentos estava criado o suporte legal que permitiria a efectiva criação da empresa concessionária, o que acabaria por suceder em 31 de Dezembro desse mesmo ano, sendo os respectivos documentos instituidores e o pacto social publicados no boletim oficial.

Os fundadores eram 23 entidades colectivas e individuais, responsabilizando-se pela subscrição, com diferentes responsabilidades, nos 60 milhões de escudos do capital social. O Estado tomou para si a maior participação, subcrevendo 1/3 do capital inicial, representando 20 mil acções. A ele juntavam-se todas as sociedades detentoras de alvará de radiodifusão, tanto no Continente como nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Estavam igualmente representados os principais bancos existentes à época e um único investidor individual, o Dr. Armando Stichini Vilela, com uma participação pouco mais que simbólica, correspondente a 25 acções (Costa, 1997: 19-20).



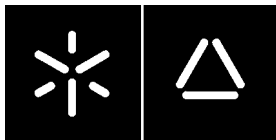
Ainda que tivesse subscrito o maior número de títulos, o Estado detinha uma posição minoritária no capital social da empresa. Ora, essa circunstância poderia coarctar o papel liderante que o poder político da época deveria assumir. Esse constrangimento seria ultrapassado pela salvaguardada existente nos estatutos da sociedade, já que o Estado reservou, desde logo para si, um papel determinante na condução dos destinos da novel entidade, ao ficar previsto no artigo 12º, a posse do cargo de Presidente do Conselho de Administração, num órgão com três membros e, caso o número de administradores fosse elevado para cinco, era-lhe conferida a nomeação de mais um administrador (Costa, 1997: 22-23). Idêntica prerrogativa era estendida ao Conselho Fiscal, cujo presidente era nomeado pelo Governo.

Lançados o suporte legislativo, o documento de constituição da RTP e o contrato de concessão, outorgado em 17 de Janeiro de 1956 (Costa, 1997: 40), não se verificaram alterações legislativas de especial significado para a normal exploração do serviço. Todavia, a mudança de regime verificada em 25 de Abril de 1974, iria abater-se sobre a instituição, provocando-lhe uma crescente instabilidade nos meses seguintes, tal como se verificou em todas as instâncias da sociedade portuguesa da época.

A primeira grande alteração formal identifica-se em Junho de 1974, através do D.L. 278/74, determinando-se que o serviço concedido à RTP passava a ser gerido pelo Governo, assumindo este a responsabilidade de nomear os administradores, comprometendo-se igualmente a publicar um novo estatuto do serviço público de radiotelevisão (Costa, 1997: 41-42).

Estas disposições traduziam, no plano formal, aquilo que na prática já se verificava, através de uma intensa disputa exercida pelas diferentes sensibilidades do novo poder político, na tentativa de controlarem o produto televisivo que ia sendo produzido.

Em 2 de Dezembro de 1975, o D.L. nº 674-D/75 publicado na vigência do VI Governo Provisório nacionalizava a empresa. Contudo, o fundamental do documento não se encontrava no clausulado que conferia legitimidade jurídica à decisão, mas no extenso preâmbulo que, através de um discurso carregado de uma fortíssima carga ideológica, procurava historiar o percurso da empresa e enquadrá-la nos novos tempos que então se viviam.

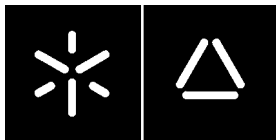


Poderíamos seleccionar qualquer um dos períodos do documento e encontraríamos evidentes manifestações desses tempos de exacerbada militância política, que devem ser olhados com o devido distanciamento do tempo. Não obstante esses cuidados, julgamos ser de toda a justificação chamar a atenção para algumas das mais evidentes manifestações de controlo ideológico. Atente-se, por exemplo, na forma como era classificado o serviço prestado até essa data, arrumado numa simples definição de «uma programação de baixo nível, tornando-se instrumento embrutecedor e alienante ao serviço do conservantismo retrógrado e fascista» (Costa, 1997: 43).

Uma tão clara avaliação do papel desempenhado pela RTP teria como consequência natural uma drástica alteração do modelo seguido e dos principais responsáveis. O mesmo documento era elucidativo sobre essa vertente ao definir no número 5 que «impõe-se, e já tarda, o saneamento de toda esta escandalosa situação» (Costa, 1997: 46), para mais à frente se defender como necessário «mantê-la ao serviço do povo e da Revolução» (Costa, 1997: 47).

Ainda que o preâmbulo a que nos vimos reportando seja muito esclarecedor sobre a tremenda carga ideológica que passava a orientar o trabalho da RTP, ele é superiormente encimado pela disposição constante do artigo 11º, ao acometer ao Ministro da Comunicação Social o esclarecimento das dúvidas suscitadas pela interpretação do diploma, apresentando para o efeito um simples despacho (Costa, 1997: 49)! Ou seja, não seria uma instância superior judicial a arbitrar eventuais dúvidas ou conflitos, mas sim o ministro da tutela.

Ultrapassado o período de maior efervescência política e social, com a entrada em funções dos primeiros governos constitucionais, procurou-se enquadrar o estatuto da RTP face à nova realidade. Em 13 de Março de 1976, era publicado através do D. L. nº 189/76, o estatuto da “Empresa Pública Radiotevisão Portuguesa, E.P.”, que consagrava de direito, uma situação de completa sujeição ao poder político, que já se verificava de facto. Situação que, devidamente considerada face ao contexto político e social, haveria de manter-se nas sucessivas alterações ao estatuto da empresa, como era o caso do que foi aprovado em Agosto de 1980, já em período



de pleno funcionamento das instituições democráticas, ultrapassado que estava o período de maior fulgor revolucionário, sem governos democraticamente eleitos¹¹ (Costa, 1997: 87-106).

Em Agosto de 1992, uma nova alteração legislativa, através da Lei nº 21/92, alterou o regime jurídico da RTP que era então transformada numa sociedade anónima (Costa, 1997: 108-130).

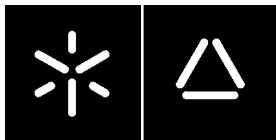
A detenção do monopólio das emissões televisivas não poderia manter-se por muito tempo face à crescente manifestação de interesse do país em integrar-se na Comunidade Económica Europeia e aos progressos técnicos que se iam verificando. É nesta tripla conjugação de factores, entre a normalização da vida política do país, a sua integração plena nas instituições europeias e o da evolução tecnológica, que deverão ser compreendidos os primeiros passos, ainda que muito ténues, no sentido de tornar o espaço televisivo aberto à iniciativa privada.

A Lei 75/79 de 29 de Novembro, ao regular o regime e o exercício da actividade de radiotelevisão, constituiu uma primeira abordagem à abertura da exploração a entidades privadas (Costa, 1997: 187-201). Todavia, seria necessário esperar por Dezembro de 1990, para se verificar uma efectiva decisão no sentido de quebrar o monopólio da RTP. Por resolução do Conselho de Ministros do último dia desse ano, determinava-se aberto a partir de 2 de Janeiro seguinte «o concurso público através do qual serão licenciados dois novos canais a operadores privados» (Costa, 1997: 225).

Nesta linha evolutiva que temos vindo a traçar, importa ter presente o enorme sucesso que o novo meio obteve junto da generalidade da população. Esta fortíssima aceitação obrigou a uma gestão mais dinâmica, patente na abertura dos primeiros centros regionais de que nos ocuparemos mais adiante¹² (Coelho, 2005: 202), mas, igualmente, nas primeiras tentativas de

¹¹ Veja-se a este propósito o D.L. nº 321/80 de 6 de Agosto, durante a vigência do governo presidido por Sá Carneiro, sendo Presidente da República, Ramalho Eanes.

¹² O surgimento dos centros regionais da RTP não pode ser desenhado da necessidade de encontrar uma maior proximidade às particularidades locais, esbatendo um pouco a imagem de uma estação de televisão que reflectia o país com os olhos de Lisboa. Ainda que se tratassem de estruturas absolutamente dependentes do poder decisório da direcção central estabelecida na capital do país, constituíram-se como uma interessante tentativa de televisão de proximidade. Como defende o investigador e jornalista Pedro Coelho, a existência de televisões locais pode constituir-se como um agente de desenvolvimento de regiões pobres.



intervenção com alguma abertura ideológica do regime que teria a sua face mais visível durante o chamado marcelismo com as célebres “Conversas em Família”¹³.



Imagem 1.1 As “Conversas em Família”, protagonizadas por Marcello Caetano. In Teves, 2007: 97.

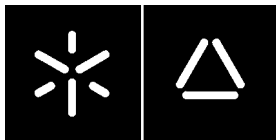
Uma das vertentes em que melhor se observa a intervenção da RTP numa política de desenvolvimento do país é dada pelo início das emissões regulares da chamada “telescola”¹⁴. Tratava-se de uma modalidade de ensino à distância, com a emissão de programas próprios difundidos através da RTP, procurando complementar a instrução ministrada nos quatro anos de escola primária, dispondo de currículo próprio correspondente aos actuais 5º e 6º anos de escolaridade obrigatória.



Imagem 1.2 O projecto educativo escolar “Telescola”. In Teves, 2007: 83.

¹³ Esta era a designação de um espaço de opinião do Presidente do Conselho de Ministros, Marcello Caetano, regularmente apresentado na RTP.

¹⁴ Criado em 31 de Dezembro de 1964 pelo Decreto-lei nº 46.136.



Este novo serviço fora criado em 1964, no âmbito do Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino – IMAVE¹⁵, acabando por ver reconhecido em 1968 um estatuto próprio, no chamado Ciclo Preparatório de Telescola, com a mesma equivalência do ciclo preparatório, ministrado nos estabelecimentos convencionais. Emitido com uma programação produzida nos estúdios da RTP instalados no Monte da Virgem, no Porto, visava-se servir as zonas rurais isoladas e zonas suburbanas com escolas superlotadas.

A experiência recolhida ao longo dos anos e as rápidas mudanças que se verificavam na sociedade portuguesa iriam ditar o fim deste modelo de ensino na década de 80 do século XX. Com o aparecimento e posterior vulgarização dos videogravadores junto das populações, este sistema de ensino perde o interesse, deixando de ser transmitido pela televisão.

Nesta curta viagem que tentámos descrever, a propósito dos marcos fundamentais que ajudaram a construir a história da RTP, não podemos deixar sem uma referência o aparecimento da segunda emissão, naquilo que vulgarmente se convencionou chamar do 2º canal. No Natal de 1968 surgiram com carácter experimental, as primeiras emissões enviadas a partir do emissor de Monsanto que serviam a região de Lisboa e, gradualmente, alargadas a todo o país¹⁶. Tendo sido apresentado como uma lógica de alternativa à programação habitual da estação, na verdade, nos primeiros anos, assentou sobretudo na repetição de programas apresentados no 1º canal¹⁷.

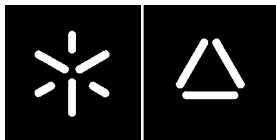
Este curto percurso traça muito sucintamente as estruturas que serviram de base ao aparecimento e ao processo evolutivo pelo qual a RTP passou, reconhecendo que outros tivessem merecido igualmente o seu destaque.

¹⁵ Em 1965, a Portaria 21.113 criou o Curso Unificado de Telescola.

¹⁶ Ao Porto apenas chegaram em 1970.

Cf. <http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe60/Do2ProgramaALuaEAo/>, consultado em 2 de Junho de 2010.

¹⁷ Cf. <http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe60/Do2ProgramaALuaEAo/>, consultado em 2 de Junho de 2010.



1.3 Os momentos marcantes

Acompanhando o fascínio que as tecnologias exerciam sobre o homem do século XX, o dia 7 de Março de 1957 tornou-se numa quase inevitabilidade: marca o surgimento da televisão em Portugal e com ele despontam as emissões regulares, constituindo-se num marco importante, assinalando uma nova era na história da comunicação no país.

O primeiro objectivo, em termos de cobertura, era servir as três principais áreas geográficas: Lisboa, Coimbra e o Porto, locais que albergavam a maioria da população portuguesa. O impacto e o entusiasmo que provocou junto da população aceleraram as primeiras emissões regulares a partir da Feira Popular de Lisboa. Dava-se aqui início a um longo ciclo de emissões cada vez mais diversificadas e de melhor qualidade e exigência.

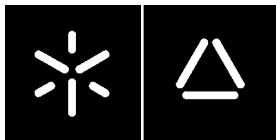
Na fase inicial, as imagens começam a ser difundidas, reportando-se sobretudo a acontecimentos marcantes para o momento e para a época. Relevam-se feitos de atletas nacionais, usando imagens recolhidas em filme e projecta-se a música e a cultura portuguesas.



Imagem 1.3 Uma actuação musical em estúdio. In Teves, 2007: 35.

Depois de diversas emissões de ensaio, da selecção de profissionais e de melhoradas as instalações, a RTP surge com as suas emissões regulares a partir dos estúdios do Lumiar, em Março de 1957, contribuindo para «uma nova expressão que vai figurar na vida nacional» (Teves, 2007: 41).

O primeiro grande acontecimento que mereceu honras de constante cobertura foi a visita que a rainha de Inglaterra, Isabel II, fez ao nosso país (1957), acompanhando a



permanência diária da monarca, fazendo alusão ao seu roteiro diário, com diversas reportagens, descrevendo também o itinerário para o dia seguinte, assim como os locais onde iria marcar presença.



Imagem 1.4 A recepção à rainha de Inglaterra. In Teves, 2007: 41.

Para além da informação, a RTP emitia ainda outro tipo de programas como os espectáculos de variedade, musicais e culturais, além do cinema, outra das áreas que ganhou relevo com as emissões regulares. Graças a estes projectos, os seus intervenientes e apresentadores acabam por se transformar em verdadeiras vedetas, conhecidas do público que os seguia. Fialho Gouveia, João Vilaret, Vasco Santana são disso exemplo.

A fim de transmitir eventos realizados no exterior em directo, a RTP adquire um “carro de exteriores” que lhe permite cobrir acontecimentos relevantes para a vida do país como a investidura do Chefe de Estado, feita na Assembleia Nacional¹⁸, ou a inauguração do Santuário do Cristo-Rei, em Almada.

¹⁸ Câmara de deputados do Estado Novo.

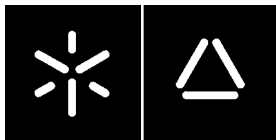


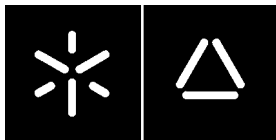
Imagem 1.5 O primeiro “carro de exteriores” da RTP utilizado nos directos. In Teves, 2007: 55.

Programas sobre culinária, agricultura, desporto e mesmo de humor, despertam e começam também a fazer parte do alinhamento diário. Maria de Lurdes Modesto, Sousa Veloso, Artur Agostinho e Camilo de Oliveira são alguns dos protagonistas.

Como anteriormente já havia sido referido, relativamente à cobertura da tomada de posse do Chefe de Estado, a televisão coloca-se à mercê do poder político, passando também a difundir e a relevar os discursos do Presidente do Conselho¹⁹, Oliveira Salazar, assumindo um papel preponderante em acções de campanha eleitoral empreendidas contra a candidatura do General Humberto Delgado. Serviu ainda para Oliveira Salazar apresentar ao país as linhas mestras que pautavam a sua governação, bem como as medidas que por si eram tomadas, como a sensibilização para o embarque de pessoas e de tropas rumo às antigas colónias africanas, tornando célebre o seu lema: «para Angola e em força» (Teves, 2007: 67).

Visitas de entidades relevantes para a vida e cultura portuguesas tiveram também uma atenção redobrada. Neste contexto, a vinda do Papa Paulo VI «por ocasião do cinquentenário das aparições de Fátima marcou, de modo significativo, a primeira década da existência das emissões regulares da RTP» (Teves, 2007: 64). Os dias ligados à exaltação nacional como o “10 de Junho” também foram usados pelo poder político e com honras de cobertura televisiva,

¹⁹ Designação usada no Estado Novo para fazer referência ao Primeiro-ministro.



aproveitando este meio para lançar um forte apelo à Pátria e aos seus costumes. As touradas, o fado e o futebol passaram a ser alvos de cobertura mais assídua, numa clara tentativa de levar às pessoas a sua cultura e os seus costumes, segundo o modelo do Estado Novo.

A RTP dá início a projectos que acabaram por marcar fortemente toda a sua história. Participa no “Festival Eurovisão da Canção” dando a conhecer ao mundo alguma da sua música e alguns dos seus intérpretes.

Fazendo jus ao carácter pioneiro dos seus projectos, a RTP coloca no ar o “Segundo Canal”²⁰, fruto dos esforços empreendidos no Centro Emissor de Monsanto, dotando-o com novas e melhoradas capacidades para transmissões. Inicialmente, a sua programação «tinha o acento tónico na repetição de rubricas do primeiro canal» (Teves, 2007: 94).

Em finais dos anos sessenta, num período conturbado da vida política e social, a RTP mostrava a todo o país a exoneração, a agonia e a morte de Oliveira Salazar. Em paralelo, a guerra nas antigas colónias africanas continuava, cabendo à RTP a possibilidade de os soldados poderem saudar, através da televisão, os seus familiares, aquando da quadra natalícia. A despedida dos soldados era normalmente feita com um “adeus até ao meu regresso”²¹.

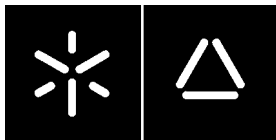
Com a subida ao poder de Marcello Caetano, e fazendo uso de renovadas formas de comunicação, o governante “aproximou-se” do seu povo, usando a RTP como veículo dos seus discursos. À noite, em longos monólogos, levava à casa dos portugueses as ideias que tinha para transformar e dinamizar o país.

Os programas de humor não ficaram de fora da programação televisiva. Havia que distrair o país dos problemas que o afectavam e nada melhor que uma dose de boa disposição. Em 1969, o programa “Zip-Zip”, apresentado por Carlos Cruz, Raul Solnado e Fialho Gouveia, entrava noite dentro nos lares portugueses, entusiasmando quem os assistia.

A RTP acabou por nos transportar em diferentes viagens. No mesmo ano e num trajecto inimaginável levou-nos até à Lua, mostrando-nos os astronautas americanos Aldrin e

²⁰ Designação para aquilo a que mais tarde se viria a chamar “RTP 2”.

²¹ Frase usada pelos soldados que combatiam no Ultramar, quando encerravam a sua comunicação à família, por alturas da quadra natalícia.



Armstrong a pisar solo lunar; mostrou-nos a paixão pela palavra e pela memória expressa por Vitorino Nemésio; através de David Mourão Ferreira deu-nos a conhecer as suas «Imagens da Poesia Europeia» (Teves, 2007: 104). Mostrou-nos ainda o que de mais relevante acontecia na cultura portuguesa, pela mão de José Hermano Saraiva.

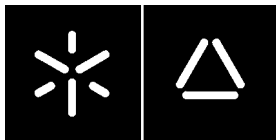
Reconhecido como um meio muito cobiçado e como um excepcional veículo de difusão de acontecimentos, a RTP acaba por ter um papel fundamental na difusão dos ideais preconizados pela Junta²² que tomou o poder com o golpe militar de 25 de Abril de 1974. As instalações foram imediatamente ocupadas pelo grupo de militares revoltosos, com o propósito de esclarecer o país acerca «das dúvidas sobre a sua composição» (Teves, 2007: 120) e os seus propósitos.



Imagem 1.6 Fialho Gouveia faz a apresentação dos elementos da Junta de Salvação Nacional, responsável pelo golpe militar ocorrido no dia 25 de Abril de 1974. In Teves, 2007: 121.

A partir desta data, com a queda do regime ditatorial, a censura cessa e a submissão que o poder político exercia sobre a generalidade dos órgãos de comunicação social sofre um retrocesso, testemunhando a RTP o regresso a Portugal de figuras relevantes ligadas à política e que se encontravam no exílio. Ao mesmo tempo, exibem-se imagens sobre a libertação de presos políticos. São ainda transmitidas grandes manifestações populares, como o 1º de Maio, numa clara demonstração da tão ansiada liberdade popular.

²² Conhecida por Junta de Salvação Nacional.



Os debates políticos tornam-se presença assídua no “pequeno ecrã”. O “Tempo de Antena” utilizado pelos partidos políticos nas campanhas eleitorais proporcionava momentos sempre muito acesos e de grande discussão. Sá Carneiro, Mário Soares e Álvaro Cunhal foram alguns desses protagonistas.

A RTP apresenta-nos um humor renascido com a exibição do Programa “Nicolau no país das Maravilhas” (1975), onde Nicolau Breyner e Herman José deliciam os telespectadores com a dupla “Senhor Feliz e Senhor Contento”. Os programas infantis também foram tidos em conta. Ao “Wickie”, sucedia agora a “Heidi e o Marco” (1976), conseguindo mesmo a sua dobragem em língua portuguesa, permitindo, desta forma, uma assistência mais alargada. Anos mais tarde, outras produções se foram sucedendo, como a versão portuguesa da “Rua Sésamo” (1989), programa que acabaria por marcar fortemente a produção infantil nacional.

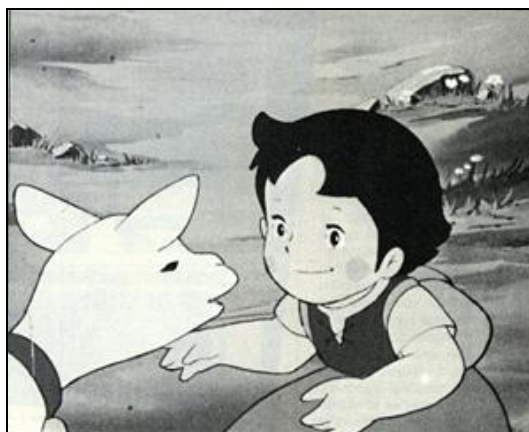
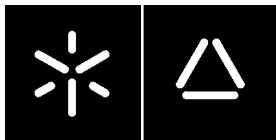


Imagem 1.7 Um dos primeiros programas televisivos infantis: a “Heidi e o Marco”. In Teves, 2007: 129.

Depois da exibição de algumas séries nacionais, a RTP introduz no seu alinhamento diário, a exibição de novelas brasileiras. “Gabriela” (1977), inspirada no romance “Gabriela cravo e canela”, da autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, foi a pioneira. A televisão jogava no mesmo ano e ao mesmo tempo, com a produção portuguesa, exibindo um «produto cem por cento nacional» (Teves, 2007: 133), em formato concurso-divertimento semanal chamado “A visita da Cornélia”, protagonizado por Fialho Gouveia e Raul Solnado.



Com o abandono do “preto e branco”²³, as transmissões a cores (1980) passam a ser uma realidade. E nada melhor do que começá-las com a exibição do concurso internacional “Jogos sem fronteiras” vivido com muito entusiasmo e com uma fantástica adesão do público em geral. Os “Festivais Eurovisão da Canção” e as transmissões desportivas (ex. Jogos Olímpicos) têm agora um colorido diferente, mais real e mais apelativo.



Imagem 1.8 Os “Jogos Sem Fronteiras”, programa de grande animação. In Teves, 2007: 140.

As novelas brasileiras que até aqui detinham a exclusividade dão lugar à produção nacional com a exibição da pioneira “Vila Faia” (1982), à qual se sucedem muitas outras. Com o intuito de chegar à maior parte dos lares portugueses, houve a necessidade de estender a emissão pelos mais variados pontos do país, melhorando quer o sinal recebido, quer as condições para a sua recepção. Surgem então novos transmissores e, com eles, novos centros regionais.

A RTP mostra-nos as extraordinárias prestações dos atletas olímpicos nacionais bem como as visitas que o Papa João Paulo II fez a Portugal. Exibe para todo o mundo um momento histórico e marcante na vida do país: a assinatura do tratado de adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE)²⁴, em 1985.

²³ Únicas cores usadas até aqui nas transmissões televisivas da RTP.

²⁴ Actualmente designada por União Europeia (UE).

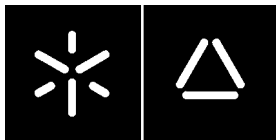


Imagem 1.9 A assinatura do tratado de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia. In Teves, 2007: 169.

A RTP mostra ainda desastres, guerras, mudanças políticas resultando no fim da “Guerra Fria”, com a consequente queda do muro de Berlim²⁵, situações impensáveis anos antes. Mostrou em directo a “I Guerra do Golfo”²⁶. Teve ainda um papel muito importante levando ao mundo os massacres ocorridos em Díli, Timor-leste (1991). O seu papel foi importante porque serviu para alertar a comunidade mundial para os atentados que até ali vinham sendo cometidos.

Com as emissões regulares da “RTP Internacional”, dá-se início a um novo ciclo, levando à diáspora portuguesa, espalhada pelos diferentes continentes, informação, programas da actualidade e de entretenimento, capazes de manter ligadas estas comunidades à sua cultura e à sua pátria mãe.

²⁵ Período conflituoso e de disputas estratégicas entre os Estados Unidos da América e a antiga União Soviética, iniciado após a 2ª Guerra Mundial e que terminou com a queda do muro de Berlim, em 1990.

²⁶ Consequência da invasão do Kuwait feita pelo Iraque em Agosto de 1990.

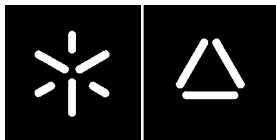


Imagem 1.10 A RTP vista além fronteiras com o aparecimento da RTP Internacional. In Teves, 2007: 224.

Ao longo desta grande viagem em que nos propusemos narrar aquilo que mais terá marcado esta estação, tentámos dar ênfase às etapas que, reconhecidamente, mais terão marcado a sua história, embora muitas outras também merecessem aqui o nosso destaque.

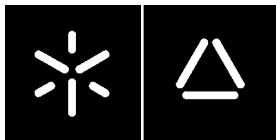
1.4 A RTP hoje. Como ela se organiza

1.4.1 Os diferentes canais de televisão

A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) é uma empresa pública nacional, que compreende no seu seio a rádio e a televisão públicas. Até ao ano de 2004, a Radiodifusão Portuguesa (RDP) e a RTP estavam separadas e eram independentes. A partir desta data, foram reestruturadas e fundidas numa só empresa pública. A denominação RTP passou a designar o grupo inteiro de Rádio e de Televisão.

A RTP, enquanto empresa de serviço público, tem hoje programações e públicos muito distintos, espalhados pelas mais variadas latitudes. Para que tal seja possível, dispõe de canais próprios que emitem programações diversificadas que ambicionam ir ao encontro das pretensões do seu público. Emite diariamente através da RTP1, RTP2, RTP Memória, RTP Madeira, RTP Açores, RTP Internacional, RTP África, RTPN, RTP Mobile e RTP HD.

A RTP 1 é o canal da televisão portuguesa mais antigo, no ar desde 1957. Apresenta-se com um conteúdo generalista, que privilegia a ficção nacional, a informação, o desporto e o



entretenimento. Emite a nível regional, nacional e internacional. É hoje um dos canais de maior audiência no panorama audiovisual português.

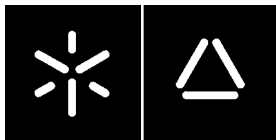
A RTP2, a emitir desde 1968, é um canal reservado para a difusão da cultura, do conhecimento, de conteúdos relacionados com a União Europeia e ainda para uma programação dedicada aos mais jovens. Tem como grande objectivo a defesa da língua e da cultura portuguesas nos seus diferentes aspectos: social, artístico, cultural, intelectual, profissional, académico e científico, permanecendo também como um meio de comunicação complementar à RTP1. É um canal com uma grande componente de programação criativa, de divulgação de saber, de informação e das artes e dos espectáculos, visando a compreensão da sociedade e das instituições que a regem.

A RTP Memória, a emitir desde 2004, é um canal que dedica a maioria da sua programação à exibição dos programas mais antigos. Embora não passe tudo, é também generalista e pensado para ser exibido na televisão por cabo. Retransmite os programas que compõem o vasto arquivo de memórias da RTP, autênticos testemunhos “vivos” do que se produziu em Portugal durante mais de meio século.

A reposição de programas é um dos seus contributos, acompanhando ainda com alguma reflexão, temas da actualidade de produção própria, onde constam cinema, séries, musicais, entretenimento, documentários, magazines, desporto e programação infanto-juvenil.

A RTP Madeira, a emitir desde 1972, é também generalista, emitindo a partir da Madeira e para essa região autónoma. Tem características regionais e, como grande responsabilidade e objectivo, a prestação do serviço público da televisão na Região Autónoma da Madeira. Compete-lhe cobrir todo o território madeirense com a informação e a realidade regional nos seus diferentes domínios. É ainda relevante no plano externo, levando o quotidiano da região aos madeirenses radicados noutras latitudes, socorrendo-se das transmissões da RTP Internacional.

A RTP Açores, a emitir desde 1975, é um canal generalista que emite para a Região Autónoma dos Açores. Tal como a congénere madeirense, este é também regional e com objectivos em muito semelhantes. Aproximar as ilhas, com a difusão das notícias diárias e levar

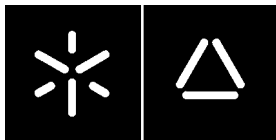


o seu dia-a-dia a outras paragens por onde se encontram radicadas vastas comunidades de açorianos, é por assim dizer uma das suas grandes tarefas.

A RTP Internacional, a emitir desde 1992, é um canal destinado às comunidades portuguesas radicadas fora do país. Este projecto foi o primeiro canal televisivo transmitido à escala mundial para mais de duzentos milhões de habitantes e falado em português. Inicialmente, apenas emitia cerca de seis horas diárias. Posteriormente foi sendo aumentado, emitindo hoje de forma ininterrupta, chegando a cerca de vinte milhões de lares em todo o mundo. Tal como os anteriores, apresenta-se como um canal generalista com uma programação vincadamente de serviço público. Os seus conteúdos têm origem nos canais nacionais e regionais da RTP, das estações de televisão privadas SIC e TVI e também de produções próprias, sobretudo originárias das comunidades portuguesas. Para além de uma vasta e diversificada programação, as transmissões desportivas (futebol português) destacam-se das demais, apresentando-se como a sua imagem de marca.

A RTP África, a emitir desde 1998, é o canal dedicado às comunidades lusófonas africanas. É um canal televisivo generalista co-produzido pela RTP, constituindo-se como uma das maiores redes de televisão a operar em África. Paralelamente, o sinal é também distribuído em Portugal através das redes de televisão por cabo. Emite diariamente 24 horas por dia em que, quer as audiências dos países africanos da CPLP, quer em Portugal, têm acesso, em simultâneo, à mesma programação, com destaque especial para a informação diária e para os programas produzidos em e para África. Emite ainda alguma programação proveniente das televisões privadas portuguesas e também de algumas televisões públicas africanas, nomeadamente filmes de cineastas pertencentes aos cinco países africanos de língua oficial portuguesa. A RTP África coopera com as Nações Unidas na transmissão de programas de divulgação desta organização, tornando-se num colaborador importante.

A RTPN, a emitir desde 2004, apresenta-se como o primeiro canal temático da RTP destinado à televisão por cabo, onde são exibidos programas de informação, debates e magazines. Trata-se de um canal de informação, dirigido à totalidade do território português, procurando com a sua acção e os seus conteúdos específicos, a proximidade a cada região. A



informação ocupa a maior parte do espaço da grelha, complementada com a informação regional. A RTPN aposta ainda em magazines e debates informativos sobre questões da actualidade. Quanto ao seu alinhamento, este canal pretende ser uma alternativa válida e credível às televisões de sinal aberto, dirigindo-se a um público muito específico.

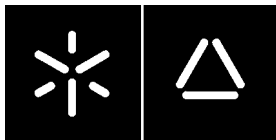
A RTP Mobile, a emitir desde 2006, é um canal muito específico que a RTP disponibiliza e que é destinado aos telemóveis, chegando assim a todo o mundo. Exibe programação dos vários canais da RTP, em conjunto com a produção e adaptação de programas especificamente criados para uso nos telemóveis. Apresenta-se como a forma mais simples de possuir a RTP “na palma da mão”.

A RTP HD, em antena desde 2008, é o canal que emite diversos programas, sobretudo relacionados com o desporto ou mesmo séries²⁷, em alta definição. Começou por emitir em formato HD, os Jogos Olímpicos de Pequim. Posteriormente, emitiu mais assiduamente alguns jogos de futebol da “Liga dos Campeões”, o concurso “Festival RTP da Canção”, assim como, alguns jogos do Campeonato do Mundo de Futebol, realizado na África do Sul. Os conteúdos que futuramente este canal irá apresentar estão ainda em discussão, não se sabendo ao certo se será mais um canal temático, ou se poderá vir a transformar-se num canal generalista, mas transmitido em alta definição.

1.4.2 As Delegações Internacionais

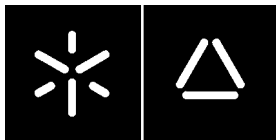
A RTP tem espalhado pelo mundo, diversas delegações internacionais, com o respectivo correspondente. Localizadas em países com interesses distintos, quer ao nível estratégico, comercial ou mesmo social, as delegações acabam por ter um papel importante na divulgação dos acontecimentos que ocorrem nas regiões onde se encontram inseridas ou até em áreas envolventes. Actualmente, a RTP possui delegações nas seguintes cidades: Madrid, Paris, Bruxelas, Genebra, Moscovo, Cidade da Praia, São Tomé e Príncipe, Bissau, Luanda, Maputo, Dili, Rio de Janeiro e Washington.

²⁷ A série “Cidade Despida”, sobre investigação criminal, foi a primeira série portuguesa a ser filmada em Alta Definição.



1.4.3 As Delegações Regionais

As delegações regionais, como a própria designação traduz, funcionam muito à escala regional. Para além da programação comum que é emitida a nível nacional, o principal objectivo destas delegações é a promoção das notícias de âmbito regional, possuindo para o efeito tempos destinados a blocos noticiosos próprios, bem como a iniciativas ou eventos confinados à região que a cada um diz respeito. A RTP, ao nível de transmissões televisivas, tem delegações regionais nas cidades de Bragança, Viana do Castelo, Vila Real, Porto, Guarda, Viseu, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Faro, Madeira e Açores. Com a crescente importância devida pelo grande empenho ao nível do reforço em estruturas e em equipamentos, estes centros regionais acabam por fortalecer a ligação dos telespectadores às suas regiões, com a transmissão de notícias para todo o território, baseadas em acontecimentos regionais. Consegue-se desta forma aproximar o país, exercendo em simultâneo o cumprimento do serviço público de televisão.



CAPÍTULO II – ESPAÇOS E PROJECTOS ACOMPANHADOS DURANTE O ESTÁGIO

Estagiar na Rádio e Televisão de Portugal, concretamente no Departamento de Produção e Meios, permitiu um contacto com meios e com profissionais das várias áreas e, consequentemente, uma assinalável valorização profissional. Quando se dá início a um estágio com esta dimensão, as expectativas são muito elevadas, sobretudo porque se pretendem obter conhecimentos em áreas muito vastas e, ao mesmo tempo, muito diferentes entre si.

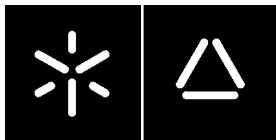
Os projectos acompanhados, e que aqui vão ser enumerados, não foram seguidos em toda a sua abrangência, dada a natureza e as possibilidades que cada um apresentava. Se nuns a componente áudio foi a mais seguida, noutros privilegiou-se o trabalho da realização, o trabalho das câmaras, o controlo de luz e iluminação, a gravação de um programa, a transmissão em directo de programas desportivos ou outros, o trabalho dos apresentadores e a adrenalina sentida no interior de um carro de exteriores. Daí que a descrição que se segue é distinta de projecto para projecto. Não se centra na mesma forma nem nos mesmos conteúdos, tendo em conta os diferentes percursos acompanhados.

2.1 “Eucaristia Dominical” - Igreja de Ramalde – Porto

A Eucaristia Dominical é um programa que habitualmente é transmitido ao Domingo de manhã e é realizado em locais e espaços diferentes, conforme as solicitações ou a especificidade de cada cerimónia. A transmissão a que assistimos foi efectuada na Igreja de Ramalde, na cidade do Porto, e assinalou o nosso primeiro acompanhamento em trabalho de exterior.

Porque esta fase do estágio estava direccionada para aspectos mais relacionados com o áudio, acompanhámos toda a preparação e montagem dos equipamentos necessários para o evento, sob a orientação do operador de som responsável, António Campeã.

Chegado ao local, o “carro de exteriores” despertou de imediato à atenção, por todo o frenesim e aparato criados em seu redor. É aqui que todos os sinais de vídeo e de áudio



convergem e é daqui que são emitidos pela RTP1 para os milhões de telespectadores espalhados pelas mais variadas latitudes.

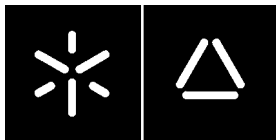
Em traços muito gerais, um carro de exteriores divide-se em três compartimentos: a régie de controle, a régie de áudio e a régie de imagem. Na régie de controle é feito o balanceamento e o controle de entrada de luz nas câmaras e é também onde são operados os videogravadores, necessários para colocar no ar, num determinado momento, um registo já gravado e que foi combinado previamente através da distribuição de um alinhamento sobre o programa.

Noutra divisão, chamada de régie de som, situa-se uma consola de áudio, com todos os equipamentos necessários à sua operação. Aqui situam-se diferentes leitores sonoros que emitem e recebem os sons previamente escolhidos. É aqui que convergem todos os sinais dos diferentes microfones que se encontram espalhados pela igreja. Para além disso, é daqui que se coordena todo um conjunto infindável de intercomunicações entre os diferentes profissionais que intervêm na produção e realização do programa.

Finalmente, numa terceira divisão, encontramos a chamada régie de vídeo. É neste espaço que se posiciona o realizador e é daqui que emite as suas ordens, quer para as pessoas que o rodeiam, como o operador de mistura de imagem, o produtor ou o insensor de caracteres, quer para as pessoas que operando no interior da igreja necessitam de um contacto constante, como os operadores de imagem e o assistente de realização.

Uma vez que estávamos a fazer um acompanhamento na área do áudio, tentámos compreender o posicionamento dos diferentes microfones, conforme a cobertura que a cada um estava destinada. Uma vez que o espaço “igreja” era muito amplo e também porque havia que tomar atenção para a existência de um coro, houve a necessidade de montar um número elevado de microfones, com diferentes sensibilidades, conforme as necessidades pretendidas de cada um. A sua direcionalidade e o âmbito da sua captação foram elementos a ter em conta e de grande relevância.

Houve ainda o cuidado em dissimular a presença de alguns desses microfones e respectivos cabos, uma vez que, quando enquadrados na imagem, o resultado não seria o mais



desejável. Sentiu-se aqui um trabalho de grande minúcia, de forma a conseguir-se um produto final de superior qualidade.

Este acompanhamento possibilitou-nos uma melhor compreensão sobre a importância na escolha de diferentes sensibilidades potenciadas em cada microfone utilizado. Só desta forma se conseguem obter diferentes sinais que se complementam entre si. Assim, o microfone a colocar junto da pessoa que canta no coro é diferente do microfone que se coloca numa das alas da igreja para registar o som proveniente da generalidade do público. Enquanto um é direccional, a sensibilidade do outro tem de ser mais abrangente.

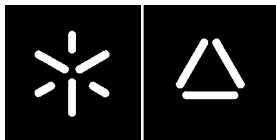
O interior da régie de áudio permite seguir a par e passo todas as movimentações do programa. Apesar de se tratar de um espaço de tratamento de som, o visionamento de toda a emissão reveste-se de grande importância para poder seguir todo o alinhamento previamente definido.

2.2 “Trio D’Ataque” – estúdio A - RTP

Terça-feira, segundos antes das dez e meia da noite, tudo está a postos no estúdio A, local onde habitualmente vai para o ar o programa desportivo semanal, “Trio D’Ataque”. “Atenção, silêncio no estúdio... dez, nove, oito (...) três, dois, um, arranca, estamos no ar”! É com esta ordem que o realizador de serviço dá início ao programa.

Durante o estágio, esta foi a nossa primeira assistência à transmissão de um programa em directo feito no estúdio. A inexperiência com este tipo de trabalhos provocou alguma curiosidade, colocando com frequência algumas questões aos vários elementos que constituíam a equipa de realização do programa.

Na régie desenrola-se o trabalho efectuado pelo operador de “videotapes” que consiste em colocar no ar, à ordem do realizador, imagens referentes aos jogos em análise e que foram objecto de críticas, relativamente às decisões tomadas pelos árbitros. À ordem do realizador, o operador vai seleccionando as imagens, contextualizadas com o debate do momento e as vai colocando no ar as vezes necessárias, em função das dúvidas que vão suscitando junto dos convidados.



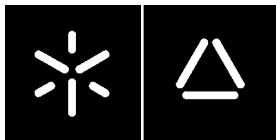
Há ainda uma pessoa responsável pela inserção de caracteres que, às ordens do realizador, coloca no ar um conjunto de informações, de acordo com os assuntos que naquele instante estão a debate, como sejam, os nomes dos intervenientes, as equipas tipo de cada convidado, os topos e fundos de cada um, as frases que cada um profere e a que seja necessário dar o devido realce. Como é um programa interactivo, onde o público também pode participar a partir de casa enviando “e-mails” e respondendo a questões colocadas previamente, cabe-lhe também a tarefa de colocar no ar os resultados e a sua evolução, à medida que o programa vai avançando.

À anotadora compete a tarefa de recepcionar as mensagens que chegam dos telespectadores por “e-mail”, fazer uma prévia leitura e uma triagem, imprimir essa mesma selecção e fazê-la chegar junto do apresentador, para que este possa ler algumas ao longo do programa, colocando aos seus convidados as perguntas nelas contidas. Faz ainda o registo telefónico para apuramento das percentagens, a propósito das perguntas colocadas aos telespectadores.

O sinal enviado pelas câmaras colocadas no estúdio chega à régie, onde é visionado nos respectivos monitores. Cabe ao realizador solicitar os planos e os movimentos pretendidos para cada câmara, colocando no ar aquele que melhor se adequar à situação e ao andamento do programa. Para isso, é dada ordem ao operador de mistura de imagem a quem cabe a tarefa de fazer as transições entre as diferentes tomadas de vista enviadas pelas várias câmaras dispostas no estúdio.

Ao operador de controlo de imagem e de luz cabe a tarefa de harmonizar as diferentes câmaras, em termos de entrada de luz e a coloração das diferentes imagens. Compete-lhe ainda definir o tipo de iluminação a utilizar para aquele programa bem como alguns ajustes necessários no seu decurso.

O operador de som move-se num espaço individual que é a régie de áudio. Compete-lhe operar com uma consola de áudio onde chegam as diferentes vias dos microfones distribuídos em estúdio pelos vários convidados e apresentador e onde chega também o som dos diferentes vídeos a colocar no ar ao longo do programa. Há ainda outros sons como



separadores, genéricos, “CD” com músicas, e outros que são colocados no ar ao longo da emissão.

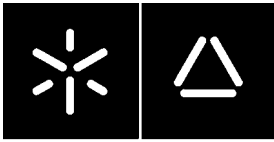
Em traços muito gerais, este programa semanal vai para o ar da forma descrita. Todavia, durante o estágio pudemos assistir a algumas variações. Foi possível assistir a uma emissão produzida, realizada e emitida a partir dos Estados Unidos da América. Foi um programa diferente, feito à distância, com detalhes na realização igualmente diferentes. Por assim dizer, sentiu-se pouco a realização, uma vez que esta era feita praticamente toda a partir de lá. Só a operacionalidade com o áudio em alguns pormenores, a inserção de caracteres e a colocação no ar de imagens pré-gravadas eram controlados através da régie situada no estúdio A.

Foi uma experiência muito interessante não só pela adrenalina que uma emissão em directo provoca, com toda a sua envolvente, mas também pela singularidade de uma transmissão a partir do estrangeiro, onde os atrasos na recepção da imagem são evidentes, tornando as comunicações complicadas, dificultando algumas vezes a entrada imediata no ar das imagens pré-gravadas.

2.3 “Praça da Alegria” – estúdio C - RTP

Um dos projectos que acompanhámos de forma mais assídua foi o programa “Praça da Alegria”. Emitido diariamente e em directo a partir dos estúdios do Porto, o programa é uma produção da RTP e é uma aposta em manhãs animadas, com entrevistas e onde a música portuguesa encontra aqui um espaço de divulgação privilegiado, existindo ainda passatempos, com a participação de convidados a nível nacional. É emitido diariamente entre as 10 e as 13 horas. Excepcionalmente, é realizado no exterior, igualmente em directo, em localidades definidas previamente, correspondendo normalmente a épocas festivas ou a iniciativas levadas a cabo por essas mesmas localidades.

É um programa habitualmente apresentado por Jorge Gabriel e Sónia Araújo em que, ao longo de cerca de três horas, se pretende divulgar as gentes e a cultura portuguesa, a promoção de eventos ou iniciativas, culinária, música, dança, entre outros. Para tal, socorre-se



também de algumas reportagens feitas no exterior pelos repórteres Hélder Reis e Serenella Andrade. É dado ainda relevo a algumas notícias que marcam o dia-a-dia, sobretudo notícias revestidas de alguma excepionalidade ou que acabam de chocar a opinião pública.

O programa tem uma estrutura muito bem definida e apresenta-se dividido em quatro partes. Os três intervalos que ocorrem durante o programa, para além do descanso dos seus intervenientes, são usados para a reposição de toda a logística necessária para a rubrica seguinte. Convém referir que o local onde decorre uma acção com um determinado convidado, no momento seguinte, já com outro interveniente, muda de configuração relativamente ao seu preenchimento.

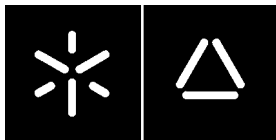


Imagem 2.1 O estúdio C e a posição das câmaras no programa “Praça da Alegria” – Porto. Imagem do autor, 2010.

A disposição das câmaras é muito importante para que o realizador possua uma boa perspectiva sobre o preenchimento do estúdio, de forma a melhor poder optar pelos planos pretendidos e que melhor se ajustam à acção daquele momento.

A parte inicial costuma ser preenchida por um momento musical, onde o convidado apresenta as suas novidades musicais, cantando uma ou duas das suas canções. No final, há uma pequena entrevista, onde o cantor descreve um pouco do percurso da sua carreira, mostrando alguns dos seus projectos futuros.

Há ainda lugar para a culinária, desvendando alguns segredos dos pratos mais típicos de determinadas regiões, bem como os produtos usados na sua confecção. A cozinha de autor também tem o seu momento, com a preparação de pratos no momento.



A estética e o exercício físico também são presença assídua no programa. A passagem de modelos tem igualmente o seu momento marcante, exibindo a produção nacional, quer ao nível da confecção, quer de acessórios usados no dia-a-dia.

O esoterismo também tem o seu lugar, assim como um espaço de tertúlia em que se comentam assuntos da actualidade, sendo convidados para o efeito, distintas personalidades do meio cultural, empresarial, da justiça, do desporto, etc..

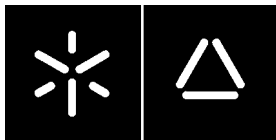
Concursos como as danças de salão também acompanham o dia-a-dia no “Praça”. Um júri analisa a exibição de cada par concorrente e atribui uma nota. Os pares mais pontuados passam a uma fase final. De referir que o tipo de música que cada par usa para a sua apresentação é da sua própria escolha. É entregue ao operador de áudio um “CD” com a música escolhida em que este, no momento certo, arranca com o som audível no estúdio.

Foi durante várias sessões que acompanhámos este programa. Em termos de espaços percorridos, centrámo-nos essencialmente em três: na régie de áudio, depois uma passagem pelo estúdio com enfoque nas câmaras, particularmente na câmara portátil e na grua e, finalmente, na régie de vídeo.

Por questões de organização da orientação, iniciámos o nosso acompanhamento pela régie de áudio. Este é o “coração” do áudio, aonde chegam e partem todos os sons que compõem o programa. Chamadas telefónicas vindas do exterior, “CD” usados em momentos musicais: quer quando as músicas são entoadas em “playback”, para a exibição em actuações de dança, ou mesmo para a criação de um ambiente musical de fundo ligado ao evento que acontece naquele momento. Há ainda os sons que chegam do exterior, com diferentes reportagens directas ou pré-gravadas em cassete. Existem ainda diversos microfones distribuídos pelo estúdio e que são necessários à medida que o programa avança e também um sistema de intercomunicações entre a régie, o estúdio e a linguagem gestual.

Normalmente, para cada programa, são necessários dois técnicos de som que operam com uma consola de mistura. Dada a grande diversidade de “faders”²⁸, existe um computador

²⁸ Designação utilizada quando nos referimos às fatias ou canais que compõem uma mesa de mistura de som.



acoplado que monitoriza e detecta eventuais enganos. Permite misturas de sons automatizados em que, por vezes, os “faders” acompanham os “time code”²⁹ das peças a lançar para o ar.

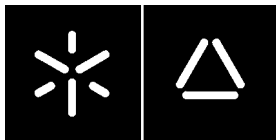
O trabalho que acompanhámos no estúdio centrou-se essencialmente na operação com câmara portátil e com a grua, na companhia do operador responsável, Eduardo Lopes. As explicações e conselhos, associados à sua larga experiência, revelaram-se muito importantes na aprendizagem dos movimentos a efectuar ao longo do programa. O posicionamento das diferentes câmaras, os seus movimentos, o teleponto, o espaço em que cada operador de imagem se movimentava foram áreas que acompanhámos e que quisemos compreender melhor.

É certo que com o programa a decorrer em directo, não propicia grandes explicações. Todavia, com os intervalos do programa, a prática com a grua era uma realidade. Foi-nos explicado os cuidados a ter com as tomadas de vista, com a suavidade dos movimentos e com o acompanhamento e constantes ajustes a efectuar com a imagem. Aspectos como a aproximação, a focagem e movimentos mais arrojados que requerem alguma perícia, foram igualmente técnicas que quisemos aprender com a câmara portátil.

Convém referir que a escolha que fizemos e que recaiu sobre a grua e sobre a câmara portátil se justificou com a necessidade de perceber um pouco melhor as suas movimentações, face à singularidade que ambas apresentam e também porque a experiência que tínhamos nesta componente era muito reduzida, ou mesmo nula.

A presença na régie de vídeo aconteceu na parte final do acompanhamento que fizemos. Dada a similitude com outros programas a que já havíamos assistido, a nossa presença aqui não se alongou por muito tempo. No essencial, esta régie é muito semelhante aquela que foi descrita no ponto anterior, relativamente ao programa “Trio D’Ataque” realizado no estúdio A, destacando-se a numerosa equipa de produção e realização do programa.

²⁹ Código numérico de oito dígitos que permite a localização precisa de pontos de áudio e de vídeo durante a emissão ou edição de uma reportagem. Mostra a contagem das horas, minutos, segundos e frames (fotogramas).



2.4 “Danças na Praça” - Convento de São Bento da Vitória - Porto

O programa “Danças na Praça” resultou de um concurso sobre dança que ao longo dos meses se exibiu no “Praça da Alegria” e que, com o andar dos programas, resultou na escolha dos pares vencedores, apurada ao longo dos vários programas. Há cerca de dois anos a dança invadiu o estúdio do “Praça”. O desafio foi lançado e, desde então, foram muitos os concorrentes que mostraram ao país as suas qualidades nesta área. A grande final reuniu no Convento de São Bento da Vitória, na cidade do Porto, os pares finalistas que tinham como principal intuito a exibição dos seus dotes e do seu amor pela dança.

Porque foi um programa com emissão fora dos habituais estúdios da RTP, houve a necessidade de recorrer ao inevitável carro de exteriores. Todavia, este projecto acaba por ter uma particularidade que o diferencia dos demais: a sua transmissão enquadra-se naquilo a que vulgarmente chamamos de “live-on-tape”³⁰.

Num acontecimento daquela dimensão havia que salvaguardar aspectos muito importantes para que todo o projecto resultasse em êxito. Depois de termos acompanhado parte do trabalho desenvolvido no carro de exteriores, com as indispensáveis ligações e comunicações, do trabalho com a criação de cenários e com o posicionamento dos intervenientes do espectáculo, houve ainda tempo para acompanharmos o cuidadoso trabalho de iluminação, levado a cabo pelo operador de iluminação, João Covas. Num espaço tão amplo, com um elevado “pé direito”³¹ e com uma grande escassez de luz natural, havia a necessidade de iluminar muitas zonas, dando luz e cor ao espaço, permitindo um espectáculo que se queria elegante, frenético e cheio de brilho. O acompanhamento desta parte da iluminação, sobretudo pela sua dimensão e pelo elevado grau de dificuldade que apresentava, tornou-se num dos momentos mais interessantes e acompanhados neste projecto.

³⁰ Programa que é integralmente gravado, para posterior emissão, mas que não irá sofrer qualquer edição ou pós-produção.

³¹ Refere-se à altura (distância) que vai desde o chão (pavimento) ao tecto.

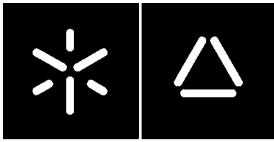


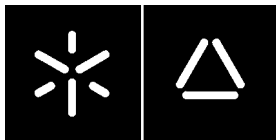
Imagem 2.2 A montagem dos equipamentos para o programa “Danças na Praça” – Porto. Imagem do autor, 2010.

Posteriormente, quer ainda durante a preparação, quer já durante a gravação, tivemos ainda a oportunidade de acompanhar o assistente de realização, Carlos Santos, que nos foi dando, aqui e acolá preciosas instruções sobre o andamento do programa, sobretudo os aspectos que mais directamente se relacionavam com a produção e realização do evento.

Apesar de ser um programa gravado, aqui já não fazia sentido frases como “acção”, “corta” ou “vamos gravar de novo”, uma vez que não iria haver qualquer edição posterior. Em contrapartida, havia que definir tudo muito bem e combinar tudo ao mais ínfimo pormenor para que nada falhasse. Para tal, foi necessário tempo prévio para treinar as diferentes situações. Depois de muito bem definidos os espaços a percorrer na sala onde o espectáculo iria ter lugar, havia que decidir a área ocupada e as coreografias que os concorrentes apresentavam. Ao som da música escolhida por cada par, estes evoluíam na “pista”, numa simulação em todo semelhante à realidade que iriam viver no dia seguinte.

É igualmente muito importante a definição de espaços e dos enquadramentos³² para, na altura da realização, o realizador poder optar pelos planos que melhor expressam os movimentos dos bailarinos e melhor traduzem o encanto e o interesse que eles empregam

³² Ver Anexo 4.



naquele momento. Daí que seja necessário conhecer muito bem a movimentação dos pares para que daí se possam retirar os melhores e mais expressivos momentos.



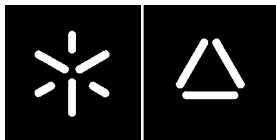
Imagem 2.3 Os ensaios e a definição dos espaços no programa “Danças na Praça” – Porto. Imagem do autor, 2010.

Este é um trabalho minucioso, por vezes muito cansativo, sobretudo quando envolve um número elevado de participantes. A desordem ocorre facilmente, o que complica sobremaneira as tarefas. Para que nada falhe, a cada profissional ligado à produção do programa é distribuído um alinhamento³³ desse mesmo programa para que qualquer elemento da equipa saiba o que compete a cada um fazer. Num universo composto por diversificadas tarefas, é importante que cada um perceba o alinhamento que o programa pretende levar.

2.5 “Programa das Festas” - Braga

O “Programa das Festas” é um programa que pretende dar a conhecer as festas, as feiras e as romarias que se realizam ao longo do ano e que se espalham por todo o nosso país. Pretende divulgar de tudo um pouco, onde se incluem festas religiosas, gastronomia, práticas seculares e culturais. O desvendar dos saberes e dos sabores tradicionais, do passado e do quotidiano vivido nas diferentes regiões portuguesas é também um propósito deste programa. É

³³ Ver anexo 4.



uma tarde de conversa, preenchida com inúmeras reportagens sobre os usos e costumes, a cultura e a economia local, dando-nos a conhecer o povo que somos e as origens que temos.

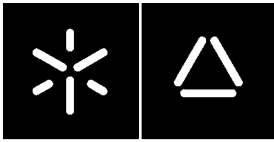
Aproveitando a tradicional celebração e os festejos da “Semana Santa”, o “Programa das Festas” deslocou-se até à cidade de Braga, onde no dia 3 de Abril de 2010, a RTP realizou este programa num dos locais mais emblemáticos da cidade: a Arcada de Braga.

Apresentado por Júlio Isidro e por Cristina Alves, este programa tem a particularidade de ser quase integralmente realizado em directo, intercalado por curtos registos previamente gravados, em que o repórter interpela e fica em diálogo com as pessoas com quem se cruza na rua, em que os temas de conversa se prendem com o dia-a-dia que se vive na cidade: os seus problemas, as suas vicissitudes, as suas tradições, etc..

Em contrapartida, o par de apresentadores conversa com “pessoas ilustres” da cidade, reflectindo sobre temas de interesse local e também sobre alguns projectos pensados para o futuro da cidade. Um dos exemplos de reflexão foi a candidatura de Braga a Capital Europeia da Juventude no ano de 2012, graças à conversa mantida com o Vereador da Câmara Municipal, responsável pela área.

Sendo um programa pensado muitas vezes para ser realizado ao ar livre, surgem muitas vezes alguns imprevistos. A instabilidade meteorológica que se fez sentir ao longo daquele dia acabou por condicionar em muito o andamento do programa. Ao nível da iluminação, aquilo que num momento se encontrava perfeito e pronto para emissão, num ápice, tudo mudou radicalmente de figura. Porque o programa se desenrola em espaços diferentes, é necessário fazer opções, dada a quantidade e qualidade de projectores necessários para esta nova configuração. Há ainda a adicionar a este condicionalismo, o facto de o programa ter ido para o ar entre as 16 e as 19 horas, intervalo de grandes mudanças ao nível da direcionalidade da luz solar. Isto faz com que haja uma permanente necessidade de proceder a ajustes relativamente aos locais a iluminar.

Ao nível das câmaras, também a chuva abundante acabou por não permitir um desempenho tão satisfatório, havendo uma necessidade frequente de se proceder à limpeza das



lentes. As diferentes movimentações e, sobretudo, os movimentos ao nível da grua tornam-se muito difíceis de operar e de conseguir com o sucesso desejado.



Imagem 2.4 O “Programa das Festas” e as condições climáticas adversas – Braga. Imagem do autor, 2010.

Com as alterações que as condições climáticas provocaram e com um tempo reduzido, as intercomunicações, tão úteis e necessárias para qualquer programa de televisão, acabaram por ser afectadas. Só com um forte empenho e com um grande conhecimento dos diferentes circuitos sonoros foi possível dar continuidade ao programa.

Na régie, local onde estivemos durante a emissão do programa, na companhia do realizador António Branco da Cunha, a adrenalina também se evidenciava. As novas condições trouxeram alterações e houve a necessidade, à medida que o programa ia avançando, de ir corrigindo alguns pormenores com os quais a realização se ia deparando. Foi uma experiência enriquecedora pois era a primeira vez que nos encontrávamos junto da régie de vídeo de um carro de exteriores a acompanhar a emissão de um programa em directo. Para que o programa tenha dinamismo, é necessária a movimentação das câmaras e esta só será conseguida se houver um conhecimento profundo relativamente àquilo que o realizador pretende. Para além do jogo de equipa sempre presente num trabalho deste tipo, é vital perceber a intenção do realizador quando pede uma acção ao operador de imagem.

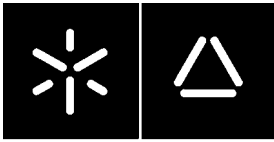


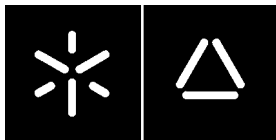
Imagem 2.5 A operação na régie de imagem do “Programa das Festas” - Braga. Imagem do autor, 2010.

Ao operador de mistura, sob a ordem do realizador, compete-lhe colocar no ar a imagem da câmara definida por este. Aqui, a concentração é muito importante para que não entre no ar uma imagem que não era a pretendida. Há uma necessidade constante de pequenos ajustes: na focagem, nos planos, nos enquadramentos e, enquanto estes ajustes estiverem a decorrer, nunca a imagem que a cada um corresponde deve ser colocada no ar.

Ao produtor cabe também um papel muito importante. Dele parte toda a contabilidade dos tempos: quer das peças, da duração dos planos nas actuações musicais ou outras, bem como no andamento do próprio programa, dando conhecimento ao realizador desse mesmo avanço.

Ao insensor de caracteres cabe a tarefa de preparar todo o trabalho de legendagem, de nomes, de lugares, etc.. No fundo, tudo o que tenha a ver com elementos identificativos ao nível da escrita. Este trabalho de preparação envolve alguma minúcia sobretudo para que não existam gralhas ou erros na descrição ou apresentação do que se pretende.

Em traços muito gerais, o interior do carro de exteriores compreende todos estes elementos que, em grande sintonia e espírito de grupo, conseguem fazer chegar aos milhões de telespectadores um programa de televisão. É certo que surgem algumas dificuldades que levam, por vezes, a algumas falhas, justificadas com os inúmeros acontecimentos inesperados que vão aparecendo e pelos quais os profissionais passam ao longo do programa.



2.6 Acompanhamentos pontuais – RTP

Para melhor sentir o pulsar do início de um dia de trabalho na RTP Porto, assistimos logo ao início da manhã, à abertura da Central Técnica. Acompanhados pelo chefe técnico de produção, João Espírito Santo, ouvimos as explicações por ele fornecidas relativamente aos procedimentos a efectuar neste tipo de serviço, com a ligação dos diferentes equipamentos e as tarefas diárias ali desenvolvidas.

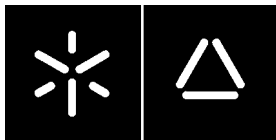


Imagem 2.6 A Central Técnica e os sinais que ali se partilham - RTP. Imagem do autor, 2005.

Embora *a priori* essas tarefas nos pareçam pouco importantes para o nosso quotidiano, é dali que são dadas linhas de comunicações com o exterior, é ali que chegam os sinais de imagens para gravação provenientes de outras delegações e/ou de outros países. É também neste serviço que se cuida de toda uma logística necessária ao funcionamento diário, nomeadamente, as que se prendem com a operacionalidade dos diferentes equipamentos.

Este acompanhamento permitiu-nos um primeiro contacto com o estúdio D, local onde se faz e emite praticamente toda a informação produzida na RTP - Porto. Este espaço, para além de estúdio da RTP1, é igualmente estúdio da RTPN bastando para tal rodar a mesa de apresentação. Numa das extremidades situa-se a redacção da RTPN e na outra a redacção da RTP1.

Este contacto, para além do conhecimento de um vasto sistema de iluminação, de câmaras, de gruas, de adereços e de diversos cenários, permitiu também perceber toda a



movimentação dos seus profissionais no *modus operandi* dos programas informativos que ali se fazem.

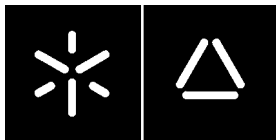
Finda esta primeira etapa, a visita às ilhas de edição foi o passo seguinte. Estes espaços são locais insonorizados, munidos de equipamentos necessários para a edição e sonorização de uma peça jornalística. O jornalista chega, entrega a cassette na secção das “videotapes”, local onde um operador a “digitaliza” para um computador, colocando no imediato as imagens gravadas disponíveis num servidor de grande capacidade. Após esta tarefa, o editor e o jornalista acedem às imagens, escolhendo as que melhor servem para que com elas se possa construir a narrativa da sua notícia. Enquanto o editor vai visionando e seleccionando as imagens, o jornalista vai adiantando o texto para colocar em “off”³⁴. Depois deste estar pronto, é altura de o gravar para o computador. Com o texto gravado e com as imagens escolhidas, resta ao editor montar³⁵ a peça e colocá-la disponível para que, em qualquer momento, esta possa ir para o ar.

Aqui, como em muitos outros momentos de televisão, o trabalho de equipa reveste-se de capital importância. É sabido que fazer televisão é um momento de luta incessante contra a falta de tempo. Esta dificuldade com que se lida diariamente pode assim ser combatida com uma boa coordenação entre os diferentes elementos das várias equipas.

Um outro local visitado foi a “régie de continuidade”. É neste espaço que se definem os horários de entrada dos programas. É aqui que se “segura” e se dá sequência à planificação do canal: quando um determinado programa atinge o seu *terminus*, vai para intervalo, ou mesmo, quando alguma anomalia técnica surge, há sempre a possibilidade de colocar no ar programas alternativos, com diversificadas durações e tipificações. É aqui que se fazem os ajustes de tempo, se colocam os blocos publicitários existentes entre programas e é daqui que se consegue seguir e definir todo o alinhamento do canal. Este local reveste-se de grande

³⁴ Voz que é incluída numa imagem, sem que a sua presença seja notada. É a locução que se faz sobre as imagens sem a presença do elemento que a ela diz respeito.

³⁵ Processo através do qual se faz a ligação entre planos previamente gravados, de uma forma sequencial e lógica, permitindo com esse alinhamento, construir uma narrativa ou uma história.



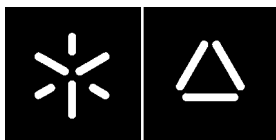
importância pois, como o próprio nome aponta, é um espaço de continuidade. Este é o último filtro da programação, imediatamente antes de ir para o ar.

Um outro local que percorremos foi o estúdio A. Em Abril, com o Congresso do Partido Social Democrata a decorrer em Mafra e com as muitas e diversificadas exigências que o momento requeria, era necessário manter o estúdio D com a apresentação noticiosa diária e, ao mesmo tempo, ter um convidado a comentar as incidências daquela reunião magna partidária. Toda esta simultaneidade só seria possível com a utilização do estúdio A em paralelo que, apesar de não dispor da última actualidade em equipamentos, permitiu aí colocar um comentador. Foi assim possível, através da colocação de um fundo em “chroma-key”³⁶ a fim de criar uma harmonização entre cenários, usada nos diferentes pontos de emissão, quer relativos à manhã informativa da RTPN, quer relativamente ao Jornal da Tarde emitido na RTP1.

Foi um trabalho com alguma exigência face à singularidade da situação, não só ao nível da transmissão da imagem mas, sobretudo ao nível das comunicações com os diferentes pontos de reportagem, havendo um contacto permanente entre apresentadores, jornalistas de serviço no congresso, o interior do congresso e o próprio comentador. É aqui que reside uma das grandes tarefas da Central Técnica, um desempenho de relevo no estabelecimento e manutenção das diferentes comunicações.

Durante o estágio, foi ainda possível efectuar visitas ao espaço reservado ao futuro estúdio virtual. Conseguiu-se, ao longo de vários dias, observar a evolução verificada nas estruturas daquele espaço. Depois de concluídas as obras, equipados e testados os novos meios, é deste local que serão emitidos todos os programas de informação e outros a partir dos estúdios do Porto. É uma área pensada para trabalhar com cenários virtuais, onde a cor predominante é o verde cuja função é a de possibilitar fazer o chamado “chroma-key” durante as várias emissões. É um sistema que se pretende inovador e moderno, correspondendo às novas exigências da produção televisiva.

³⁶ Efeito que consiste em inserir uma imagem sobre outra através da anulação de uma cor padrão, como por exemplo o azul ou o verde.



2.7 Programas de informação diária - RTP e RTPN – régie do estúdio D - RTP

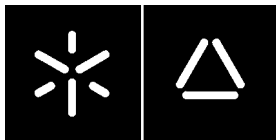
Depois de termos passado por variados espaços, chega a vez de acompanhar, através da régie, a informação diária, assistindo a toda a programação matinal da RTPN e ao “Jornal da Tarde” da RTP1.

A régie comporta dois espaços distintos e destinados em exclusivo para a informação: a régie de áudio e a régie de vídeo. Comecei precisamente pelo áudio, uma área de grande sensibilidade e minúcia, que requer uma preparação muito específica, face à complexidade que apresenta. Logo ao primeiro contacto, salta à vista uma imensa consola de mistura de áudio operada em permanência, por um operador de som. A mesa possui um infindável número de “faders” e de outros “botões” que, associados em grupos e/ou subgrupos, permitem respostas para as mais diversas solicitações. Daqui partem e chegam ordens e informações dos vários sectores, quer da realização, quer do estúdio.



Imagem 2.7 A régie de áudio que serve o estúdio D da RTP. Imagem do autor, 2005.

Este espaço possui também diversos monitores que nos mostram as imagens das diferentes câmaras em estúdio, as imagens de “exteriores” prontas a entrar no ar, como por exemplo repórteres que se encontram em determinado sítio para nos relatar uma dada situação (ex. cheias no rio Douro, na Ribeira do Porto), correspondentes ou jornalistas de outros canais internacionais a propósito de um dado acontecimento (ex. o terramoto ocorrido no Chile), ou



mesmo imagens relevantes de canais que se encontram no local em directo (ex. emissão da CNN). Ao mesmo tempo é possível fazer o acompanhamento da emissão final.

Além disto, possui um sistema de intercomunicações que permite, sem deslocações, a comunicação entre toda a equipa de produção, assim como com os diferentes intervenientes posicionados no estúdio.

Tratando-se de transmissões minuciosas, onde o tempo é contabilizado ao mais ínfimo pormenor, existe um computador que nos mostra o alinhamento do programa. Este alinhamento é partilhado por toda a equipa para que, sempre que seja alterado, todos os seus elementos disso tenham conhecimento. Tomando esta analogia, o alinhamento acaba por funcionar como uma pauta musical para o músico. Nele se descrevem todos os passos a dar, todas as fontes sonoras que entram e todos os tempos de duração. Normalmente, quando uma peça jornalística está “no ar”, há um relógio que faz a contagem decrescente da duração dessa mesma peça.

O operador de som tem ainda a possibilidade de visionar ou de acompanhar os conteúdos descritos no sistema de teleponto, usado pelo “pivot”. Este é um auxílio importante para se ter conhecimento das “deixas”³⁷ em cada lançamento.

O sistema de comunicações com o exterior é também de extrema importância. Existem diversos telefones que permitem as várias ligações, combinando as diferentes entradas no ar. Com o satélite disponível e a comunicação estabelecida através de um sistema próprio (RDIS), em que um canal (A), envia e o outro canal (B), recebe. O som entra na mesa pelo designado “N-1” que permite ao jornalista que se encontra no exterior ouvir o programa mas não ouvir-se a si próprio. Nas palavras de Luís Rangel³⁸, “falar e ouvir-se a falar, acabaria por ser um problema devido ao atraso que a audição do seu próprio som acabava por provocar”.

Ao lado e em paralelo, num compartimento mais amplo, posiciona-se a régie de vídeo. Apesar da distinção com a régie de áudio, muitos dos equipamentos ali existentes repetem-se neste espaço. É aqui que o realizador comanda toda a emissão e é daqui que envia as suas ordens.

³⁷ Nomenclatura utilizada quando nos referimos às últimas palavras que o jornalista usa no final da sua peça.

³⁸ Operador de som que acompanhámos durante vários dias.

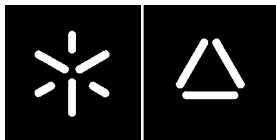
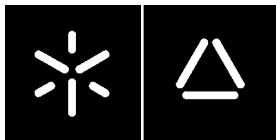


Imagem 2.8 A régie de imagem que serve o estúdio D da RTP. Imagem do autor, 2005.

Se subdividirmos o espaço, notamos a presença do insensor de caracteres, cuja missão é a de preparar a entrada no ar do grafismo necessário ao andamento da emissão: legendagem, identificação de pessoas e de lugares, entre outros. Numa outra zona encontramos o operador de controlo de imagem e de luz, a quem compete todo o trabalho de iluminação do estúdio que, através da mesa de controlo ali colocada, lhe permite, à distância, efectuar ajustes nos diferentes projectores de luz colocados no estúdio. A iluminação é um trabalho minucioso pois dela depende, muitas vezes, a obtenção de uma boa imagem, sobretudo quando em estúdio o contraste de cores é grande. Para além disso, tem também como missão ajustar a imagem das diferentes câmaras entre si. As câmaras, quando colocadas no ar, não devem apresentar diferenças na imagem ao nível da cor e da luminosidade, havendo a necessidade permanente de ligeiros ajustes para que se sinta uma homogeneização na imagem que cada uma apresenta.

Num outro espaço encontra-se o operador de mistura de imagem. Tem como principal função colocar no ar a imagem pretendida pelo realizador. Assim, como a apresentação de um jornal envolve a utilização de três ou quatro câmaras, conforme aquilo que previamente foi combinado com o realizador, torna-se necessário a utilização de planos diferenciados. Em frente ao operador de mistura de imagem encontram-se monitores numerados que permitem ao operador de mistura de imagem e ao realizador visionarem as diferentes imagens e, à voz do

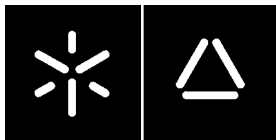


realizador, colocar no ar a pretendida. Para além destas fontes de imagem posicionadas no estúdio, há ainda as imagens que vêm de um “directo” feito num dado lugar no exterior. Há ainda as imagens correspondentes às peças jornalísticas, previamente gravadas e que fazem parte do alinhamento e que são colocadas no ar, igualmente à voz do realizador. Estas peças gravadas são colocadas no “AGS ou SVR”³⁹ e estão disponíveis a qualquer altura do andamento do programa. Uma das operações mais usuais no operador de mistura de imagem neste tipo de programa é o “duplex”⁴⁰. Estas são, em traços muito gerais, as principais fontes de imagem. Todavia, quando há a necessidade de introduzir efeitos como o “chroma-key”, a complexidade das tarefas multiplica-se. Ao lado do realizador posiciona-se a assistente de realização cuja missão é colocar pela ordem no “AGS” e disponíveis para ir para o ar as diferentes peças já editadas. Aqui, a atenção e a concentração são atributos relevantes a um bom desempenho. A troca de peças ou a escolha de um “AGS” diferente acaba por gerar alguma confusão no seio do grupo de trabalho. É igualmente daqui que se informa o “pivot” sobre as “deixas” das peças, bem como se lhe dá a conhecer o tempo que falta para o fim das mesmas. Neste sentido, existe um relógio que, cada vez que uma peça é colocada no ar, começa a fazer uma contagem decrescente do tempo de duração. Normalmente o “pivot” é avisado quando faltam dez segundos e os últimos três, evitando-se uma eventual distração. Em sintonia com o apresentador do jornal e o realizador está o coordenador, a quem compete definir o alinhamento do programa bem como eventuais alterações do mesmo ao longo da sua transmissão. É também a ele que as diversas comunicações com o exterior chegam. Mediante essas comunicações, ele define o tempo de entrada no ar.

Como é perceptível, todos estes elementos devem trabalhar em sintonia e com uma grande organização. Só desta forma, o esforço colocado no trabalho de cada um é valorizado. É necessária uma grande mecanização e uma calma elevada para que, em momentos de maior pressão ou incertezas, o pânico não se faça sentir.

³⁹ Designação utilizada para identificar os servidores onde se encontram armazenadas as peças que se vão colocar no ar.

⁴⁰ Nome que se dá quando na imagem nos aparecem dois quadros: por exemplo um com a imagem do “pivot”, outro, com a imagem do repórter, no exterior.



Ao primeiro contacto este é um espaço tremendamente confuso, com inúmeros monitores, muitos deles com as mesmas imagens mas todos com funcionalidades diferentes. Apesar de numa primeira vista se afigurarem algo complicados de operar, com o decorrer dos tempos acabamos por nos familiarizar com os equipamentos e perceber algumas funções que cada um possibilita.

A régie é o coração de um programa. Apesar da apresentação ser o rosto do programa, é na régie que se seleccionam as melhores imagens, definem os melhores enquadramentos e planos, bem como se definem os contornos que a iluminação projecta no estúdio.

2.8 “5ª Meia Maratona – Douro Vinhateiro” - Régua

A meia maratona realizada na Régua foi um programa desportivo que foi para o ar em directo, em Maio, numa manhã de Domingo. Decorreu num percurso previamente definido, compreendido entre a Barragem de Bagaúste, no rio Douro e a cidade da Régua.

Foi um programa com alguma singularidade, sobretudo ao nível da cobertura do evento e do acompanhamento que a prova exigia. Os recursos utilizados eram diversos e em grande número. Como a corrida envolvia um movimento contínuo dos atletas, era indispensável seguir o seu trajecto em permanência. Era necessário acompanhar com imagens a “cabeça do pelotão” mas também dar planos de conjunto, gerais e próximos dos diversos atletas em prova. Isto só foi possível graças à colocação de um elevado número de câmaras no terreno.

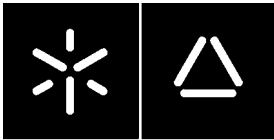
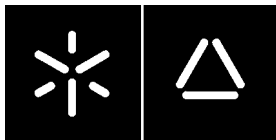


Imagem 2.9 A régie de imagem e as diferentes perspectivas que um “carro de exteriores” nos permitiu observar no programa “5ª Meia Maratona - Douro Vinhateiro” - Régua. Imagem do autor, 2010.

A transmissão foi feita a partir de um carro de exteriores posicionado próximo da meta em que, junto à linha de chegada, estavam dispersas diferentes câmaras para permitirem perspectivas distintas do evento. Ali bem próximo, foi colocada uma grua, junto a uma rotunda, em que o seu perímetro era preenchido por um chafariz que permitia um embelezamento e um extraordinário contraste dos planos usados. Junto à meta estavam posicionadas câmaras de modo a mostrarem o aproximar dos atletas e o *terminus* das suas provas.



Imagem 2.10 O trabalho do operador de imagem na transmissão do programa “5ª Meia Maratona - Douro Vinhateiro” - Régua. Imagem do autor, 2010.



Por causa da movimentação permanente do pelotão, havia câmaras posicionadas em motas para um mais próximo acompanhamento da corrida ou até para sentir o pulsar da assistência, muitas vezes interpelada pelos repórteres, solicitando uma opinião sobre o andamento do evento. Para uma visão mais alargada e geral, havia ainda uma câmara posicionada num helicóptero que possibilitava imagens de rara beleza, com a paisagem do Douro Vinhateiro como pano de fundo, onde o colorido contrastante evidenciado pelo declive dos vinhedos e pelo calmo leito do rio Douro abrilhantavam as sequências de imagens que se sucediam.

A constante mobilidade da prova tornou este programa muito diferente de todos os outros que até aqui tínhamos assistido, embora com um denominador comum: a transmissão era feita em directo e com recurso a um carro de exteriores.

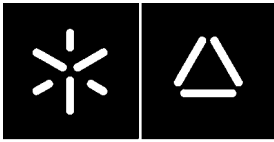
2.9 A pós-produção - RTP

2.9.1 A pós-produção vídeo linear

A pós-produção vídeo linear é um tipo de edição que, como o próprio nome indica, é feita de forma linear e em sistema analógico. Localiza-se num pequeno espaço, onde trabalham normalmente dois editores de imagem cujo objectivo é fazer a pós-produção dos vários programas, a fim de conseguir um produto final sem falhas entre os vários planos e sem excessivo tempo nas diferentes imagens, de maneira a criar um programa dinâmico, atractivo e com linearidade.

Aqui, acompanhámos o editor, Eduardo Quelhas. O operador, no seu desempenho, tem à sua disposição um leitor e um gravador de vídeo para reproduzir e gravar as cassetes, um controlador que, depois de fazer o interface entre as duas máquinas, as controla, definindo-se tempos de entrada e de saída, gravando apenas os tempos de imagem que desejamos. Neste espaço existe ainda um insensor de caracteres, que serve para legendar ou colocar a ficha técnica do programa, entre outras coisas.

Normalmente nos programas gravados em estúdio, como é o exemplo do “Fala, escreve, acerta, ganha”, logo na gravação do programa há um trabalho de realização grande em



que as alterações a fazer na pós-produção vídeo são reduzidas. Todavia, nos programas gravados no exterior, como é o caso do “Gostos e Sabores”, são usadas diferentes câmaras, com o objectivo de obter planos em diferentes enquadramentos mas sem a possibilidade de recurso a um trabalho de realização ao nível do caso anterior. Assim sendo, neste tipo de programas, o trabalho é mais intenso, tornando-se necessário mexer na quase totalidade das gravações, melhorando-as.

Este é um espaço onde se desenvolvem tarefas que tendem a desaparecer. Embora subsistam ainda algumas vantagens, o sistema digital roubou algum protagonismo, eficácia e rapidez ao analógico, para além da comodidade e da possibilidade de partilha de programas em potentes servidores, poupando o tempo das cópias e a incomodidade das cassetes.

2.9.2 A pós-produção áudio

A pós produção áudio existe num pequeno espaço, ocupado por um operador de som cujo objectivo se prende com a execução de pequenas correcções, igualizações e com a adição de alguns sons, músicas, ou outros efeitos sonoros, de forma a obter de um produto final sem falhas e com os sons utilizados, devidamente igualizados.

Um programa gravado, depois de passar pela pós-produção vídeo linear, para ser editado, dá entrada na pós-produção áudio para que todos os sons utilizados ao longo do programa sejam corrigidos, aperfeiçoados e sejam acrescentados outros, de forma a obter um produto final mais atractivo e com uma qualidade melhorada.

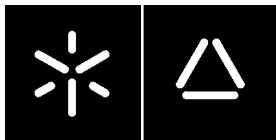


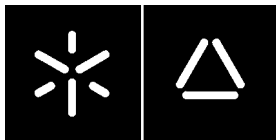
Imagem 2.11 A pós-produção áudio não linear - RTP – Porto. Imagem do autor, 2010.

Neste espaço tivemos a oportunidade de acompanhar o operador de som, Luís Rangel, que nos mostrou todo o trabalho de pós-produção de áudio aqui feito e as formas para o conseguir. Aqui trabalha-se com uma plataforma digital “Macintosh” e com o programa informático de tratamento e edição de som “Pro Tools”. Com esta ferramenta informática importa-se o programa para um disco rígido, fazem-se as adições, correcções e alterações que acharmos convenientes e necessárias e, no final, o programa é de novo gravado numa cassete, guardado e pronto a exibir aos telespectadores. Na companhia do operador de som tivemos a oportunidade de acompanhar a pós-produção áudio do programa sobre culinária “Gostos e Sabores” e, também, do concurso juvenil “Fala, escreve, acerta, ganha”.

Em complemento, o profissional responsável fez-nos um enquadramento sobre a importância e os cuidados a ter com a captação de áudio para um programa de televisão, bem como algumas técnicas de aperfeiçoamento desses mesmos sons e a igualização dos mesmos.

2.9.3 A pós-produção vídeo não linear

A pós-produção vídeo não linear é um sistema de edição que nos permite a qualquer momento alterar, substituir ou ordenar de forma diferente o alinhamento do nosso programa. Existe num pequeno espaço, ocupado por uma equipa de editores de imagem cujo objectivo é fazer a edição e pós-produção vídeo e áudio de pequenos programas ou excertos para



posteriormente serem colocados no ar. Quem nos acompanhou e nos forneceu alguns ensinamentos e práticas para executar este tipo de trabalho foram os editores de imagem Luís Bernardo e Pedro Gonçalves.

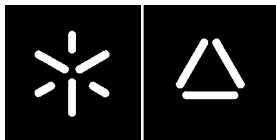
Aqui trabalha-se com uma plataforma digital informática denominada “AVID”. Com esta ferramenta informática importa-se o programa para um disco rígido, fazem-se as edições, correcções e alterações que acharmos convenientes e necessárias, quer à imagem, quer ao som e, no final, o programa é de novo gravado num servidor central (“AGS”) ou novamente em cassete, conforme indicações, encontrando-se assim pronto a ser exibido. Foi na companhia de editores de imagem que tivemos a oportunidade de acompanhar a pós-produção de vídeo de curtas biografias sobre convidados para futuras emissões do programa “Praça da Alegria” e também de alguns excertos cinematográficos para programas como “Cinemax” e “Fotograma”, da autoria de Mário Augusto e de Luísa Sequeira.

Foi uma experiência muito enriquecedora, na medida em que foi uma das que mais se aproximou da nossa actividade e necessidades diárias, para assim podermos partilhar com os estudantes os nossos conhecimentos e as experiências ali vividas.

2.10 Acompanhamento de uma equipa em reportagem - Braga

Apesar de pertencer a um Departamento diferente que não o da Produção, a possibilidade de acompanhar uma equipa em reportagem sempre foi um dos objectivos a que nos propusemos desde o início do estágio. Ter a possibilidade de assistir a todo o processo de preparação e redacção da notícia seria do maior interesse, uma vez que era uma situação totalmente nova e diferente de todas quantas havíamos assistido até aqui e que muito enriqueceria o estágio a frequentar.

Em Junho, tivemos então a oportunidade de acompanhar a equipa composta pelo repórter de imagem Manuel Liberato e pela jornalista Paula Rebelo, numa reportagem feita a propósito da visita feita pela Ministra da Saúde às obras de uma unidade de cuidados continuados, situada no Convento de Montariol, em Braga. Igualmente pudemos assistir à



cerimónia de assinatura de um conjunto de programas de apoio que a mesma responsável ministerial e a sua colega do Ministério do Trabalho rubricaram no Theatro Circo, em Braga.

Pelo caminho, foi dado início à planificação do trabalho que se ia desenrolar mais adiante. Houve uma troca de impressões entre a equipa, complementada com diversos telefonemas que iam sendo feitos, a propósito do local e de detalhes importantes sobre o assunto que se pretendia reportar.

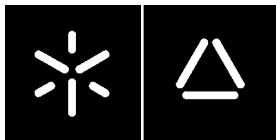
Chegados ao local, começámos por nos inteirar sobre as personalidades que iriam intervir na cerimónia e o interesse em delas obter algumas declarações a propósito dos objectivos da visita. Em simultâneo, o repórter de imagem encarregou-se de filmar alguns planos do espaço envolvente bem como das obras a visitar. Em função dos discursos proferidos, houve a necessidade de registar mais algumas imagens para com elas se poder depois editar a notícia. Este conjunto de imagens é sempre muito valioso, pois ajuda-nos a “pintar”⁴¹ os discursos proferidos com imagens a eles alusivos.

Com o andar da visita, fomos tomando nota das passagens mais relevantes nos discursos, para delas retirarmos os momentos de maior interesse jornalístico. No final, foi solicitado à Ministra da Saúde um pequeno depoimento sobre os objectivos que a trouxeram a visitar aquele local e também foram ouvidas outras pessoas com interesse naquele evento.

Finda esta parte, partiu-se em direcção ao Theatro Circo, onde iria decorrer a assinatura de diversos protocolos, na presença das duas governantes e também de individualidades ligadas à Câmara Municipal de Braga e de outras instituições da região.

Com a chegada ao local das ministras, uma grande confusão se instalou. Era uma manifestação de profissionais de saúde do hospital local que se interrogavam acerca do seu futuro profissional, face à iminente privatização da unidade hospitalar de Braga. Havia que cobrir imediatamente o acontecimento, filmando a manifestação e recolhendo diferentes planos, para melhor e mais exactamente a poder exhibir aos telespectadores. A jornalista tentava inteirar-se da

⁴¹ Acto de colocar na edição imagens correspondentes ao discurso do orador, também designadas por “imagens de corte”.



situação e desdobrava-se em entrevistas aos diferentes manifestantes, tentando obter deles informações para mais tarde delas fazer eco.

Com a entrada na sala, os ânimos serenaram e foi possível registar imagens da assinatura dos protocolos, bem como ouvir alguns discursos e deles retirar as notas mais importantes.

O passo seguinte foi a partida em direcção aos estúdios no Porto. A jornalista de caneta e papel na mão ia “desenhando” com palavras a história da sua reportagem. Chegados à redacção, as imagens da cassette são imediatamente copiadas para um servidor (“AGS”), encontrando-se disponíveis no imediato para a edição. A jornalista, na companhia de um editor, entra para uma “ilha de edição”⁴² e ambos dão início ao trabalho de montagem. Depois do texto escrito, é lido e gravado as vezes necessárias com a entoação pretendida. Das imagens em bruto⁴³ são escolhidos os depoimentos mais expressivos e, ao mesmo tempo, são igualmente seleccionadas as melhores imagens, aquelas que mais se adequam e melhor reportam a situação vivida.

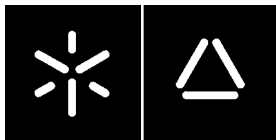
Findo aquele trabalho, a reportagem é gravada novamente e disponibilizada no servidor central (“AGS”) a fim de ser colocada no ar quando o coordenador assim o entender. São tarefas normalmente feitas em cima da hora, onde o tempo conta e a notícia quando acontece deve ir para o ar no mais curto espaço de tempo. Daí que a rapidez e a destreza assumam um papel de grande relevo e importância.

Nota final

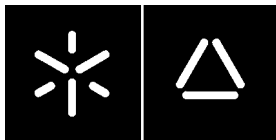
Foram estes os espaços que percorremos durante o estágio. Em todos pretendemos acompanhar situações diferentes, de modo a somar novos conhecimentos e a não repetir outros. Daí que os relatos aqui deixados, por vezes não façam alusão a alguns aspectos deste ou daquele programa, deste ou daquele espaço. Uma vez que profissionalmente nos encontramos já inseridos nesta área de trabalho, ao longo deste estágio demos preferência a

⁴² Local insonorizado e apetrechado com equipamentos destinados à edição de reportagens.

⁴³ Imagens sem qualquer edição.



acompanhamentos em áreas cujos conhecimentos eram mais escassos e se constituíam menos familiares. Foram ainda relevados assuntos que mais correspondiam ao nosso quotidiano profissional, mesmo que enquadrados fora do domínio da Produção. O acompanhamento de uma equipa de reportagem foi disso uma prova evidente.



CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASO

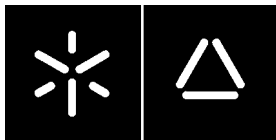
Depois de realizado o estágio e de termos acompanhado diversos programas, decidimos, como “estudo de caso”, fazer uma análise comparativa entre um programa emitido em directo e um outro gravado para emissão posterior. Para efeitos de comparação, a nossa escolha recaiu sobre os programas “Praça da Alegria”, emitido directamente desde a cidade de Viana do Castelo e “Gostos e Sabores”, gravado na Quinta do Seixo, junto à vila do Pinhão, situada na região do Alto Douro Vinhateiro, no concelho de Tabuaço.

3.1 Objectivos e metodologia utilizada

O estágio realizado na Rádio e Televisão de Portugal, no Departamento de Meios de Produção, permitiu-nos um conjunto diferenciado de experiências e, ao mesmo tempo, suscitou-nos algumas questões que se prendem com diversos conteúdos audiovisuais produzidos no canal público de televisão.

Para além dos vários produtos emitidos e a que assistimos, e das tarefas com que no dia-a-dia nos foram desafiando e das quais fomos tomando nota, a produção e a emissão de programas em directo, no exterior, assim como a produção de programas gravados, igualmente no exterior, foram, por assim dizer, aqueles projectos que mais curiosidades e interrogações despertaram.

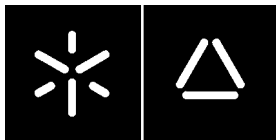
Depois de assistirmos a diversificados projectos no decurso do estágio, todos eles relevantes e merecedores de uma análise aprofundada, a preferência do nosso estudo recaiu na identificação das diferenças entre a produção televisiva de dois programas, um em directo no exterior e o outro gravado, igualmente no exterior. Assim, o âmbito deste trabalho recai sobre o programa em directo, “Praça da Alegria”, emitido no dia 2 de Abril de 2010, a partir da Praça do Município, na cidade de Viana do Castelo e o outro sobre o programa gravado, “Gostos e Sabores”, filmado no dia 9 de Abril, na Quinta do Seixo, inserida na paisagem do “Alto Douro Vinhateiro”, situada no concelho de Tabuaço. Para tal, tomando os dois programas como objectos de estudo, colocámos a seguinte questão: quais as diferenças essenciais, ao nível da



sua produção, entre um programa emitido em directo e um programa gravado, ambos realizados no exterior? Pretendemos, com este estudo, determinar um conjunto de diferenças essenciais entre ambos; as diferentes fases de produção a que cada um assiste e o que eles têm em comum.

Dada a natureza muito particular deste trabalho, não são apresentados elementos de natureza quantitativa e estatística. Efectivamente, a análise que fazemos é baseada na constatação evidenciada na nossa experiência enquanto parte activa dos programas em estudo. Através da nossa presença e da experiência que ganhámos no acompanhamento destes programas, adquirimos conhecimentos que nos possibilitaram traçar este paralelismo entre os dois programas. O grande fundamento dos elementos que aqui são expressos é o resultado de uma longa prática enquanto profissional do audiovisual e, sobretudo, fruto de uma acumulada experiência conseguida ao longo deste estágio na Rádio e Televisão de Portugal, nos diferentes sectores e programas por onde tivemos oportunidade de passar. Envolvidos que fomos, desde o início do estágio, em diferentes equipas técnicas altamente especializadas em cada um dos sectores, o nosso acompanhamento e participação permitiu-nos conhecimentos muito enriquecedores nas diferentes áreas em que estivemos envolvidos. A presença nestes diferentes locais possibilitou um conhecimento mais aprofundado sobre a organização, as funções e as actividades que a cada elemento compete. Foi com esta noção que nos apercebemos melhor acerca do papel que determinado elemento desempenha dentro de um projecto televisivo e que, muitas vezes, passa despercebido do olhar dos telespectadores.

O nosso estágio assentou sobretudo na observação e nas interrogações que, sempre que eram possíveis, se colocavam aos operadores ou a outros profissionais no sentido de os questionar sobre este ou aquele assunto, esta ou outra opção, ou sobre outras formas possíveis de trabalho. As emissões em directo tornaram-se um factor de grande impedimento para uma mais activa participação na emissão dos diferentes programas. Para colmatar esta contrariedade, aproveitavam-se os intervalos dos programas para questionar os diferentes operadores que nos iam transmitindo importantes informações e nos permitiam operar, pela primeira vez, com equipamentos, alguns deles, até ali praticamente desconhecidos.



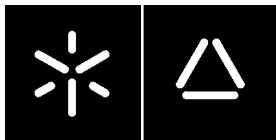
Daí que, a metodologia que usámos para análise, apesar de não se basear em dados quantitativos, não deixa, na nossa perspectiva, de merecer toda a aprovação. Como atrás foi mencionado, as inúmeras conversas, mantidas e intercaladas por vezes por autênticas “entrevistas” feitas aos diferentes profissionais que connosco partilhavam a sua experiência e o seu saber, fidelizam e constituem-se como fundamentos muito valiosos deste estudo.

3.2 Etapas de uma produção televisiva

Em traços muito gerais, podemos dividir o processo de uma produção televisiva em três fases: pré-produção, produção e pós-produção. O trabalho da pré-produção de um programa de televisão envolve tarefas muito distintas como a concepção das ideias para o programa, os orçamentos para os gastos previstos, acertar patrocínios, promover contactos com as diferentes individualidades, tempo previsto para a realização, os espaços necessários à transmissão (estúdio ou no exterior), autorizações, contratos, estudos minuciosos sobre as necessidades de meios técnicos e humanos e o levantamento das necessidades gerais para a realização do programa. Depois de conseguida a aprovação do projecto apresentado, entramos na fase da implementação da ideia sendo designadas equipas responsáveis por cada uma das áreas envolvidas. Embora à partida não se torne tão evidente, é esta a fase das grandes decisões e a que mais importância assume numa produção. É aqui que tudo se define, tudo se organiza e tudo se planeia. Cada programa tem um público-alvo a que se destina. Daí que a sua concepção deva ter sempre esse público no seu horizonte, tentando ir ao encontro das suas necessidades e dos seus interesses, em função do perfil de cada destinatário.

A fase da produção corresponde à junção de todos os elementos atrás referidos para que, finalmente, o programa possa ser realizado e transmitido. Esta fase diz respeito tanto a programas em directo como a programas gravados em estúdio ou no exterior, embora os programas gravados necessitem de passar pela pós-produção, antes de serem exibidos. Esta fase compreende a gravação ou o directo do programa propriamente dito.

Por fim surge a fase da pós-produção. É destinada sobretudo a programas gravados, a que corresponde o visionamento do material registado, independentemente do suporte utilizado,



a selecção, ordenação e edição das sequências ou dos planos pretendidos, a adição de efeitos especiais, grafismos e outros. É também nesta fase que se corrigem os sons gravados, se adicionam, misturam e igualizam bandas sonoras, musicais e locuções, tornando o produto final mais atractivo, em conformidade com aquilo que inicialmente era esperado. Esta é uma fase de grande criatividade. Todavia, convém não exagerar na adição de efeitos, de forma a não desvirtuar o programa, afastando-o daquilo que é pretendido.

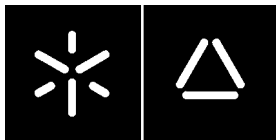
3.3 A tipologia dos programas de televisão

Antes do aparecimento dos aparelhos de gravação de cassetes, designados por “videotapes”, «tudo o que era televisão, era necessariamente em directo» (Almeida, 1990: 143). O seu advento abriu um novo caminho à produção de programas: a pós-produção. Esta nova opção, onde podemos melhorar o conteúdo e a qualidade dos programas, permitiu que as gravações não obedecessem mais à sua linearidade habitual, mas sim à gravação por “takes”⁴⁴ em que eram gravados «segmentos de um programa, com um conjunto variado de planos que depois eram montados» (Almeida, 1990: 143). Esta possibilidade trouxe benefícios, diversificando os programas emitidos. Muitos programas em directo deixaram de o ser. Abriu, assim, portas à gravação de programas na íntegra, cuja exibição acontece em horas e datas a designar posteriormente, muito similar ao “live-on-tape”⁴⁵. Com esta evolução, podemos gravar um programa e exibi-lo quando à estação for mais conveniente, sobretudo por questões relacionadas com audiências e de acordo com os “timings” traçados.

Fruto de um sofisticado avanço tecnológico, verificado quer ao nível dos equipamentos usados, quer ao nível da uma crescente e exigente “máquina” de produção televisiva, a tipologia dos vários programas foi-se apresentando sob diferentes formas. Assim, como atrás foi dito, a televisão que outrora era maioritariamente produzida em directo passou a ser também gravada, ora para a apresentação integral posterior, ora para ser submetida a alterações à ordem com

⁴⁴ Cf. Glossário.

⁴⁵ Um desses exemplos foi o programa “Danças na Praça”, realizado no Convento de São Bento da Vitória, no Porto e que acompanhámos.



que foi filmada, adicionando-se-lhe efeitos visuais e sonoros, na chamada etapa da pós-produção.

Em traços muito gerais, os programas subdividem-se na seguinte tipologia: programas directos e programas gravados. Os primeiros podem ser, como o próprio nome indica, directos e realizados em estúdio⁴⁶ ou directos e produzidos no exterior⁴⁷, num local previamente definido. Os programas gravados podem dividir-se por aqueles que o são na sua totalidade, em estúdio ou no exterior, destinando-se a uma emissão integral num qualquer dia e hora, sempre sem a intervenção de qualquer trabalho de pós-produção (“live-on-tape” ou diferido)⁴⁸. Finalmente e ainda nos programas gravados, temos aqueles que são realizados em estúdio⁴⁹ ou no exterior⁵⁰ e que irão sofrer posteriormente um aturado trabalho de pós-produção, antes de serem emitidos.

3.4 Programa directo

Desde o aparecimento da televisão até à descoberta do videogravador que toda a programação televisiva era exclusivamente feita em formato “directo”. Este modelo encontra-se intrinsecamente associado à simultaneidade entre a realização do acontecimento e a sua transmissão, acabando o programa por acontecer no momento em que é produzido. É nesta simultaneidade que residem alguns particularismos e toda a sua “estética”. O acontecimento que é transmitido determina uma função comunicativa muito própria em que um dos seus principais atractivos é justamente a sua imprevisibilidade e a espera pelo inesperado, havendo uma sincronia entre a produção, a transmissão e a recepção do programa. Este sincronismo é mais que uma mera opção técnica ou expressiva porque, em muitos casos, permite também ao espectador, na hora, a possibilidade de intervenção, pronunciando-se sobre aquilo a que está a assistir, associando assim interactividade ao programa.

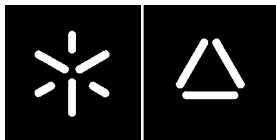
⁴⁶ Um exemplo é o programa desportivo “Trio D’Ataque”, realizado às terças-feiras à noite, a partir do estúdio A, no Porto.

⁴⁷ O “Programa das Festas”, realizado em Braga e que assistimos, foi um desses exemplos.

⁴⁸ O programa “Danças na Praça”, realizado no Convento de São Bento da Vitória, no Porto e que acompanhámos, foi um desses exemplos.

⁴⁹ O concurso juvenil “Fala, escreve, acerta, ganha”, realizado no estúdio C, no Porto, é um desses exemplos.

⁵⁰ O programa “Gostos e Sabores”, realizado na Quinta do Seixo – Tabuaço, é um desses exemplos.

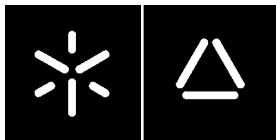


Um programa em directo, salvo alguns particularismos⁵¹, passa por duas fases da produção: a pré-produção, onde se planificam todos os preparativos que o antecedem, e a produção propriamente dita, que coincide com a realização e colocação do programa no ar. É normalmente produzido e realizado em estúdio ou no exterior. Quando é realizado no exterior, depois de uma visita técnica feita ao local do evento, «os profissionais não vão encontrar todo o espaço e conforto do estúdio, antes sim, as condições que um veículo designado por carro de exteriores pode oferecer» (Henriques, 1994: 112).

Se um programa em directo não for realizado em estúdio, impõe-se uma análise minuciosa ao local onde vai decorrer, sendo fundamental a realização de visitas técnicas. Todas as condições têm de estar garantidas, com a atenção centrada ao pormenor nos mais variados pontos. Como atrás foi dito, a imprevisibilidade não pode gerar erros. Assim, as equipas são normalmente numerosas e com tarefas muito bem definidas. Aspectos como a localização, o horário a que vai para o ar, a luminosidade, a meteorologia, entre outros, devem ser sempre levados em conta. Para que tudo seja pensado ao pormenor, são muitas vezes ensaiados alguns momentos que irão fazer parte do programa para que os espaços da acção, os movimentos e os tempos de duração estejam de acordo com a linha do programa.

Um programa em directo, como aqui já foi dito, segue uma sequência linear que é traçada por um “alinhamento” e que é distribuído previamente. Neste documento a que toda a equipa tem acesso, estão descritos todos os passos seguidos, a duração de cada rubrica, identificando os seus intervenientes e o andamento geral do programa. Convém não esquecer que, em directo, um programa não pode exceder o tempo de duração que lhe é disponibilizado. O tempo gasto com a emissão corresponde ao tempo total de duração do programa, embora haja a necessidade de, no dia anterior, fazer a montagem dos equipamentos, os necessários testes e os ensaios, como acontece com danças, encenações ou outras manifestações deste género.

⁵¹ Pequenas reportagens que complementam os assuntos que estão naquele instante a ser abordados.

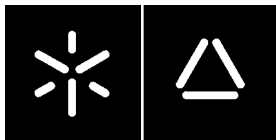


Em termos de equipamentos, é um formato de programa que requer numerosos recursos técnicos e humanos, onde o espírito de equipa e o sentido de responsabilidade devem imperar no seio do grupo. Convém referir que, como este tipo de programa não tem pós-produção, tudo aquilo que for para o ar tem de se encontrar nas melhores condições, visto não haver a possibilidade para posteriores ajustes ou melhoramentos. Ao mesmo tempo, como é um programa a emitir em simultâneo para o exterior, é necessária uma aperfeiçoada rede de comunicações, quer entre os diferentes elementos da equipa de produção, quer destes com os elementos que dão continuidade à emissão diária, utilizando-se para este efeito um sistema de feixes hertzianos ou mesmo satélite. É nesta emaranhada rede de comunicações que os programas em directo encontram as suas maiores dificuldades.

3.5 Programa gravado

Com os avanços tecnológicos que entretanto foram surgindo, novas possibilidades de emissão despontaram. Com a invenção do videogravador foi possível gravar através de cassete ou outro suporte uma produção e colocá-la no ar, no dia e na hora achadas mais oportunas. São programas que tanto podem ser gravados em estúdio como no exterior. A produção de um programa deste tipo passa pelas suas três fases: a pré-produção que corresponde aos preparativos e aos contactos com os diferentes agentes envolvidos; a produção que passa pela gravação do programa e da sua envolvência e, finalmente, a pós-produção final que é o momento onde o programa é “retocado” nos seus diferentes aspectos (visual, gráfico e sonoro), ficando pronto a ser emitido. A transmissão acaba assim por ser posterior à produção e realização do evento. Todavia, há programas que, apesar de serem gravados, não sofrem qualquer tipo de modificações não passando portanto pela fase da pós-produção. Eles são gravados na sua totalidade, como se de um directo se tratasse, mas apenas vão para o ar posteriormente, no horário considerado mais oportuno, correspondendo aquilo a que chamamos “live-on-tape” ou “diferidos”.

Um programa gravado, normalmente, não obedece ao rigoroso “alinhamento”. No entanto, para que as sequências sejam todas registadas é habitualmente usado um “guião”

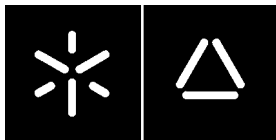


onde são descritos os passos, os diálogos e as cenas que o realizador deve pedir para serem gravadas. Aqui, não há linearidade ou esta não tem carácter obrigatório. Uma cena que irá encaixar no meio ou no final do programa pode ser a primeira a ser gravada ou vice-versa. No final, na pós-produção, o editor de imagem, de acordo com o realizador, vai construir a narrativa do programa, colocando agora as imagens na ordem preestabelecida.

Aqui, o erro corrige-se com nova gravação e a imprevisibilidade praticamente não existe. A gravação é feita por partes (“takes”) e, no final de cada sequência, o realizador visiona cada registo e decide se haverá lugar ou não a nova gravação. Fazem-se as repetições que forem necessárias até se conseguir um produto de acordo com as pretensões do realizador.

Normalmente, embora dependa muito de programa para programa, quando são gravados em estúdio, os meios técnicos necessários equivalem-se em certa medida aos usados nos directos. Como vai haver uma pós-produção, o trabalho de realização, de mistura de imagem ou o próprio som poderão sempre sofrer alterações, correcções ou adições. O registo em diferentes perspectivas captado pelas câmaras colocadas em estúdio permite substituir umas imagens por outras, proporcionando enquadramentos ou perspectivas mais condizentes com determinada acção. Quando são produzidos no exterior, os meios técnicos e humanos necessários são em número mais reduzido, de uma maneira geral.

Num programa gravado é muito importante ter em atenção a noção de continuidade para que, na construção da nossa narrativa final, não sintamos saltos ou alterações no tipo de imagens captadas, com diferentes luminosidades, sons díspares ou até mesmo vestuários diferentes, em virtude, justamente, da não linearidade da gravação. É por isto que tem de haver um redobrado cuidado no momento das gravações. Deve ser seguido com algum cuidado e detalhe o guião do mesmo, evitando que na pós-produção haja lapsos de gravação ou mesmo ausência de imagens necessárias para a construção da narrativa televisiva, inviabilizando a conclusão do programa. A não linearidade a que atrás fizemos alusão acaba por trazer como consequência a necessidade de um tempo de gravação total muito superior ao tempo total final do programa quando este se encontrar pronto e preparado para ir para o ar.



3.6 Comparação: análise de dados

Para realizar este estudo, socorremo-nos, para ambos os casos, das seguintes categorias de análise: meios técnicos e humanos, produção, iluminação, som, imagem e cenários.

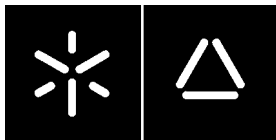
Os meios técnicos e humanos

A emissão do “Praça da Alegria” tem a duração de cerca de três horas, todas as manhãs, num horário definido. O “Gostos e Sabores” estende-se por cerca de trinta minutos e não vai para o ar sempre no mesmo horário. Estes dados revestem-se de grande importância pois a duração do primeiro acaba por permitir uma grande diversidade de temas a abordar, que requerem um elevado recurso de meios técnicos e humanos. Em contraponto, no segundo programa, com uma duração bem mais curta, os temas a tratar apresentam-se em número inferior e, de uma maneira geral, são feitos somente com dois ou três interlocutores.



Imagem 3.1 Montagem do “carro de exteriores” para o programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

Os meios técnicos envolvidos foram muito díspares. O “Praça da Alegria” levou consigo um carro de exteriores, com toda a envolvência das comunicações necessárias para uma transmissão em directo, carros de apoio carregados com grandes bobinas de cabos para conexão de equipamentos, uma consola de áudio e um numeroso conjunto de microfones de



diferentes sensibilidades, um vasto sistema de iluminação capaz de “colorir” todo o palco da acção, câmaras de estúdio e portáteis. Ao nível dos recursos humanos, para além da equipa que operou no carro de exteriores, houve a necessidade de um elevado conjunto de pessoas para trabalharem com os diferentes equipamentos atrás mencionados, bem como de pessoal para lhes prestar apoio.

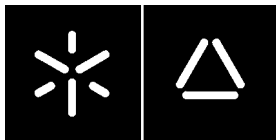


Imagem 3.2 Os recursos e a equipa de produção do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo – Tabuaço. Imagem do autor, 2010.

O “Gostos e Sabores”, ao nível técnico, levou consigo um carro de transporte com três câmaras portáteis e tripés, microfones para os intervenientes do programa, dois conjuntos de iluminação para o exterior e para o interior. Ao nível dos recursos humanos, para além do realizador e do produtor, tinha ainda os operadores de câmara, um assistente e a maquilhadora.

A produção

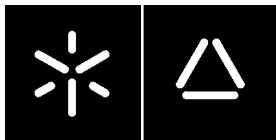
A equipa de profissionais que trabalhou para que o programa “Praça da Alegria” chegasse aos telespectadores foi muito vasta, pertencendo muitos deles ao grupo que arrancou com o programa desde seu início. Ora, esta longevidade cria rotinas, gera experiências e conhecimentos, ao ponto de não haver a necessidade de partir sempre do zero a cada programa que se realiza, mesmo no exterior. Uma das principais preocupações é a continuidade com a habitual matriz, não desvirtuando o programa apesar da mudança de local de transmissão.



Relativamente ao programa “Gostos e Sabores”, apesar do assunto nele tratado ser semelhante, de programa para programa, é mais fácil haver mudanças na equipa de produção, uma vez que esta é constituída por um número bem mais reduzido e nem sempre há a disponibilidade total de todos os seus elementos.

A produção do programa emitido desde Viana do Castelo começou a ser definida muito tempo antes. Depois da ideia e dos contactos serem efectuados, a fim de combinar com as entidades locais os aspectos formais do programa, houve a necessidade de previamente fazer uma visita técnica ao local. Esta visita teve como objectivo avaliar as condições em que o programa irá decorrer. São feitos registos fotográficos, medições e outras indicações importantes para, num estudo posterior mais minucioso, serem definidos os espaços onde as acções irão acontecer, bem como as distâncias, quer em relação à colocação das câmaras, quer em relação ao carro de exteriores. Esta minuciosa distribuição acaba por ter muita importância pois, muitas das vezes, os espaços são muito reduzidos, irregulares e capazes de gerar brilhos ou reflexos em redor que impossibilitam levar a cabo um trabalho de qualidade. É também importante na medida em que, mediante esta avaliação, se definem os locais de localização e operação dos equipamentos: colocação do carro de exteriores, operação com as câmaras, havendo sempre a preocupação com o melhor ângulo, a melhor perspectiva, anotações muito úteis para adicionar dinamismo ao programa. Desta minuciosa visita saem também indicações importantes para a equipa de iluminação que utilizará os meios que achar necessários para aquele evento. Também desta visita se avaliam as diferentes necessidades, desde a grande diversidade de cabos e de extensões, à intensidade de corrente eléctrica, à disponibilidade de uma ampla rede de comunicações capaz de levar e trazer informação aos diferentes sectores. Depois da visita e na posse dos dados necessários, reúnem-se os responsáveis dos diferentes sectores, definindo as estratégias a adoptar, nomeadamente ao nível dos posicionamentos e da gestão mais adequada do espaço e das condições disponíveis.

A produção do programa gravado na Quinta do Seixo é, comparativamente, bem mais simples. Apesar de não ter tido visita técnica, são igualmente necessários os contactos prévios com as pessoas responsáveis, sendo a deslocação de toda a equipa feita no próprio dia. É lá, no



local, que o realizador define os pontos de gravação. As decisões são muitas vezes tomadas na hora, ora por conveniência, ora pelo tempo e as condições apresentadas. Como a gravação é feita ao longo do dia, convém definir muito bem os tempos de gravação para não haver na mesma acção a apresentar imagens gravadas pela manhã, juntas com outras recolhidas ao fim da tarde, com tonalidades de luz diferentes, evitando-se assim problemas de continuidade (“raccord”⁵²).

A iluminação

Embora pareça pouco relevante, a iluminação tem muita importância num programa e ela difere muito de um para o outro exemplo aqui referidos. Enquanto que o programa “Praça da Alegria” tem um tempo exacto de emissão, cerca de três horas, a gravação do programa “Gostos e Sabores” dura um dia. O primeiro decorreu num espaço fechado, embora com a incidência de luz natural, enquanto o segundo decorreu no interior e no exterior, de manhã e à tarde. Isto equivale a dizer que o programa em directo, dada a sua natureza e a grande diversidade de convidados e rubricas, utilizou uma maior quantidade de projectores, uma vez que os espaços a iluminar eram também em maior número. De referir que, com o programa em andamento, não é muito aconselhável proceder a grandes alterações em função do motivo que se encontra naquele momento no ar. Contudo, há situações como por exemplo as relacionadas com alterações climáticas, em que se torna imperioso proceder a ligeiros ajustes.

⁵² Ligação entre um plano e o seguinte sem perder a continuidade da narrativa.

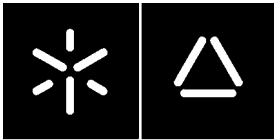


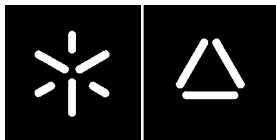
Imagem 3.3 Montagem da iluminação para o programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

Relativamente ao programa gravado, houve muitas sequências que não necessitaram de iluminação adicional, bastando uma igual sintonia nas aberturas de entrada de luz das diferentes câmaras (diafragma), aproveitando ao máximo a luz natural daquele momento. Todavia, como as diferentes sequências eram gravadas em alturas do dia distintas e também em espaços interiores, a cada momento era necessário proceder a alterações de luz.



Imagem 3.4 A minúcia do trabalho de iluminação na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço. Imagem do autor, 2010.

Como exemplo, as conversas mantidas entre o apresentador e o convidado que se desenrolaram no meio dos vinhedos não necessitaram de qualquer iluminação artificial.



Posteriormente, com gravações feitas no interior das caves, local muito escuro, houve a necessidade de fazer um tipo de iluminação muito próprio, não só para adicionar claridade às cenas mas também para melhor definir os seus recortes e dar profundidade à imagem. Finalmente, como a apresentação culinária foi feita à tarde e, para aproveitar a paisagem como “pano de fundo”, houve a necessidade de anular as sombras provocadas pelo sol, iluminando o rosto dos intervenientes. À medida que as situações iam evoluindo, assim se adequava a iluminação.

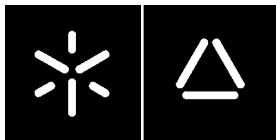
O som

O som foi outro indicador de comparação importante. Enquanto no “Praça da Alegria” se utilizou um elevado número de microfones, com diferentes funções e características, dada a diversidade de assuntos que trata (voz, músicas, danças, etc.), foi importante haver uma equipa de operadores de som. Todas as fontes sonoras chegavam a uma consola, onde eram feitos os necessários ajustes e a sua igualização.



Imagem 3.5 A consola da régie de áudio do “carro de exteriores” do programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

Os sons têm de ir para o ar o mais fiéis e puros que se conseguir. É também desta equipa que partem todas as comunicações, quer entre os diferentes operadores e o realizador, quer do carro de exteriores para a estação de televisão.



Em contrapartida, no “Gostos e Sabores” não houve comunicações com o exterior e a diversidade de microfones foi muito reduzida, apenas os usados pelos dois intervenientes do programa. Daí não ser necessária uma equipa exclusivamente dedicada ao som nem de consola para esse efeito. Embora haja um permanente cuidado com a qualidade do som registado, mesmo que surja um ou outro problema, posteriormente, na pós-produção áudio, poderá sempre ser corrigido ou substituído por um outro captado de outra fonte sonora. Neste programa, a complexidade quer em número de fontes sonoras, quer em qualidade de sons registados, não é comparável. Tudo isto porque na pós-produção há sempre a possibilidade de correcção, substituição e adição de sons previamente feitos.

A imagem

Relativamente à imagem, o nosso programa em directo fez uso de três câmaras de estúdio e de uma portátil a fim de seguir os apresentadores à chegada ao local da realização. As câmaras colocadas no espaço da emissão têm a particularidade de se poderem mover sobre rodados, de forma a permitirem suavizar os movimentos efectuados ao longo do programa (“travellings”⁵³). Para além disso, são colocadas duas câmaras adicionais no exterior, em lugares capazes de fornecer tomadas de vista centrais, normalmente posicionadas em locais elevados (varandas circundantes ou, como exemplo, no Santuário de Santa Luzia), capazes de permitirem planos gerais da cidade, de monumentos ou que consigam espelhar o fervilhar das pessoas que se movimentam na rua, durante a emissão. Através das comunicações estabelecidas entre a régie e cada operador de imagem, o realizador pede a cada um individualmente o plano que pretende colocar no ar para, desta forma, conseguir imagens estáveis e sem movimentos bruscos e que se adequem à narrativa do programa. Quando determinada câmara está no ar, uma luz acende, assinalando essa situação. Daí que, nestas alturas, o operador não deva fazer movimentos sem a devida autorização do realizador.

⁵³ A câmara encontra-se num tripé ou pedestal com rodas, podendo deslocar-se para a frente, para trás ou para os lados, conforme as indicações fornecidas.

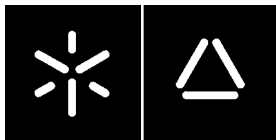


Imagem 3.6 As câmaras usadas no programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

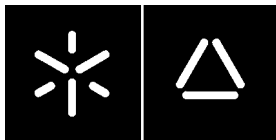
Nestas câmaras encontra-se um pequeno monitor que permite ao operador de cada uma delas acompanhar o programa, seguindo as diferentes imagens que vão sendo colocadas no ar. Aqui, as câmaras servem apenas para emitir imagem e não gravam.

Em relação ao programa gravado “Gostos e Sabores”, são usadas câmaras portáteis posicionadas a diferentes níveis de altura, de forma a podermos conseguir diferentes enquadramentos na mesma acção.



Imagem 3.7 As câmaras usadas na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuação. Imagem do autor, 2010.

Como, regra geral, as câmaras estão estáticas, os operadores ou operam com elas ao ombro ou então, colocadas em tripés mas sem rodados. Para este tipo de programa o número é mais



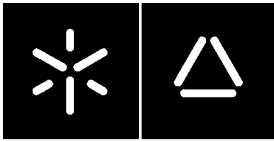
reduzido, tendo sido utilizadas apenas três. Os microfones dos interlocutores encontram-se ligados a uma delas que os acompanha, efectuando os movimentos necessários para que não saiam do enquadramento. As outras acabam por fazer o mesmo acompanhamento, embora em planos e enquadramentos diferentes. Tudo isto para que, na pós-produção, se possam juntar imagens do mesmo momento, provenientes de diferentes câmaras e em diferentes perspectivas. É muito importante o seu correcto posicionamento para que não se notem saltos ou ausência de “raccord” na construção da sua narrativa. No início do programa são feitos acertos nas diferentes câmaras, quer ao nível das aberturas de diafragma para obtermos imagens o mais iguais possível e, ao mesmo tempo, gravar um “time code” igual em todas elas. Este aspecto é importante para que haja sincronismo entre a imagem e o som aquando do trabalho de pós-produção. Aqui, como é compreensível, cada câmara possui um suporte, normalmente cassete, onde são gravados os diferentes segmentos que irão suportar a pós-produção final.

Os cenários

No “Praça da Alegria” é muito comum o uso de cenários de cores fortes e cheios de luz. Todavia, a realização do programa no exterior, inviabiliza essa prática. Assim, como o programa se desenrolou no interior dos claustros, aproveitou-se a numerosa assistência para preencher o fundo da imagem.



Imagem 3.8 A assistência como cenário no programa “Praça da Alegria” – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

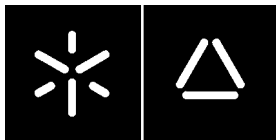


É certo que existiam vidros que separavam o “plateau” do público, evitando-se ruídos e outras interferências mas, o colorido emprestado pelas tunas e pelos ranchos folclóricos convidados serviu o propósito na perfeição. Como as rubricas mudavam de espaço dentro do mesmo local, havia sempre diferentes fundos, evitando um eventual cansaço no telespectador. A movimentação das pessoas acabava também por dar algum dinamismo ao andamento do programa.

A quinta onde o programa “Gostos e Sabores” foi gravado situa-se à beira do rio Douro, enquadrada na bela paisagem do Alto Douro Vinhateiro que, por si só, era já o grande cenário do programa. Houve que aproveitá-lo. Assim, os diálogos entre o apresentador do programa e o enólogo decorriam no meio dos vinhedos, servindo as linhas destes como pano de fundo à conversa. Este era um cenário que, para além de natural, era o que mais tinha a ver com aquela situação. Posteriormente a conversa centrava-se na “fabricação” do vinho e, nada melhor que efectué-la no interior da adega, ladeados pelas gigantescas pipas ali estacionadas. Inclusive, o brinde foi feito precisamente com as pipas como fundo. Finalmente, a apresentação culinária decorreu sob um fundo igualmente natural, com o rio Douro e os vastos vinhedos circundantes como cenário.



Imagem 3.9 A paisagem envolvente como cenário nas gravações do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço. Imagem do autor, 2010.



Houve assim um acertado aproveitamento que a bela paisagem permitia sem haver a necessidade de recorrer a artificialismos que nem sempre correspondem àquilo que pretendemos.

3.6.1 Semelhanças

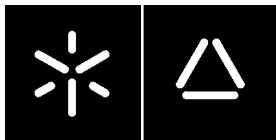
Visto tratar-se de programas que logo à partida têm perfis diferentes, com produção, públicos, horários e duração igualmente diferentes, não é fácil enumerar muitas semelhanças. Sem olhar à dimensão, talvez a maior semelhança resida na etapa da pré-produção. A necessidade sentida em ambos os casos no estabelecimento de contactos com as diferentes individualidades, o cálculo com os gastos previstos e a definição das equipas, são algumas semelhanças sentidas. Embora também a movimentação de equipamentos seja outro factor comparável, há que ter sempre em atenção a quantidade necessária para cada um, para além de, obviamente, ambos serem produzidos no exterior.

3.6.2 Diferenças e vantagens

“Atenção, cinco, quatro, três, dois, um... arranca, estamos no ar”! “Atenção, claquete... acção! Corta, vamos repetir”! Estas duas frases representam, muito sucintamente, aquilo que difere entre um programa de televisão emitido em directo e um outro gravado para posterior emissão. Como é perceptível, os tempos da acção são, logo à partida, diferentes, não havendo no directo margem para equívocos ou enganos. Ao invés, o programa gravado permite um sem número de repetições até que a equipa de realização sinta que conseguiu o produto pretendido.

Antes do “Praça da Alegria” ir para o ar, distribuiu-se por todos os elementos da equipa um “alinhamento”⁵⁴ que é, no fundo, o fio condutor de todo o programa. É por aqui que os tempos de entrada e a duração de cada acção são definidos. Cada elemento sabe o que a

⁵⁴ Ver Anexo 2.



cada um compete. Há portanto uma linearidade na acção, não contemplando quaisquer tipos de interrupções, excepto as que estão previamente definidas, como os intervalos para publicidade.

Contrariamente a este, no “Gostos e Sabores”, o realizador fazendo uso de um elementar guião vai dando ordem para a gravação das cenas, à medida que vão aparecendo ou seja, de uma forma não linear. É através da utilização da claquete⁵⁵ (Almeida, 1990: 150) que o realizador dá ordem para a gravação das cenas que pretende registar bem como interrompe ou corta, quando algo não corresponde ao pretendido.



Imagem 3.10 A claquete e as informações que fornece na gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço. Imagem do autor, 2010.

Isto acontece quando se perdeu o som, os intervenientes saíram de campo, o olhar dos intervenientes não ia na direcção desejada, etc.. Concretamente neste programa e tomando este exemplo, uma cena consistia em o apresentador começar uma conversa com o enólogo da quinta ali presente. Este diálogo iniciava-se a cerca de oitenta metros, ainda fora de campo⁵⁶, e a cena era representada por um caminhar pausado, em que o apresentador, num ponto específico, dava as boas vindas.

⁵⁵ Quadro de madeira, com régua móvel, onde se inscrevem as indicações relativas ao trabalho registado: título, “take”, vez e número do programa.

⁵⁶ Os elementos que compõem a imagem não se encontram enquadrados nela.

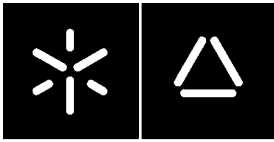


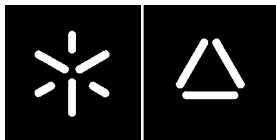
Imagem 3.11 A gravação das diferentes cenas do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuação. Imagem do autor, 2010.

Houve a necessidade de parar para repetir pois a conversa ficaria melhor se iniciada uns metros mais à frente. Depois de uma cena estar gravada, o realizador tem a possibilidade de a visionar. Se achar necessário, pede para que seja repetida. É importante que as cassetes e os “takes”⁵⁷ (Almeida, 1990: 160) se encontrem muito bem identificados para depois, na pós-produção, não haver troca nos planos que se pretendem.

Toda a cena onde a acção acontece é também distinta. O programa transmitido em directo decorreria num espaço limitado, cujos cenários ou fundos eram muito pouco variados e estáticos e os apresentadores, além da entrada inicial, pouca movimentação podiam fazer. Já no programa gravado, no meio dos vinhedos, foi sendo possível a obtenção de um plano mais “artístico”, dada a grande diversidade paisagística que o Douro oferecia.

O “Praça da Alegria” foi emitido num espaço interior e num tempo muito específico. O “Gostos e Sabores” foi gravado durante um período longo, que abrangeu o dia todo. O tempo curto e o espaço interior necessário para a transmissão do “Praça” não sofreram grandes alterações ao nível da intensidade de luz, daí que, durante o programa, não tenha havido a necessidade de grandes ajustes na sua luminosidade. Ao invés, no programa gravado, dado o longo espaço temporal e os diferentes locais (interior e exterior) onde o programa se desenrolou,

⁵⁷ Sequência gravada sem interrupções. A sequência pode envolver um ou muitos planos (se se repete diz-se “take” 1, “take” 2...etc.).



houve a necessidade de ir corrigindo e adequando diversos aspectos que tinham a ver com a iluminação. Logo à partida temos a direcionalidade da luz solar. De manhã, quando as gravações se iniciaram, ela incidia numa direcção. Pela tarde, já era numa outra oposta e, por consequência, à medida que o dia ia avançando, as temperaturas de cor alteravam-se. Num outro aspecto, o programa teve várias fases. Pela manhã gravaram-se diversos diálogos entre o apresentador, o enólogo e outras diferentes pessoas. Reservou-se ainda o tempo necessário para a deslocação ao interior das caves da quinta, onde numa curta conversa entre o apresentador e o enólogo, a acção decorria ali, ladeada de pipas e de garrafas, dando um colorido sombrio aquelas imagens e ao ambiente ali vivido. Seguidamente, num espaço superior, os intervenientes faziam os agradecimentos, brindavam e despediam-se do programa. A tarde foi destinada à preparação, apresentação e confecção das ementas gastronómicas que o apresentador tinha destinado para aquele programa.

É importante perceber que num programa em directo, com um tempo de emissão longo, com muitas iniciativas, com grupos numerosos (ranchos folclóricos e tunas académicas) e uma diversidade muito grande de rubricas, a organização pormenorizada e uma clara definição de espaços assumem um papel muito importante. Assim, houve a necessidade de deslocação de toda a equipa de produção e de realização do programa no dia anterior, aproveitando-se aquele dia para montar e testar a operacionalidade de todos os equipamentos.

As primeiras horas da manhã do dia seguinte, imediatamente antes da emissão do programa, foram ocupadas a retocar um ou outro detalhe e, sobretudo, a ensaiar algumas movimentações ao nível das danças, cantares e outras actividades previstas que iriam decorrer no palco, momentos mais tarde.

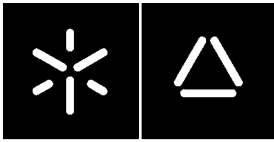


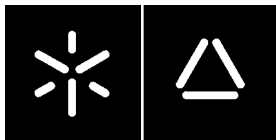
Imagem 3.12 Os ensaios prévios feitos antes do programa “Praça da Alegria” entrar em directo – Viana do Castelo. Imagem do autor, 2010.

No programa gravado que acompanhámos, a chegada ao local e a gravação deu-se no próprio dia, reservando-se os primeiros momentos para, em conversa com os responsáveis da quinta, definirem os lugares onde os diálogos ou as imagens que compunham o programa deveriam ser registadas.



Imagem 3.13 O realizador e a sua equipa definem posições e tarefas para a gravação do programa “Gostos e Sabores” – Quinta do Seixo - Tabuaço. Imagem do autor, 2010.

O realizador chamou à atenção para determinados pormenores a ter em conta sobretudo ao nível dos pontos de luz que mudam ao longo do dia, os planos necessários posteriormente na



construção da narrativa pretendida, bem como a necessidade de gravação de planos de corte ou de recurso para uso na pós-produção⁵⁸ (Henriques, 1994: 85).

Adoptando as três etapas de produção de um programa televisivo (pré-produção, produção e pós-produção), os programas em directo não comportam esta última, excepção para pequenos pormenores. Como exemplo, o “Praça da Alegria” possui diversas rubricas que vão para o ar durante as cerca de três horas de emissão. São assuntos em que alguns colaboradores do programa trazem para antena, em jeito de pequenas reportagens, acontecimentos ou notícias da actualidade. Estes conteúdos, apesar de serem lançados no decurso do programa, consideram-se “falsos directos”⁵⁹ ou seja, obedeceram a uma montagem ou pós-produção prévia e entram no “alinhamento” como se de um directo se tratasse. À excepção destes casos e das promoções publicitárias, o “Praça” não requer qualquer trabalho adicional após a sua emissão.

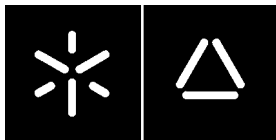
Em relação a um programa gravado, particularmente ao que acompanhamos, cada operador gravou as imagens que lhe foram pedidas e outras que lhe tenham merecido destaque, sempre em conformidade com o combinado e com as ideias do realizador, obedecendo à linha do programa. Depois de gravadas, as cassetes são identificadas e, no final, são entregues na secção de pós-produção, onde são editadas. Sempre que num diálogo ou num outro qualquer plano necessitarmos da imagem e do respectivo som em simultâneo, provenientes de diferentes câmaras, reveste-se de particular importância que seja feita a gravação do “time code”, igual em todas elas, de forma a podermos obter sincronismo⁶⁰ aquando do momento da pós-produção. Sem esta contagem de tempo igual, não seria possível fazer coincidir as imagens com os sons quando provenientes de câmaras diferentes.

Na secção de pós-produção vídeo, com todas as cassetes identificadas, o editor de imagem e o realizador visionam e escolhem as imagens e as sequências pretendidas, dando

⁵⁸ Ligação de planos de um filme, de um modo sequencial e lógico, permitindo contar uma história, através da inclusão de grafismos, títulos de abertura e de fecho, adição de efeitos sonoros, musicais e outros, respeitando o sistema narrativo audiovisual.

⁵⁹ O apresentador introduz o assunto e dá as boas-vindas ao repórter, depois de já saber o início da reportagem. No final, despede-se, agradecendo, dando a sensação do “directo”.

⁶⁰ Exacta coincidência entre a imagem e o áudio a ela associado.



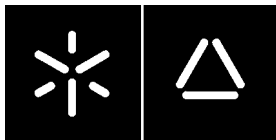
assim início à edição. Após esta etapa, o programa já editado em termos de imagem segue para a secção de pós-produção áudio para aí serem trabalhados e melhorados os sons originais, adicionar e igualizar novos sons, músicas e outros efeitos sonoros. Percorridas estas duas etapas, o programa é novamente gravado em cassete e, finalmente, pronto para ser exibido.

A morosidade sentida ao início da produção de um programa em directo como o “Praça da Alegria”, com testes, ensaios e deslocação de meios, vai-se contrapor à parte final de um programa gravado como o “Gostos e Sabores” com a demora na selecção e na pós-produção das imagens e sons finais.

Como nota final e pelo que constatámos, convém referir que a adrenalina depositada num trabalho feito em directo é mais frenética e elevada que a sentida num programa gravado. O evitar do erro ou a possibilidade da falha não tranquiliza os diferentes intervenientes. É certo que com o passar do tempo e com a experiência adquirida a inquietação tende a diminuir. Todavia, corre-se também o risco de, com essa experiência, se fazerem as coisas de forma “maquinal”, levando algumas vezes a desatenções e a um certo menosprezo que trazem consequências negativas. Num trabalho gravado, aquele clima de agitação não está tão presente, precisamente pela possibilidade que os intervenientes têm em gravar os segmentos do programa as vezes que necessitarem até estes se encontrarem de acordo com o pretendido pelo realizador.

3.6.3 Conclusões do estudo

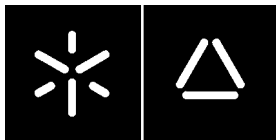
Os programas aqui estudados são, desde logo e como atrás já foi dito, diferentes na sua génese, daí que, o paralelismo aqui traçado tenha levado a conclusões diferentes sobre cada um. Depois de efectuado o estudo comparativo e observadas as principais categorias de análise que escolhemos, podemos daí retirar algumas ilações importantes. Uma delas é que, enquanto num programa transmitido em directo a preocupação com os detalhes assenta na pré-produção e na produção, no programa gravado, estas mesmas preocupações são extensíveis à pós-produção, fase que o primeiro não contempla.



Com a preocupação em querer que tudo vá para o ar em directo e nas melhores condições, todos os sectores (áudio, câmaras, mistura de imagem, iluminação, etc.) têm de ter equipas próprias, enquanto que o programa gravado deixa os ajustes ou melhoramentos para a terceira fase da produção. Como o programa em directo pode, potencialmente, viver do imprevisto e do inesperado, a adrenalina sentida pelos seus apresentadores é superior, quando comparada com o programa gravado. O fio condutor que cada um utiliza é igualmente diferente. Um usa a linearidade na sua apresentação, o outro usa precisamente o seu inverso, ou seja, as gravações decorrem conforme as indicações que o realizador vai fornecendo.

Julgamos que a questão entre a utilização de um ou de outro formato não se coloca. A gravação de um programa como o “Praça da Alegria” feito no exterior, acarretaria o dispêndio de muito tempo, para além dos elevados custos de produção. Para gravar o tempo suficiente para posterior edição, seria necessária uma grande quantidade de suportes (cassetes) e um trabalho de edição muito prolongado. Como se trata de um programa diário, essa opção torna-se assim inviável. Em contrapartida, como o programa “Gostos e Sabores” tem diferentes rubricas e uma duração curta, faria com que um programa com estas características, efectuado em directo, necessitasse da presença de várias equipas, operando nos espaços onde cada acção viesse a decorrer, dada a escassez de tempo disponível para proceder às mudanças necessárias.

Concluimos então que haverá todo o interesse em emitir em directo um programa com uma duração longa e em que a acção decorra num espaço muito bem definido e próximo, nas suas diferentes rubricas, de forma a não haver necessidade de grandes movimentações ao nível de cenografia, iluminação, som e imagem. Em contrapartida, julgamos que a opção de gravar um programa cuja duração seja mais curta traz benefícios, na medida em que acaba por não necessitar de tantos meios, quer técnicos, quer humanos e permite colocá-lo no ar, no momento em que interessar ao canal televisivo.



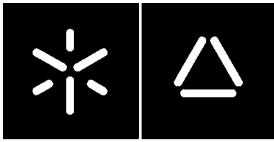
CONCLUSÃO

A diversidade das situações acompanhadas ao longo do estágio repercutiu-se na forma e no conteúdo deste relatório. Ao longo de três meses, no ambiente diário de produção da RTP tivemos a possibilidade de assistir a programas com características distintas que nos obrigaram a desdobrar os planos da análise. Importa agora reflectir sobre os principais resultados obtidos.

De forma a preparar a imersão nesses resultados, sentimos a necessidade de contextualizar historicamente a instituição “RTP”. Enquadrada por um Estado fortemente interventivo e autoritário, numa sociedade ainda maioritariamente rural, com fracos índices de desenvolvimento, a RTP surge como um órgão transformador da sociedade portuguesa. A organização institucional e a capacidade técnica e programática desenvolvida desde finais dos anos cinquenta marcam o quotidiano dos portugueses, pondo-os em contacto com realidades até então pouco conhecidas. O facto de se manter televisão única não impediu que evoluísse no sentido de se desmultiplicar em diversos canais, às escalas nacional, regional e internacional. Esta evolução resulta de estímulo tecnológico incessante e de uma ambição de chegar a todo o mundo.

Os acompanhamentos efectuados mostraram a complexidade das operações que dão corpo aos programas televisivos. Tivemos particular atenção a todo o processo de produção de programas, procurando evidenciar as suas fases, os detalhes que envolvem a planificação e a concretização das acções que lhe estão inerentes e associados. Neste contexto, seleccionámos programas em directo, em estúdio e no exterior, em áreas específicas. Acompanhámos, ainda, programas transmitidos no exterior e gravados para posterior emissão e ainda todo o processo de produção noticiosa, nomeadamente ao nível do áudio, realização e equipas de reportagem no exterior. Do ponto de vista técnico, foi importante perceber a régie de continuidade nos procedimentos de encadeamento dos diferentes programas diários.

Ao descrever e explicar as operações envolvidas em cada programa, tivemos a oportunidade de verificar que a planificação difere substancialmente consoante o facto de ser transmitido em directo ou, pelo contrário, ser gravado. No primeiro caso, a planificação é mais

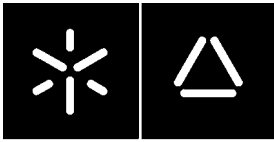


rígida e pormenorizada, exigindo um maior número de recursos técnicos e humanos. A adrenalina do directo é omnipresente o que exige um cuidado suplementar no controle total da cena onde decorre a acção. O programa gravado, para além de recorrer a um número inferior de meios técnicos e humanos, tem uma planificação menos exigente, uma vez que no processo de pós-produção é possível mudar e corrigir muito do que foi gravado. A revolução digital na televisão permitiu, neste âmbito, uma grande margem de manobra. As alterações ao nível da gravação digital vêm simplificar todo o processo de pós-produção graças à sua não linearidade. A construção da narrativa audiovisual acaba assim por sair beneficiada. O programa em directo, por seu turno, acaba por ser fortemente definido por um trabalho de pré-produção. A fase da pós-produção é inexistente. Tudo se joga, então, em duas fases.

Como um programa em directo tem um horário muito bem definido, no que respeita aos aspectos relacionados com a iluminação, raramente há a necessidade de proceder a alterações significativas. Num programa gravado, com um tempo de duração muitas vezes indefinido por causa das gravações repetidas e pela mudança frequente de espaços, sente-se a necessidade de ir adequando a luminosidade que se vive nos diferentes momentos.

No som, estes aspectos diferenciadores mantêm-se. Num programa transmitido em directo, não sofre qualquer tratamento. Torna-se necessário o uso de microfones adequados, assim como a utilização de uma consola de áudio com a respectiva equipa. Nos gravados, o desenho do som vive muito das possibilidades abertas pela pós-produção. Não há, aqui, recurso a microfones específicos, até porque o número de intervenientes no programa é inferior.

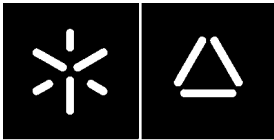
Em termos de imagem, as câmaras usadas no programa em directo não gravam. O que elas fazem é dar ao operador a possibilidade de visionar os planos escolhidos pelo realizador durante a emissão do programa. Tem-se, deste modo, uma percepção global do andamento da emissão. Esta possibilidade exige, no entanto, uma grande atenção e coordenação da equipa, sobretudo quando a imagem que cada um capta pode entrar no ar. Já no que diz respeito aos programas gravados, as câmaras, com o uso de um suporte de gravação, captam a imagem e armazenam-na para ser usada, com outras, na pós-produção. O ambiente de trabalho, nomeadamente a linearidade do registo da imagem, é alterado.



Importa agora considerar as vantagens na utilização de um e de outro tipo de programas. Na prática cada um acaba por oferecer as suas vantagens, tendo em consideração o contexto de aplicação e a projecção futura das imagens. O directo, no caso acompanhado, concretamente o “Praça da Alegria”, acaba por ir para o ar ao mesmo tempo que é produzido. Ganha-se tempo, sustentado num alinhamento rígido e linear, e não necessita do trabalho de pós-produção. Os espaços onde normalmente decorrem as cenas são em número inferior relativamente aos mobilizados pelos programas gravados. Os espaços escolhidos acabam por ser rigorosamente definidos na fase da pré-produção. A produção do programa acaba por ser mais rápida e acelerada, não havendo tempos mortos. A grande vantagem do gravado é a possibilidade que nos dá de repetir as cenas pretendidas, ao ponto de se aproximarem daquilo que o realizador considera ideal. Tudo parece ser feito num ambiente de menor tensão. Permite-nos, ainda, fazer a gravação do programa de forma espaçada e descontínua.

No que respeita à economia do aproveitamento das imagens, no directo, o tempo total da emissão corresponde ao que é captado. No gravado, o tempo de gravação é largamente superior ao tempo final necessário.

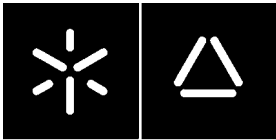
Cruzando estes resultados com a experiência obtida, julgamos que o facto de se ter acompanhado diferentes programas, com ritmos e lógicas próprias, teve um impacto forte no que consideramos ser uma definição mais plástica e operacional do fenómeno da produção televisiva e da sua envolvência. Resta questionar se a tradução prática destes ensinamentos dificilmente poderá ser reproduzida num único laboratório de aprendizagem do que é ser profissional de televisão. Questão cuja resposta é um desafio para o futuro deste trabalho.



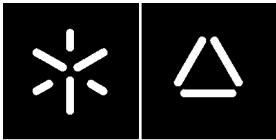
ANEXOS

Anexo 1 - Alinhamento do programa "Praça da Alegria" – estúdio C - Porto

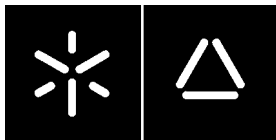
PRAÇA da ALEGRIA Realização: Eduardo Gradim Produção: Maria José Villas Boas Apresentadores: Jorge Gabriel + Hélder Reis + Serenella Andrade				26 de Fevereiro 2010			
CONVIDADOS							
Io Apolloni					A2/D		
Inês Basek e Margarida Furst (A Dama de Copas)					A2/3		
Katia Guerreiro					A2		
Jorge Morais, António Monteiro e Paulo Valbom (Feira da Alheira, Turismo e Azeite de Mirandela)					D		
Roncon de Albuquerque (Cirurgia vascular)					A2		
Chefe Francisco Gomes					D		
Alberto Rodrigues + Micaela + Neno					A2/4		
Mercedes Matias e Alexandre Arrais (Dança na Praça)					C/D		
Conceição Nicola e Duarte Pereira (Dança na Praça)					C/D		
Isabel e António Vieira (Dança na Praça)					C/D		
Ma Lurdes Santos e Jerónimo Ramos (Dança na Praça)					C/D		
Ana Teixeira e Augusto Henriques (Dança na Praça)					C/D		
Manuel Serrão					A2		
VIDEOTAPES							
Hélder Reis - Madeira (4 Peças)					RM		
Serenella Andrade- Bombeiros em Cacilhas					RM		
Io Apolloni- Imagens de carreira					RM		
Freguesia mais feminina de Portugal- Teaser + Contextualização					RM		
MICRO ESPAÇO							
Acústica Médica- JG					D		
ACTUAÇÕES							
Kátia Guerreiro (3 músicos)					CD		
PRÉ-PROGRAMA							
Bloco	Hora	Meios		Ens/Grv	Adereços	Formação	Observações
1	9.00	Audio		Ens.			
2	9.30	Cam		D			Plasma



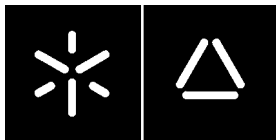
Bloco	Origem	Decor	CONTEÚDO	Audio	Tempo Parcial	Previsão de Horas	Observações
1	VT 1		GENÉRICO 15 anos- 1ª Parte	VT	0:00:30	10:00:00	
2	Cam	A	JG abre programa e faz update sobre situação da Madeira. Passa ao Hélder	D	0:03:00	10:03:00	
3	VT 2		Hélder na Madeira	RM	0:05:00	10:08:00	Two way
4	Cam	D	JG fala com Io Apolloni, e confecciona "Afogados"	D+CD	0:14:00	10:22:00	Cozinha
5		VT	Imagens Io Apolloni - Carreira		0:00:00	10:22:00	
6	Cam	A	JG e Apolloni falam com Inês Basek e Margarida Furst (Brafiting). Passa a Hélder	D+CD	0:10:00	10:32:00	Charriot
7	VT 2		Hélder na Madeira	RM	0:05:00	10:37:00	Two way
8	Cam	A	JG fala com Kátia Guerreiro e convida-a a cantar	D	0:06:00	10:43:00	
9	Cam	C	Kátia Guerreiro "Vira dos Malmequeres"	CD Fx.	0:04:00	10:47:00	3 músicos
10	Cam	C	JG fala com ela e passa a intervalo	D	0:01:00	10:48:00	
11	VT 2		A freguesia mais feminina - Teaser	RM	0:00:30	10:48:30	
12	VT 1		SEPARADOR - FIM 1ª Parte	RM	0:00:30	10:49:00	



13	VT 1	INTERVALO			0:10:00	10:59:00	
14	VT 1	SEPARADOR - 2ª Parte		RM	0:00:30	10:59:30	
15	Cam	A	JG fala com Roncon Albuquerque. Passa à Serenella	D	0:12:00	11:11:30	
16	DSNG		Serenella Andrade- Bombeiros de Cacilhas	D	0:04:00	11:15:30	Two way
17	Cam	A	JG fala com Io Apolloni e passa ao Hélder	D	0:07:00	11:22:30	
18	VT 2		Hélder na Madeira	RM	0:05:00	11:27:30	Two way
19	Cam	D	JG fala com Jorge Morais (Pres. Ass. Comercial) António Monteiro (Grão Mestre Confraria de Enófilos) e Paulo Valbom (Montarias). Passa a Micro Espaço	D+CD	0:08:00	11:35:30	
20	VT 1		Acústica Médica- JG	RM	0:01:00	11:36:30	
21	Cam	A	JG passa a intervalo	D	0:01:00	11:37:30	
22	VT 2		A freguesia mais feminina - Teaser	RM	0:00:30	11:38:00	
23	VT 1		SEPARADOR - FIM 2ª Parte	RM	0:00:30	11:38:30	
24			INTERVALO		0:10:00	11:48:30	
25	VT 1		SEPARADOR - 3ª Parte	RM	0:00:30	11:49:00	
26	Cam	D	JG fala com Chefe Francisco Gomes Receita: Memórias da Infância- Brioche, Cremoso de Banana e Tulicreme	CD+D	0:11:00	12:00:00	Cozinha
27	VT 1		SEPARADOR - FIM 3ª Parte	RM	0:00:30	12:00:30	
28			INTERVALO		0:10:00	12:10:30	

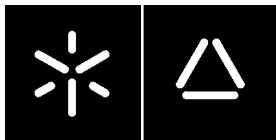


29	VT 1		SEPARADOR - 4ª Parte		RM	0:00:30	12:11:00	
30	Cam	A	JG apresenta Dança na Praça		D	0:01:00	12:12:00	
31	VT 1		SEPARADOR DANÇA NA PRAÇA		RM	0:00:30	12:12:30	
32	Cam	A	JG fala com Alberto Rodrigues, Micaela e Neno. 1º par		D	0:03:00	12:15:30	
33	Cam	C	Mercedes Matias e Alexandre Arrais Cha cha cha		CD Fx.	0:01:30	12:17:00	
34	Cam	A	Alberto Rodrigues comenta. JG passa ao 2º par		D	0:02:00	12:19:00	
35	Cam	C	Conceição Nicola e Duarte Pereira Cha cha cha		CD Fx.	0:01:30	12:20:30	
36	Cam	A	Micaela comenta. JG passa ao 3º par		D	0:02:00	12:22:30	
37	Cam	C	Isabel e António Vieira Cha cha cha		CD Fx.	0:01:30	12:24:00	
38	Cam	A	Neno Comenta. JG passa ao 4º par		D	0:02:00	12:26:00	
39	Cam	C	Maria de Lurdes Santos e Jerónimo Ramos Cha cha cha		CD Fx.	0:01:30	12:27:30	
40	Cam	A	Alberto Rodrigues comenta. JG passa ao 5º par			0:02:00	12:29:30	
41	Cam	C	Ana Teixeira e Augusto Henriques Cha cha cha		CD Fx.	0:01:30	12:31:00	
42	Cam	A/C	Micaela comenta. Alberto Rodrigues, Micaela e Neno Votam		D	0:05:00	12:36:00	
43	Graf.		Quadro de Votação 15 anos		D	0:00:00	12:36:00	Two way
44	Cam	C	JG fala com vencedores. Passa a JT		D	0:03:00	12:39:00	
45	VT 1		PROMO JT		RM+D	0:02:00	12:41:00	Two way
46	Cam	A	JG apresenta Manuel Serrão. Passa à VT		D	0:02:00	12:43:00	
47	VT 2		A freguesia mais feminina- Peça		RM	0:03:00	12:46:00	
48	Cam	A	JG fala com Manuel Serrão. Passa a Vox Pop		D	0:05:00	12:51:00	
49	VT 2		A freguesia mais feminina - Vox Pop		RM	0:04:00	12:55:00	
50	Cam	A	JG acaba conversa e despede-se Ficha técnica		D	0:03:00	12:58:00	
51	VT 1		Cartões + SEPARADOR RTP (Bloco a definir anotadora)		CD	0:00:30	12:58:30	

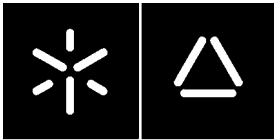


Anexo 2 - Alinhamento do programa "Praça da Alegria" – Viana do Castelo

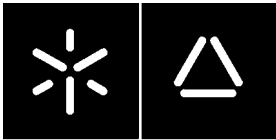
PRAÇA da ALEGRIA- Viana do Castelo 2 de Abril de 2010 Realização: Carlos Sá Pereira Coordenação: Céu T. Pinto Produção: Isabel Soares / Jorge Negrão/ Maria José Vilas Boas Apresentadores: Sónia Araújo + Jorge Gabriel + Serenella Andrade			
CONVIDADOS			
D. José Augusto (Bispo da Diocese de Viana do Castelo)	Mesa		
Zulima Oliveira+ Ana Elizabeth+ Ester Cadilha e Ana Catarina (Palmitos)	Feira		
Marta Ramos (Pastelaria)	Feira		
Francisco Sampaio (Consultor)	Musicais		
Joana Cambão (carteiras) + Catarina Silva (carteiras) + Suasana Painhas (pulseiras)	Feira		
Mafalda Régio (Grupo Etnográfico de Areosa)	Musicais		
Arminda Esperança (Bordado)	Feira		
António Camelo (Gastronomia)	Feira		
Maria José Guerreiro (Vereadora da Cult. e Turismo)	Mesa		
VIDEOTAPES			
Serenella Andrade - Elevador Sta Luzia	RM		
Serenella Andrade - Pastelaria Natário	RM		
Serenella Andrade - Ourivesaria Coutinho	RM		
Viana do Castelo - imagens	RM		
Procissão do Cristêlo + Vox Pop	RM		
Bife da Páscoa	RM		
ACTUAÇÕES			
Clemente	CD		
Grupo de Cantadeiras do Neiva	Directo		
Rosita	CD		
Hinopurtuna	CD		
Grupo Etnográfico de Areosa	CD		
Giovanni	CD		
PRÉ-PROGRAMA	Ens/Grv		
Cantadeiras do Neiva	Ens.		
Representação do Compasso	Ens		
Bloco	Hora	Meios	Observações
1	8.30	Audio	Formação 16 elemts VOZES
2	9.00	Audio	3 Bombos 1 gaita de Foles



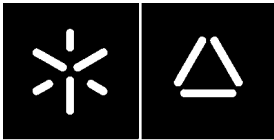
Bloco	Origem	Decor	CONTEÚDO	Audio	Tempo Parcial	Previsão de Horas	Observações
1	VT 1		GENÉRICO 15 anos- 1ª Parte	VT	0:00:30	10:00:00	
2	Cam	??	JG e SA apresentam programa e passam a musical	D	0:03:00	10:03:00	
3	Cam	Musicals	Clemente "Jesus" Autoria: Frei Hermano da Câmara	CD FX2	0:04:00	10:07:00	
4	Cam	??	JG e SA falam com D. José Augusto	D	0:06:00	10:13:00	
5	VT 2		Procição dos Passos	RM	0:00:00	10:13:00	
6	Cam	Mesa	JG e SA passam a vox-pop	D	0:01:00	10:14:00	
7	VT 1		Vox-Pop - fiéis a assistir Procição	RM	0:01:30	10:15:30	
8	Cam	Mesa	JG e SA terminam conversa .Passam a representação	D	0:03:00	10:18:30	
9	Cam	Musicals	Representação do Compasso <i>Fala com o Vitoriano Amaral</i>	D	0:03:00	10:21:30	
10	Cam	Musicals	JG e SA falam com elementos da representação. Passam a Serenella	D	0:04:00	10:25:30	
11	Cam	Feira	JG e SA falam com Maria Zulima Oliveira, Ana Elizabeth , Ester Cadilha e Ana Catarina(Palmitos).Passam a Serenella	D	0:05:00	10:30:30	
12	VT 1		Serenella-Andrade -Elevador de Sta Luzia	RM	0:05:00	10:35:30	
13	Cam	Feira	JG e SA falam Marta Ramos (Pastelaria).Passam a musical	D	0:06:00	10:41:30	
14	Cam	Musicals	Grupo de Cantadeiras do Neiva "Salvé Rainha" Autoria: <i>Solista: Níco Pato</i>	Directo	0:03:00	10:44:30	
15	Cam	Musicals	JG e SA falam com elas e passam ao intervalo	D	0:03:00	10:47:30	
16	VT 1		SEPARADOR - FIM 1ª Parte	RM	0:00:30	10:48:00	
17			INTERVALO		0:08:00	10:56:00	



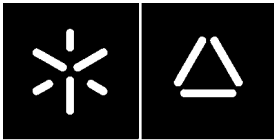
18	VT 1	SEPARADOR - 2ª Parte	RM	0:00:30	10:56:30
19	Cam	Musicals Rosita "Um certo Galileu" Autoria: J. F. Oliveira	CD FX 8	0:04:00	11:00:30
20	Cam	Musicals JG e SA falam com ela. Passam a Serenella	D	0:02:00	11:02:30
21	VT 2	Serenella - Pastelaria Natário	RM	0:05:00	11:07:30
22	Cam	Musicals Grupo de Cantadeiras do Neiva "Bendito" Autoria: Nino Roberto	Directo	0:02:00	11:09:30
23	Cam	Mesa JG e SA falam com Francisco Sampaio	D	0:05:00	11:14:30
24	VT 2	Procição de Cristêlo	RM	0:00:00	11:14:30
25	Cam	Mesa JG e SA falam com Francisco Sampaio. Passam a vox -pop	D	0:03:00	11:17:30
26	VT 2	Vox-Pop - fies a assistir Procição	RM	0:01:30	11:19:00
27	Cam	JG e SA terminam conversa. Passam a musical	D	0:02:00	11:21:00
28	Cam	Musicals Hinoportuna "1º Tema" Autoria:	CD FX2	0:04:00	11:25:00
29	Cam	Musicals JG e SA falam com tuna e passam a intervalo	D	0:03:00	11:28:00
30	VT 1	SEPARADOR - FIM 2ª Parte	RM	0:00:30	11:28:30
31		INTERVALO		0:10:00	11:38:30



32	VT 1		SEPARADOR - 3ª Parte	RM	0:00:30	11:39:00	
33	Cam	Musicais	Giovanni D' Amore "L. Mattinata" Autoria: R. Leon Cavallo	CD FX2	0:04:00	11:43:00	
34	Cam	Musicais	JG e SA falam com ele	D	0:02:00	11:45:00	
35	Cam	Musicais	JG e SA falam com Joana Cambão (carteiras forma coração), Catarina Silva (carteiras) e Susana Painhas (pulseiras) artesanato Urbano. Passam musical	D	0:08:00	11:53:00	
36	Cam	Musicais	Grupo Etnográfico de Areosa "Vira da boa Viagem" Autoria:	CD FX2	0:04:00	11:57:00	
37	Cam	Musicais	JG e SA falam com José Aníbal Cruz do Grupo e Francisco Sampaio (tradições de Páscoa) passam ao 2º tema	D	0:04:00	12:01:00	
38	Cam	Musicais	Grupo Etnográfico de Areosa "Vira de S. Mamede" Autoria:	CD FX2	0:04:00	12:05:00	
39	Cam	Musicais	JG e SA passam a intervalo	D	0:01:00	12:06:00	
40	VT 1		SEPARADOR - FIM 3ª Parte	RM	0:00:30	12:06:30	



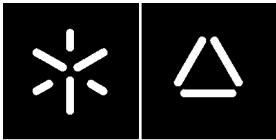
41			INTERVALO			0:10:00	12:16:30	
42	VT 1		SEPARADOR - 4ª Parte		RM	0:00:30	12:17:00	
43	Cam	Musicais	Giovanni D'Amore "Ave Maria de Gounot" Autoria: C. Gounot / J. S. Bach		CD FX 10	0:04:00	12:21:00	
44	Cam	Feira	JG e SA falam com Armanda Esperança (bordados). Passam a Serenella		D	0:05:00	12:26:00	
45	VT 2		Serenella Andrade - Ourivesaria		RM	0:05:00	12:31:00	
46	Cam	Musicais	Hinoportuna "2 Tema" Autoria:		CD FX 2	0:04:00	12:35:00	
47	Cam	Feira	JG e SA falam com Francisco Sampaio e António Camelo (gastronomia). Passam a musical		D	0:08:00	12:43:00	
48	Cam	Musicais	Clemente "Segura na mão de Deus" Autoria: Nelson Mota		CD FX 6	0:04:00	12:47:00	
49	Cam	Mesa	JG e SA falam com José Maria Costa Presidente da Câmara. Passam a musical		D	0:06:00	12:53:00	
50	Cam	Musicais	Rosita "Glória à vida" Autoria: J. Guimarães/ G. Bigazzi / M. Tozzi		CD FX 2	0:04:00	12:57:00	
51	Cam	A	JG e SA despedem-se técnica	Ficha	D	0:01:00	12:58:00	
52	VT 1		Cartões + SEPARADOR RTP (Bloco a definir anotadora)		CD	0:00:30	12:58:30	



Anexo 3 - Alinhamento do "Programa das Festas" – Braga

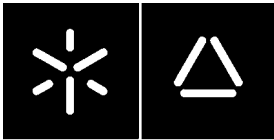
SEMANA SANTA - BRAGA						Tarde	
BL	DÉCOR	ORIGEM	ACÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES
1		VT	GENÉRICO DE ABERTURA	VT	00:12	16:30:00	
2	Eventos/Praça	CCC	Cristina Alves e Julio Isidro abrem o programa explicam o mesmo e conversam com os meninos CENTRO DE ESTUDOS PIM PAM PUM que estão a pintar Ovinhos da Páscoa e vão continuar ao longo do programa - lançam actuação musical.	DIR	02:00	16:30:12	10 meninos que ficam durante o programa a pintar ovinhos da páscoa
3	Palco	CCC	GRUPO ZÉS P' REIRAS - EQUIPA ESPIRAL "Chula Braga" Autoria: Popular	DIR	03:00	16:32:12	25 pax - bombos e caixas
4	Palco	CCC	Apresentadores falam com o Grupo e chamam a Dália Madruga	DIR	02:00	16:35:12	
5	Porta Igreja Sé	VT	Dália Madruga, dá as boas vindas e explica que está na Procissão Teofórica do Entero.	VT	02:30	16:37:12	
6	Cadeiras	CCC	Julio Isidro e Cristina Alves conversam com Cônego Dr. Jorge Coutinho (presidente da semana Santa), lançam VT de Dália Madruga na procissão da noite anterior	DIR	04:00	16:39:42	
7	Braga	VT	Dália Madruga na Procissão do enterro do Senhor	VT	02:00	16:43:42	
8	Cadeiras	CCC	Julio Isidro e Cristina Alves continuam conversa com Cônego Dr. Jorge Coutinho (presidente da semana Santa) e lançam Vox Pop sobre a Páscoa de Dália Madruga	DIR	02:00	16:45:42	5H 2 M
9	Braga	VT	Dália Madruga VOX POP sobre a Páscoa.	VT	02:00	16:47:42	

02-04-2010 19:13



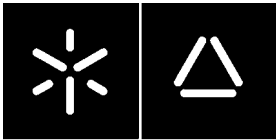
SEMANA SANTA - BRAGA						Tarde	
BL	DÉCOR	ORIGEM	ACÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES
10	Cadeiras	CCC	Apresentadores despedem-se do convidado Dr. Jorge Coutinho Cónego e lançam actuação musical	DIR	02:00	16:49:42	
11	Palco	CCC	Miguel e André "Mar deserto" Autoria: Salsicha/Paulo César	PBT	03:44	16:51:42	2H - 2 mic
12	Palco	CCC	Apresentadores conversam com Miguel e André e lançam intervalo! Até Já!	DIR	02:00	16:55:26	
13			INTERVALO - separador		08:00	16:57:26	
14		VT	Separador de intervalo - 2ª PARTE	VT	00:05	17:05:26	
15	Palco	CCC	Micael Castro "Cana Verde" Autoria: Delfim Junior	DIR	03:00	17:05:31	4H, teclado, bateria digital, baixo, concertina
16	Palco	CCC	Apresentadores dão as Boas Vindas, conversam com Grupo e chamam Dália Madruga.	DIR	02:00	17:08:31	
17	Praça	DIR	Dália Madruga conversa com António Carvalho, instrumentos musicais de corda, despede-se e passa para apresentadores.	DIR	02:00	17:10:31	Stand 2
18	Cadeiras	CCC	Apresentadores conversam com José Torres, presidente da ass. artesãos da região do Minho, despedem-se e lançam actuação musical	DIR	05:00	17:12:31	
19	Palco	CCC	Apolo "Anelia dos olhos doces" Autoria: Carlos Mendes, Joaquim Pessoa	PBT	03:55	17:17:31	4H

02-04-2010 19:13



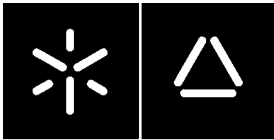
SEMANA SANTA - BRAGA							Tarde	
BL	DÉCOR	ORIGEM	ACÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES	
20	Palco	CCC	Julio Isidro, conversa com os Apolo despede-se e chama Dália Madruga	DIR	02:00	17:21:26		
21	Praça	DIR	Dália conversa com Alfredo Machado, artesan de velas de Braga, despede-se e passa para Cristina Alves	DIR	02:30	17:23:26	Stand 6	
22	Eventos	CCC	Cristina conversa com Paulo Pereira e Fernando Pereira, DOÇARIA SÃO VINCENTE (docaria tradicional 1829), despede-se e chama Julio Isidro	DIR	05:00	17:25:56		
23	Praça	CCC	Julio Isidro conversa com Francisco Araújo, artesan de Arte Sacra - em madeira, lança actuação musical.	DIR	05:00	17:30:56	Stand 1	
24	Palco	CCC	Helena Brazão " Voo Tão Longe" Helena Brazão	PBT	03:36	17:35:56	1M4H	
25	Palco	CCC	Cristina Alves conversa com Helena Brazão, despede-se e passa para Dália Madruga.	DIR	02:00	17:39:32		
26	Praça	DIR	Dália conversa com Visitantes pela Praça, sobre a Pácoa, passa para Apresentadores.	DIR	02:00	17:41:32	2M 4H	
27	Posto de Turismo	CCC	Cristina conversa com Manuel Machado, (conhecido por Pinha) exposição de Cristos em ferro, despede-se e lança actuação musical.	DIR	04:00	17:43:32	No início da Av. Liberdade n1	
28	Palco	CCC	Miguel e André "Não me deixes mais (sem teu amor)" Autoria: Paulo César	PBT	04:00	17:47:32	2H	

02-04-2010 19:13



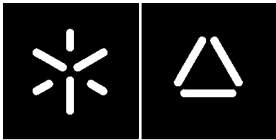
SEMANA SANTA - BRAGA							Tarde	
BL	DÉCOR	ORIGEM	ACÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES	
29	Cadeiras	CCC	Apresentadores conversam com Vereador Hugo Pires (Braga Capital Europeia da Juventude 2012), despedem-se e lançam actuação Musical	DIR	05:00	17:51:32		
30	Palco	CCC	Apolo "Se eu fosse um dia o teu olhar" Autoria: Pedro abrunhosa	PBT	05:26	17:56:32		
31	Praça	CCC	Dália conversa com Carlos Ribeiro - Filigrana em prata, despede-se e passa para apresentadores	DIR	02:30	18:01:58	Stand 10	
32	Eventos	CCC	Apresentadores despedem-se para intervalo(junto aos meninos do PIM PAM PUM lançam actuação musical	DIR	02:00	18:04:28		
33	Palco	CCC	Miguel e André "Não me deixes ficar só" Autoria: Tô Maria Vinhais, Quirino Monteiro, Pedro A. Vaz e Daniel Duarte	PBT	04:14	18:06:28		
34			INTERVALO - separador		08:00	18:10:42		
35		VT	Separador de intervalo - 3ª PARTE	VT	00:05	18:18:42		
36	Palco	CCC	Micael Castro "Medley" Autoria: Popular	DIR	03:30	18:18:47	4H	
37	Palco	CCC	Apresentadores dão as boas vindas , chamam a Dália que anda pela praça a falar com Bracarenses	DIR	01:30	18:22:17		
38	Praça	DIR	Dália Madruga conversa com bracarenses, despede-se e passa a Julio Isidro	DIR	02:00	18:23:47		

02-04-2010 19:13



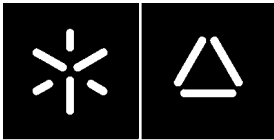
SEMANA SANTA - BRAGA							Tarde
BL	DÉCOR	ORIGEM	ACÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES
39	Eventos	CCC	Julio Isidro conversa com Fernando Dias - Restaurante Adega. Têm-se sobre os pratos tradicionais da Páscoa, despede-se e lança actuação musical	DIR	05:00	18:25:47	Leva: Cabrito assado, papas serrabulho, Rojões, pudim á abade, priscos, toucinho do céu e pão de ló.
40	Palco	CCC	Helena Brazão " No meu lugar secreto" Autoria: Helena Brazão	PBT	04:04	18:30:47	1M4H
41	Praça	CCC	Dália conversa com os meninos - PIM PAM PUM, mostra parte dos ovínhos já pintados e passa para Cristina Alves.	DIR	02:00	18:34:51	10 meninos que ficam durante o programa a pintar ovínhos da páscoa
42	Praça	CCC	Cristina Alves conversa com Glória Ferreira - Arte Sacra em cerâmica, despede-se e lança actuação musical	DIR	04:00	18:36:51	Stand 13
43	Palco	CCC	Apolo "Feticheira" Autoria: Luis Represas , Francisco Viana Filho	PBT	05:11	18:40:51	4H
44	Palco	CCC	Julio Isidro conversa com bracarense na esplanada do café viana e passa para Cristina Alves	DIR	02:00	18:46:02	
45	Palco		Cristina conversa com Canto Daqui convida-os a cantar.	DIR	01:30	18:48:02	

02-04-2010 19:13



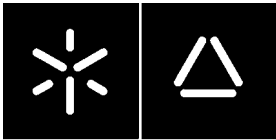
SEMANA SANTA - BRAGA						Tarde	
BL	DÉCOR	ORIGEM	AÇÃO	SOM	TEMPO PARCIAL	TEMPO INICIAL	OBSERVAÇÕES
46	Palco	CCC	Canto Daqui "Farol de Montedor" Autoria: Tradicional do minho	PBT	03:04	18:49:32	6H2M
47	Eventos - Crianças	CCC	Cristina Alves despede-se dos meninos CENTRO DE ESTUDOS PIM PAM PUM que estão a pintar Ovinhos da Páscoa, agradecem e passa para Julio Isidro	DIR	01:30	18:52:36	10 meninos que ficam durante o programa a pintar ovinhos da páscoa
48	Palco	CCC	Julio Isidro conversa com Raizes e lança actuação musical.	DIR	01:30	18:54:06	
49	Palco	CCC	RAIZES "Sexta Feira Treze" Autoria: Popular	PBT	03:13	18:55:36	5H2M
50	Local a definir	CCC	Cristina Alves,Dália Madruga e Julio Isidro despedem-se de Braga desejando a todos uma PASCOA FELIZ	DIR	01:30	18:58:49	
51			Musica tradicional para cartões -CARTÕES ROUPA - H homem - Trends - Penacova+ CM Braga		00:20	19:00:19	

02-04-2010 19:13



Anexo 4 - Alinhamento do programa "Danças na Praça" – Convento de São Bento da Vitória - Porto

DANÇA NA PRAÇA - 3ª Edição Realização: Eduardo Gradim Coordenação: Sandra Lopes Produção: Isabel Soares Apresentadores: Jorge Gabriel + Sónia Araújo		Gravação: 2 de Maio 2010	Emissão: 8 de Maio 2010
CONVIDADOS			
Mercedes Arrais e Alexandre Arrais		Par 1	
Conceição Nicola e Duarte Pereira		Par 2	
Ana Teixeira e Augusto Henriques		Par 3	
Fernanda Soares e Hugo Soares		Par 4	
Helena Teixeira e Rafael Teixeira		Par 5	
Susana Eusébio e Albino Matos		Par 6	
Isabel Cunha e Ricardo Cunha		Par 7	
Ana Helena Sousa e Mário Vasconcelos		Par 8	
Alberto Rodrigues, Micaela e Neno		Júri	
Daniel Serrão		Mesa 9	
Irene Cruz		Mesa 9	
Vitorino		Mesa 0	
Mariana Ferreira		Mesa 9	
Olga Cardoso e Olga Diegues		Mesa 9	
CLIPS			
Clip apresentação do Passatempo na "Praça"		LSM	
BI de cada Par (8 clips)		LSM	
Testemunhos - Lili Canecas, Margarida Martins, António Pedro vasconcelos		LSM	
Best individual de todos os 8 pares (15' cada)		LSM	
ACTUAÇÕES			
Tango com Ricardo e Tatiana + JG e SA		Banda	
Vitorino e Tango com par Alunos de Apollo		Banda	
Rancho Folclórico de Sta. Marta de Portuzelo		CD	
Fashion Gym		CD	
Par vencedor última edição		Banda	



Bloco	Hora	Meios	ENSAIOS SÁBADO 1 Maio	Ens/Grv	Adereços	Formação	Observações
1	11.30		Pares a concurso	Ens.			
	13.00		ALMOÇO	Ens.			
2	14.30	Audio	Sound check da Banda	Ens.			Banda
3	16.30	Câmaras	Ensaaios Parciais - Pares concorrentes	Ens.			Banda
4	17.40	Câmaras	Ensaaios Parciais - Par vencedor Dança II	Ens.			Banda
5	18.00	Câmaras	Ensaaios abertura de Tango com JG e SA	Ens.			Banda
	19.30		JANTAR	Ens.			
6	21.00	Câmaras	ENSAIO PROGRAMA CORRIDO c/ JG e SA	Ens.			Banda
		Meios	ENSAIOS Domingo Dia 2	Ens/Grv	Adereços	Formação	Observações
Bloco 1	13.30	Câmaras	Ensaio tema Vitorino e Tango	Ens.			Banda
2	15.30	Câmaras	Rancho Folclórico de Sta. Marta de Portuzelo	Ens.			
3	15.45	Câmaras	Fashion Gym	Ens.			
4	16.00	Câmaras	Entrada do programa	GRV.			Banda

Banda 13 Elem.

Vitorino 0

3 Júris

1

2

3

4

5

6

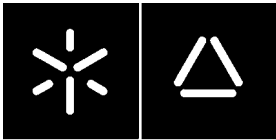
7

8

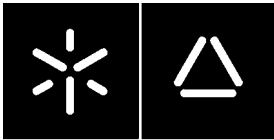
9 JG e SA Convidados

Convidados antes de entrar

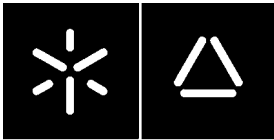
Palco



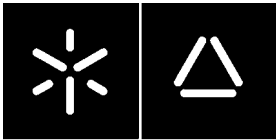
Bloco	Origem	Decor	CONTEÚDO	Áudio	Tempo Parcial	Previsão de Horas	Observações
1	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)	D Banda	0:00:30	0:00:00	
2	Cam	Mesa 9 Palco	TANGO Ballarinos + JG e SA dançam	D Banda	0:01:00	0:01:00	
3	Cam	Palco	JG e SA abrem programa e passam a Clip de apresentação	D	0:01:00	0:02:00	
4	LSM		Clip apresentação Passatempo "Dança na Praça"	D	0:02:00	0:04:00	
5	Cam	Palco	JG e SA explicam tema desta edição e passam a VT Convidado VT1	D	0:01:00	0:05:00	
6	LSM		Convidado VT1 (Lili canções)	D	0:01:30	0:06:30	
7	Cam	Palco e Júri e Banda	JG e SA apresentam Alberto Rodrigues, Micaela e Neno. Falam na orquestra e maestro Paulo Filipe	D	0:04:00	0:10:30	
8	Cam	Porta Palco	JG e SA dão entrada aos 8 pares Finalistas apresentando-os. Banda toca "Dancing Queen"	D Banda	0:01:30	0:12:00	
9	Cam	Palco + Mesa 1	JG e SA falam com Par 1. Referem Claque 1 e passam ao Clip Par 1	D	0:02:00	0:14:00	
10	LSM		BI Par 1-Mercedes Arrais e Alexandre Arrais	D	0:01:00	0:15:00	Saem 4,5,6,7 e 8.
11	Cam	Palco + Mesa 2	JG e SA falam com Par 2. Referem Claque 2 e passam ao Clip Par 2	D	0:02:00	0:17:00	
12	LSM		BI Par 2 -Conceição Nicola e Duarte Pereira	D	0:01:00	0:18:00	
13	Cam	Palco	JG e SA passam à dança	D	0:00:30	0:18:30	
14	Cam	Palco	DANÇA Pares 1, 2 e 3 Estilo: Cha cha cha	D Banda	0:02:00	0:20:30	
15	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Alberto Rodrigues sobre actuação de Pares 1, 2 e 3.	D	0:02:00	0:22:30	



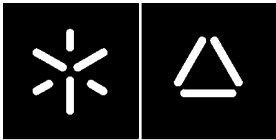
16	Cam	Mesa 9 Palco	SA fala com DANIEL SERRÃO e passam a Clip 4	D	0:05:00	0:27:30	Saem 1, 2 e 3.
17	LSM		BI Par 4 -Fernanda Soares e Hugo Soares	D	0:01:00	0:28:30	Entram 4, 5 e 6.
18	Cam	Palco + Mesa 4	JG e SA falam com Par 4 . Referem Claque 4 e passam à dança	D	0:02:00	0:30:30	
19	Cam	Palco	DANÇA - Pares 4, 5 e 6 Estilo: Cha cha cha	D Banda	0:02:00	0:32:30	
20	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Micaela sobre actuação de Pares 4, 5 e 6. No final passam a Clip BI Par 7	D	0:02:30	0:35:00	
21	LSM		BI Par 7 -Isabel Cunha e Ricardo Cunha	D	0:01:00	0:36:00	Saem 4, 5, e 6 Entram 7 e 8
22	Cam	Palco + Mesa 7	JG e SA falam com Par 7 . Referem Claque 7 e passam à dança	D	0:02:00	0:38:00	
23	Cam	Palco	DANÇA - Pares 7 e 8 Estilo: Cha cha cha	D Banda	0:02:00	0:40:00	
24	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Neno sobre actuação de Pares 7 e 8. Passa a VT	D	0:02:30	0:42:30	
25	LSM		Convidado VT2 (Margarida Martins)	D	0:01:30	0:44:00	Saem 7 e 8. Entra Fashion G.
26	Cam	Mesas	JG e SA passam a actuação	D	0:02:30	0:46:30	
27	Cam	Palco	Fashion Gym (Street dance - 26 elementos)	CD Fx.	0:03:00	0:49:30	
28	Cam	Palco	JG e SA falam com eles e passam a intervalo	D	0:03:00	0:52:30	
29	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)	D Banda	0:00:30	0:53:00	
30			INTERVALO				



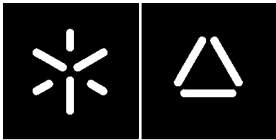
31	LSM		2ª Parte	RM		
32	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)	D Banda	0:00:30	0:00:00
33	Cam	Palco	JG e SA abrem parte e passam a Clip Par 3	D	0:00:30	0:00:30
34	LSM		BI Par 3 -Ana Teixeira e Augusto Henriques	D	0:01:00	0:01:30
35	Cam	Palco + Mesa 3	JG e SA falam com Par 3 . Referem Claque 3 e passam à dança	D	0:02:00	0:03:30
36	Cam	Palco	DANÇA Pares 1, 2 e 3 Estilo: Merengue	D Banda	0:02:00	0:05:30
37	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Micaela sobre actuação de Pares 1, 2 e 3.	D	0:02:30	0:08:00
38	Cam	Mesa 9	JG fala com IRENE CRUZ e passa a Clip Par 5	D	0:05:30	0:13:30
39	LSM		BI Par 5 -Helena Teixeira e Rafael Teixeira	D	0:01:30	0:15:00
40	Cam	Palco + Mesa 5	JG e SA falam com Par 5 . Referem Claque 5 e passam ao Clip Par 6	D	0:02:00	0:17:00
41	LSM		BI Par 6 -Susana Eusébio e Albino Matos	D	0:01:30	0:18:30
42	Cam	Palco + Mesa 6	JG e SA falam com Par 6 . Referem Claque 6 e passam à dança	D	0:02:00	0:20:30
43	Cam	Palco	DANÇA - Pares 4, 5 e 6 Estilo: Merengue	D Banda	0:02:00	0:22:30
44	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Alberto sobre actuação de Pares 4, 5 e 6. Passam a Clip Par 8	D	0:02:30	0:25:00



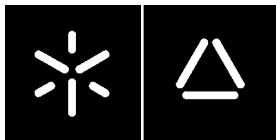
45	LSM		B1 Par 8 -Ana Helena Sousa e Mário Vasconcelos	D	0:01:00	0:26:00	Saem 7 e 8.
46	Cam	Palco + Mesa 8	JG fala com Par 8 . SA refere a Claque 8 e passa à dança	D	0:02:00	0:28:00	
47	Cam	Palco	DANÇA - Pares 7 e 8 Estilo: Merengue	D Banda	0:02:00	0:30:00	
48	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Neno sobre actuação de Pares 7 e 8.	D	0:02:30	0:32:30	
49	Cam	Mesa 1	JG e SA vão falar com VITORINO à mesa e convidam-no a cantar	D	0:04:00	0:36:30	Saem 7 e 8 Entra par tango
50	Cam	Banda + Palco	Vitorino (+ Par de tango) "Alguien le dice al tango" Piazzola/J.L.Borges.	D Banda	0:03:00	0:39:30	
51	Cam	Palco + Juri	JG e SA falam com JÚRI para criar suspense sobre votação e passam a intervalo	D	0:02:00	0:41:30	
52	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)	D Banda	0:00:30	0:42:00	



			INTERVALO					Pares mudam roupa
53								
54	LSM		3ª Parte		RM			
55	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)		D Banda	0:00:30	0:00:30	
56	Cam	Palco	Rancho Folclórico de Sta. Marta de Portuzelo "Chula Picada"		CD Fx. 14	0:03:00	0:03:30	
57	Cam	Palco	JG e SA abrem 3ª parte. JG fala com elemento do rancho e passa a SA		D	0:03:00	0:06:30	
58	Cam	Mesa 9	SA fala com Mariana e chama pares concorrentes		D	0:01:00	0:07:30	Entram todos os pares
59	Cam	Palco e Júri	Votação do Júri para os 8 pares (começando por Alberto Rodrigues, júri pontua individualmente cada par)		D + CD	0:08:00	0:15:30	Música suspense Janelas c/ câm
60	Graf.		Quadro com pontuação dos 8 pares		D	0:00:00	0:15:30	
61	Cam	Palco	JG e SA congratulam Pares Apurados e fazem-nos sair. Fala com Pares excluídos. Lança Clip pares excluídos		D	0:02:00	0:17:30	Saem pares apurados
62	LSM		Clip dos 6 Pares excluídos		CD	0:01:00	0:18:30	
63	Cam	Palco	Entram 2 assistentes com flores para o elemento feminino de cada par excluído. Saem pares excluídos		D + CD	0:01:00	0:19:30	Saem pares excluídos
64	Cam	Mesa 9	JG fala com OLGA CARDOSO E OLGA DIEGUES		D	0:06:00	0:25:30	
65	Cam	Palco	JG e SA chamam Par X e Y. Falam com eles e passam à dança		D	0:02:00	0:27:30	Entram pares X e Y
66	Cam	Palco	DANÇA - Par X e Y Estilo: Paso Doble		D Banda	0:02:00	0:29:30	

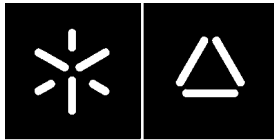


45	LSM		B1 Par 8 - Ana Helena Sousa e Mário Vasconcelos	D	0:01:00	0:26:00	Saem 7 e 8.
46	Cam	Palco + Mesa 8	JG fala com Par 8 . SA refere a Claque 8 e passa à dança	D	0:02:00	0:28:00	
47	Cam	Palco	DANÇA - Pares 7 e 8 Estilo: Merengue	D Banda	0:02:00	0:30:00	
48	Cam	Palco e Júri	JG e SA falam com Neno sobre actuação de Pares 7 e 8.	D	0:02:30	0:32:30	
49	Cam	Mesa 1	JG e SA vão falar com VITORINO à mesa e convidam-no a cantar	D	0:04:00	0:36:30	Saem 7 e 8 Entra par tango
50	Cam	Banda + Palco	Vitorino (+ Par de tango) "Alguien le dice al tango" Piazzola/J.L.Borges.	D Banda	0:03:00	0:39:30	
51	Cam	Palco + Juri	JG e SA falam com JÚRI para criar suspense sobre votação e passam a intervalo	D	0:02:00	0:41:30	
52	LSM Cam		GENÉRICO (grafismo sobre imagem)	D Banda	0:00:30	0:42:00	



BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Manuel Faria de (1978). *Iniciação às técnicas de produção e realização*. Lisboa: RTP - Centro de Formação.
- ALMEIDA, Manuel Faria de (1980). *Cadernos da produção*. Lisboa: RTP - Centro de Formação.
- ALMEIDA, Manuel Faria de (1990). *Cinema e Televisão, princípios básicos*. Lisboa: TV Guia Editora.
- ANG, Tom (2005). *Manual de vídeo digital*. Porto: Civilização Editora.
- AZEVEDO, Mário (2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares. Sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- BARRETO, António (2007). *Prefácio*. In TEVES, Vasco Hogan “RTP, 50 anos de História”. Lisboa: Editora IP Quatro.
- BERGER, John (1996). *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70.
- BOURDIEU, Pierre (1997). *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta Editora.
- BURROWS, Thomas D., WOOD, Donald N. e GROSS, Lynne Schaffer (1992). *Television Production*. Dubuque: WCB Publishers.
- CÁDIMA, Francisco Rui (1995). *O fenómeno televisivo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CÁDIMA, Francisco Rui (1996). *Salazar, Caetano e a televisão portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- CASTRIM, Mário (1997). *Histórias da Televisão Portuguesa*. Porto: Campo das Letras – Editores S.A.
- COELHO, Pedro (2005). *A TV de proximidade e os novos desafios do espaço público*. Lisboa: Livros do Horizonte.
- COSTA, António Gomes da (1997). *A televisão em Portugal – 40 anos de história legislativa*. Lisboa: TV Guia Editora.
- FILIFE, Jaime Magalhães (1980). *Iniciação à televisão*. Lisboa: RTP - Centro de Formação.
- HENRIQUES, Carlos Alberto (1994). *Segredos da TV*. Lisboa: TV Guia Editora.



<http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe60/Do2ProgramaALuaEAo/>,
consultado em 2 de Junho de 2010.

JESPERS, J. (1998). *Jornalismo Televisivo. Princípios e Métodos*. Coimbra: Minerva.

LEWIS, Colby (1968). *Manual do produtor de TV*. São Paulo: Cultrix.

LEWIS, Roland (1996). *101 Sugestões Video*. Barcelos: Ca Editora do Minho.

NEGROPONT, Nicholas (1996). *Ser digital*. Lisboa: Editorial Caminho.

NOBRE-CORREIA, J. M. (2009). *Media e publicidade, o insustentável dilema*. In, “Jornalismo & Jornalistas”, nº 40.

PAGANO, Christian (1971). *Comunicação Audiovisual*. Lisboa: Edições Paulistas.

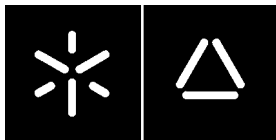
ROSAS, Fernando (1998). *A lenta agonia do Salazarismo*. In MATTOSO, José, (dir.) - “História de Portugal”, vol. 7. Lisboa: Editorial Estampa.

SOLER, Llorenç (1998). *La realización de documentales y reportajes para televisión*. Barcelona: Editorial CIMS 97.

SOUSA, H. e Santos, L. A. (2003). *RTP e Serviço Público. Um percurso de inultrapassável dependência e contradição*. In PINTO, Manuel et. al. – “A Televisão e a Cidadania, contributos para o debate sobre o Serviço Público”. Braga: Departamento de Ciências da Comunicação.

TEVES, Vasco Hogan (2007). *RTP, 50 anos de História*. Lisboa: Editora IP Quatro.

THOMPSON, Roy (2002). *El lenguaje del plano*. Madrid: Instituto Oficial de Radio y Televisión.



GLOSSÁRIO

Acção – ordem com origem no realizador para dar início à representação em frente à câmara, em situação de ensaio, gravação ou em emissão em directo.

Analógico – sistema oposto ao digital. Utiliza pontos de semelhança entre coisas diferentes.

Ar – espaço vazio na composição de um plano: ar em cima, em baixo, à esquerda ou à direita.

“Camcorder” – equipamento que num só módulo é, em simultâneo, câmara e gravador de vídeo.

Campo – porção de espaço abrangido pela objectiva da câmara, limitada pelo seu enquadramento.

Cassete – fita magnética em que é possível gravar áudio e/ou vídeo.

“CD” – abreviatura de Compact Disc. Disco digital de leitura por raio laser.

Central Técnica – sala onde se centralizam as diferentes origens de uma emissão televisiva e as envia para o ar e também, onde se conectam entre si.

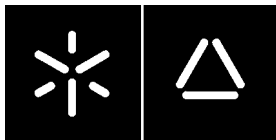
“Chroma-key” – sistema de produção electrónica de efeitos especiais, recorrendo ao princípio da substituição de uma cor padrão (azul, verde ou outra) por uma segunda imagem, a partir da comutação de uma chave (“key”), operada pela informação da presença ou ausência dessa mesma cor.

Claquete – quadro em lousa ou madeira, onde se anotam as indicações relativas ao trabalho registado: título, “take”, vez e número de processo do programa. Possui ainda um dispositivo móvel em que o seu batimento corresponde ao início de uma cena, apresentando-se como a chave para o sincronismo entre uma imagem e o som respectivo.

Código de tempo (“time code”) – sistema numérico normalizado, no qual se especifica o material registado em termos de vídeo e de áudio, compreendendo para efeitos de montagem, um período de vinte e quatro horas. É composto por oito dígitos, correspondendo dois às horas, dois aos minutos, dois aos segundos e dois aos frames.

Corte – ordem dada pelo realizador durante ou no fim de um plano ou “take” para parar tudo o que estava a acontecer. Também pode ser o ponto de transição entre dois planos.

Digital – oposto ao analógico. Sistema que utiliza a forma binária (0 e 1 alternadamente), de modo a manipular informações sem a perda de qualidade da mesma.



Digitalizar – transformar informação analógica em digital.

Directo – programa que está a ser transmitido no preciso momento em que está a acontecer.

Edição – junção de cenas ou de planos, recorrendo a meios mecânicos ou electrónicos, com o objectivo de manter a continuidade da acção. Há a “edição linear” em que para escolher as diferentes cenas é necessário percorrer a cassette e há a “edição não linear” em que as cenas estão armazenadas em formato digital, no computador, encontrando-se disponíveis no imediato.

Estéreo – sistema sonoro em que se utilizam dois ou mais canais dando-nos uma melhor noção de espaço (esquerda, direita, frente e trás).

Exterior – lugar onde uma acção ou um programa pode ser produzido e realizado e que não seja em estúdio.

“Fade in” – corresponde ao aumento gradual de um sinal (som ou imagem) a partir do negro.

“Fade out” – corresponde à diminuição gradual de um sinal (som ou imagem), até atingir o negro.

“Fader” – controlo usado quer em imagem, quer em som, destinado a aumentar ou diminuir o nível de sinal.

Fotograma – é cada um dos quadros que compõem a imagem.

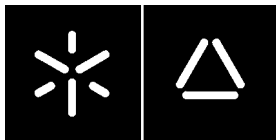
Genérico – títulos com a listagem dos responsáveis criativos, técnicos e de outros intervenientes em todo o processo de produção de um programa.

Grua – sistema usado para transmissões televisivas e que possui um braço que se movimenta sobre um rodado e em várias direcções. Num extremo tem uma plataforma onde se coloca uma câmara e no outro, colocam-se contrapesos. Tem ainda um pequeno monitor junto do operador para que este possa obter os enquadramentos pedidos pelo realizador.

Ilha de edição – espaço normalmente exíguo, possuindo um sistema de conexão entre os diferentes equipamentos com a finalidade de aí serem editados os diferentes materiais gravados.

Iluminação – é o trabalho feito com luz artificial, recorrendo a diferentes projectores, de modo a que incida sobre o cenário e sobre as personagens intervenientes, a fim de conseguir uma exposição correcta.

Insensor de caracteres – equipamento que permite colocar sobre as imagens, letras ou números.



“Live-on-tape” ou diferido – é um programa de televisão, gravado como se fosse emitido em directo, sem qualquer edição e que é transmitido algum tempo depois, conforme decisão da estação televisiva.

“Master” – gravação original feita em cassete e de onde são obtidas as cópias necessárias.

Minutagem – controlo do tempo de duração de cada plano ou cena feito pela anotadora, com o auxílio de um cronómetro.

Mistura final – gravação num só suporte de todas as bandas de som: músicas, ruídos, efeitos, diálogos e vozes.

“Mix” - corresponde ao encadeamento gradual de dois sinais (som ou imagem), entre si.

“Mixing”, mistura ou fundido – passagem gradual de uma imagem a outra, na qual a primeira evolui para negro e a segunda para o seu valor máximo.

Monitor – aparelho que nos possibilita o visionamento dos diferentes sinais (áudio e vídeo) que se encontram a ser exibidos ou gravados.

Montagem – ligação de planos, tanto em filme como em vídeo, feita de um modo sequencial e lógico, permitindo contar uma história, respeitando o sistema narrativo audiovisual.

Orçamento – cálculo prévio acerca das despesas esperadas para a execução de um determinado programa.

“Pixel” – porção mínima que constitui uma imagem digital, equivalente a um ponto na linguagem analógica.

Plano – unidade de registo entre dois cortes.

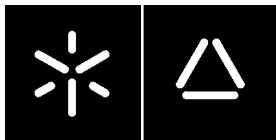
Ponta – porções de uma cena que sobram. Devem existir pontas no início e no fim de cada acção a fim de facilitar o trabalho de montagem.

“Preset” – é a operação que se faz nas câmaras de televisão com o objectivo de lhes fixar e padronizar o ajuste das cores.

“Raccord” – é a ligação entre um plano e o seguinte sem perder a continuidade da narrativa.

Ruído – interferências registradas na gravação, transmissão ou reprodução de vídeo ou de áudio.

Ruído de fundo - fonte de som secundária.



Sinal – corrente que transporta as informações de vídeo e de áudio.

Sincronização – coincidência exacta entre a imagem e o áudio correspondente.

Som directo – som síncrono, obtido durante uma filmagem ou uma gravação.

“Steadycam” – é uma espécie de colete, com um braço hidráulico que suporta uma câmara, e que possibilita ao seu operador, imagens estáveis, mesmo quando ele anda, corre ou se movimenta bruscamente em várias direcções.

“Storyboard” – estudo dos planos que se pretende gravar apresentados em forma de texto.

“Take” – exprime uma sequência gravada sem quaisquer interrupções.

“Timing” - é o entendimento de poder escolher a melhor oportunidade e o tempo de duração de um determinado plano.

VCR (“Video Cassette Recorder”) – é um aparelho gravador e/ou reproduzidor de vídeo e que utiliza videocassetes para esse efeito.

“Video clip” – são excertos, normalmente de curta duração onde existe sincronismo da imagem com um som ou com uma música pré-definida.

“Viewfinder” ou visor – pequeno monitor de imagem, acoplado normalmente sobre uma câmara, cuja finalidade é permitir ao operador ver o andamento de um determinado assunto e a forma como está a ser enquadrado.

Voz “off” – é a inclusão de uma voz num determinado programa, sem a presença na imagem do elemento a que a mesma diz respeito. Corresponde à colocação de uma locução sobre imagens.

“Zoom” – é o progressivo alargamento ou estreitamento de uma parte da cena, com o recurso de uma objectiva específica.

“Zoom in” – termo usado quando, com o auxílio de uma lente de distância focal variável (“zoom”), fechamos de um plano geral para um particular ou próximo.

“Zoom out” – termo usado quando, com o auxílio de uma lente de distância focal variável (“zoom”), abrimos de um plano próximo para um outro mais geral.